

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. J. OLIVEIRA VIANNA	Psychologia das revolu- ções meridionaes	453
TRISTÃO DA CUNHA	Notas do tempo	469
MONTEIRO LOBATO	O Mata-pau (novella)	479
JOSQUIM LISBOA	Um livro prejudicial ao ensino	490
RODRIGO OCTAVIO FILHO	Mario Pederneiras	503
PORFIRIO SOARES NETTO	A concepção federal de Alberto Torres	514
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance).	524
COLLABORADORES	Resenha do mez	537

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 24 - ANNO II

VOL. VI

DEZEMBRO, 1917

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Brasil e Allemanha — Bibliographia — Exposição Chambelland (N.) — Edgard Degas — Notas de Sciencia: O mundo da Lua; O movimento da Terra; A cura do diabetes; Albert Dastre (M. P.) — Na Academia Brasileira — Nunes Machado e a "Praieira" — Brasil e Argentina — Recordações de Silva Jardim — O primeiro voador — As caixas economicas — O Brasil esquecido — Joaquim Nabuco — Os brasileiros e a lingua alleman — O nacionalismo de Ramalho Ortigão — Nietzsche e a Allemanha — Kerensky — Kornilof — O poeta das mulheres — Uma cruzada de creanças — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — Mata-pau, por *Monteiro Lobato*; Mario Pederneiras, por *D. Cavalcanti*; Anchieta, Dia triste, Sol da tarde e Pau d'alho, quadros de *C. Chambelland*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTÓRIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

Aos nossos Assignantes

pedimos encarecidamente que reformem as assignaturas no mais breve prazo possivel afim de não se prejudicar o serviço da remessa.

A pedido de numerosos assignantes, a **REVISTA DO BRASIL** resolveu tirar, desde o proximo numero, uma **EDIÇÃO DE LUXO**, em papel superior, custando a assignatura: anno, 22\$000; semestre, 12\$000. Sendo uma tiragem especial e reduzida, a **EDIÇÃO DE LUXO** deve esgotar-se rapidamente. E' conveniente, pois, que as assignaturas sejam tomadas desde já, afim de que o assignante possa receber tambem o numero de Janeiro em papel de luxo.

Assignaturas para 1918:

Edição simples	15\$000
Edição de luxo	22\$000



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FÁRIA — Escriptório: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE, LEVEN VAMPRE e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptório à rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 508. End. Telegraph. **Condes**.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptório: R. da Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Gênebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13.30 às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifácio 8-A, das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico, S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 às 11 e das 14 às 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptório: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptório: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptório: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Pentendo — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli", Genova (Italia), Piazza Scuole Pio X — Casella 1.459. End. tel. "Bellido".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em casemira Inglesa. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CAS APAULISTA, de Moysés Gandellman — Moveis, camas de ferro esmaltado, colchões, tapetes, etc., a dinheiro e a prestações. Rua Barão de Itapetininga, 14-A — Tel. 3046 Central. S. Paulo.

Joailierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Cortar e enviar o seguinte coupon:

Sr. Secretario-Gerente da "REVISTA DO BRASIL"

Caixa, 1373 - S. Paulo

*Remetto-lhe a importancia de 15\$000 réis para a reforma de
minha assignatura até dezembro de 1918.*

Nome _____

Localidade _____

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realzado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaisquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

PSYCHOLOGIA DAS REVOLUÇÕES MERIDIONAES

(RIO; S. PAULO; MINAS)

V

(Conclusão)

Uma outra causa da brevidade das nossas revoluções meridionaes, e do seu character facilmente aborticio e transitorio, está tambem na especial psychologia dos homens do centro-sul, cuja massa social penetrada de uma profunda convicção na incontrastabilidade e na omnipotencia do poder do Estado, carece de grandes tradições de lucta material contra a autoridade e o governo.

Realmente, o nosso povo, e especialmente o que habita a vasta região dos mattos, teme o governo; sente por elle um receio vago, diffuso, intimo, que é facil surprehender nessa funda crença, que o domina — da impossibilidade de qualquer reacção efficaz contra o arbitrio dos que governam. Para elle deliberação do alto é deliberação irrectratavel. — Ha em discussão no parlamento um projecto, uma medida, uma lei perigosa, perturbadora, revolucionaria, lesiva da liberdade ou da propriedade privadas? uma lei de excepção, um tributo novo, uma obrigação odiosa, uma taxa extorsiva? — Pois bem; escutae, na sua surdina, a voz sussurrante dos campos e das cidades, dos mattos e dos littoraes: — o povo estremece; avassalla-o um receio, o receio que o attentado não se faça lei, que a monstruosidade, a vio-



lencia, a extorsão não se objective; do mais fundo da sua alma palpita, anciosa, uma esperança — a esperança no milagre de uma inspiração feliz, providencial, que demova desse intuito oppressor o parlamento. Em reagir é que não pensa!

— Este estado moral, esta especie de timidez politica, não tem existencia entre esses povos, que aprenderam, como o inglez, por exemplo, a fiscalisar e corrigir os actos do poder. Ali, o povo, que organisa conscientemente o poder, sabe, de tradição e de instincto, até onde lhe vae a competencia e a autoridade; não o teme. Se o poder exorbita, não se demora o protesto: os cidadãos reagem espontanea e naturalmente, brava e galhardamente — pelos comícios, pelas urnas, pelas armas. Porque entre elles o governo não é omnipotente, privilegiado, infallivel, providencial: emerge da vontade popular, que lhe traça, pela lei e pela tradição, os limites da sua iniciativa e discreção.

— Ha nessa timidez politica dos meridionaes do centro uma visivel reminiscencia colonial, que muito logicamente a justifica. Com effeito, estas opimas regiões dos nossos planaltos centraes, são a zona do paiz em que mais energicamente se exerceu a machina possante do poder colonial. Regiões dos grandes redditos da Corôa, porque regiões opulentas das minas de ouro e dos campos de diamantes, aqui a organização administrativa teve sempre por isso mesmo, uma complexidade, uma extensão, uma profundeza e uma efficiencia, que não teve nunca nem nas regiões do norte, nem nas do extremo sul. Pense-se neste governo de puro czarismo, que foi a administração do antigo districto diamantino, com os seus regimentos implacaveis, a sua vigilancia ubiqua, as ferocidades do seu código philippino, as sobrerondas continuas dos seus dragões, e a magestade imponente dos velhos capitães — generaes (4) — e ver-se-á que tudo aqui se preparou admiravelmente para incutir no animo da população a convicção da omnipotencia do poder do Estado.

(4) — Cfr. Felício dos Santos — *Memoria sobre o Districto Diamantino*.



E' este um dos traços differenciaes por excellencia do typo social formado nas nossas regiões centro-meridionaes.

Nessas regiões aridas e ardentes do norte, a irrigação administrativa e policial sempre se fez, ao contrario, de forma morosa e insufficiente, principalmente depois do deslocamento da sede do governo geral da Bahia para o Rio; e, deficiente e morosa na faixa costeira, faltou inteiramente nessas vastas regiões dos altos sertões — centro formador do typo sertanejo, onde a população vive ainda sem tradições regulares de autoridade, em estado de franca anarchia.

Nos pampas do Sul opera-se phenomeno contrario ao do sertão, a autoridade alli se firma vigorosamente; mas ha que contar com a acção differenciadora das guerras platinas, que enrijam, e retemperam a fibra combativa da população — o que permite aos gauchos postar-se diante do Estado numa attitude muito diversa dos centro-meridionaes.

Estes, pelas causas já apontadas, veem no Estado uma entidade omnipotente, como no tempo dos capitães-generaes; contra as suas resoluções sentem-se moralmente desarmados. Pêa-lhes o velho costume colonial de considerar o governo cousa estranha á sociedade e superior a ella, e, por isso, incontrastavel. Feridos pelos agentes do poder, formulam um protesto, ou murmuram uma queixa; mas, renunciam á lucta, e obedecem sempre, resignados, conformados, stoicos.

E' assim, que, resmungões, mas sempre submissos, se deixam explorar amplamente pela classe dos politicos profissionaes, que, seguros dessa obediencia fundamental, os talam, em plena impunidade, com impostos e tributos de toda ordem, municipaes, estaduaes, federaes — n'um desfagado pilha-pilha tributario, verdadeira razzia dos agentes do poder sobre o territorio privado da propriedade e do trabalho. — "Sucia de comedores!" bradam, indignados, mas inertes, atirando á face dos seus exploradores o vitriolo de uma apostrophe causticante. Mas, não vão além; a tradição da autoridade tem nelles a acção paralyzante do *curare*: immobilisa-lhes os musculos, mantendo-lhes lucida e perfeita intelligencia. Alaga-os um estranho receio, um temor surdo, recondito, instinctivo, do poder, da autoridade — do "governo", emfim.



Dahi, dessa lucidez moral contrastando com essa inercia physica, a tortura do ideal politico, o confuso e indefinido desejo de "Sahir disto", a esperanca messianica de um periodo melhor. Dahi a vocação prophetica de um "Salvador" de um "homem" que venha, alfim, acudir o povo, e o regenerar, e o libertar dos seus eternos exploradores. . .

Este é que é, com effeito, o typo do "personagem rei-nante" entre essas populações, tão profundamente compe-netradas de estatismo. No pampa, o typo do grande homem regional, do heróe local, é o homem de acção marcial, o cau-dilho da fronteira, aureolado pelo resplendor das grandes campanhas: Osorio, Bento Gonçalves, Gumercindo, Appari-cio. Nos altos sertões septentrionaes, o heróe é o homem de coragem pessoal, de intrepidez material, de bravura phy-sica, á maneira de Antonio Silvino ou do tradicional Manoel do Riachão, de que falam os descantes do folk-lore serte-nejo. Os homens do centro-sul não comprehendem, nem o heroismo do caudilho, nem o heroismo do bandido; o seu "heróe", a personalidade magnetica e imperante, que cen-tralisa a surda e silenciosa admiração das massas, é o ho-mem de idéas e convicções, o reformador politico, que já rea-lisou, ou em quem elles presentem, por instincto, capacida-des para realizar, — de posse do poder do Estado — um grande programma de regeneração e moralidade publicas.

VI

Uma outra causa subtil attenua tambem consideravel-mente a capacidade desses meridionaes para o facto mate-rial das revoluções armadas. E' essa inaptidão para a ac-ção em conjuncto, esse espirito de insolidariedade, que é tambem um dos traços mais distinctivos da psychologia do homem do sul.

O grito de protesto de qualquer temperamento mais ar-dego e vibrante, mais audaz e impetuoso, não encontra echo no meio social dos mattos. O caudilho theatral e cavalhei-resco, o homem dos grandes golpes e das grandes temerida-des, do typo "libertador", á maneira gaúcha, debalde se agitará na sociedade matuta á procura de um sequito de

caudatarios: o espirito encolhido e tímido, incapaz de solidariedade, do homem da matta, deixal-o-á só, ridiculamente a bracejar no silencio e no vacuo.

Nas regiões septentrionaes das "caatingas", onde se funda e medalha o bronze do typo sertanejo, a massa rural é mais susceptivel de enthusiasmos e mais capaz de solidariedade no campo da lucta material. Ha alli com effeito ainda hoje, caudilhos possantes, capazes de mobilisar rapidamente em horda truculenta, alguns milhares de caboclos, e arremessal-os, intrepidamente, sem vascillações nem temores, em massa cega e compacta, contra as bayonetas do poder. E' conhecida a classica ameaça das opposições nordestas contra as olygarchias dominantes: a ameaça de "agitar os sertões". Porque, opposições e governos, todos sentem o temeroso dessa enorme reserva de instinctos aggressivos, que se occulta, minaz, no fundo dos carrascaes calcinados e bravios.

No sul, em Minas, no Rio de Janeiro, em São Paulo, uma ameaça destas sôaria como disparate e teria para acolher-a a hilaridade geral. Ninguem aqui pensaria nunca em "agitar as mattas", ou "agitar os planaltos" contra o poder constituido; o que faria era fundar um jornal para "agitar a opinião".

VII

Esta ausencia systematica do povo rural é um outro traço typico das revoluções do centro-sul. Excepto no movimento da independencia, em que o interior matuto se faz evidentemente a base de apoio do Principe, de todos os outros movimentos revolucionarios, que aqui se operam ha quasi um seculo, o povo rural, a alta classe, como o pequeno povo, está sempre ausente; delles não participa, nem os comprehende. Essas idealisações afogueadas, essas sagradas indignações da minoria letrada não o abalam, e diante dellas mantem-se indifferente e impassivel. Paga para ficar quieto no seu recanto, operoso nas suas lavouras, feliz nas suas estancias e fazendas. Nisto differe da gente dos pampas e da gente dos sertões, donde não raro tem sahido serias insurreições populares.



No norte, ha sempre, nos fôcos classicos do Ceará e Pernambuco, uma visivel correspondencia, em todas os rebellões alli irrompidas, entre as cidades da costa e as populações do alto sertão. E' sempre em região sertaneja — os Cariry's, por exemplo — o centro inicial do cyclone: dalli é que elle parte, movendo-se em marcha accelerada sobre os littoraes (5). No extremo sul, o pampeiro revolucionario se forma e produz os seus estragos sempre em zonas ruraes, inteiramente fóra do recinto da cidades. Todas as revoluções gauchas affectam um character essencialmente anti-urbano — justamente o contrario do que acontece nas regiões centro-meridionaes.

Nestas, esses complexos e extensos movimentos insurreccionaes não se operam nunca em zonas ruraes, excepto na revolução de 42 (que, aliás, é uma prova da pouca capacidade do matuto para organizar revoluções armadas).

Desta ausencia do povo rural resulta que só as cidades se fazem aqui centros exclusivos de movimentos de rebelião. Em regra, esses movimentos têm uma origem e um character militares; rebentam de subito, colhendo de surpresa os orgams do poder. Quando, porém, revestem um aspecto popular, quem realmente intervem, como elemento dinamico, para lhes dar esse aspecto, é a ralé, a populaça, e não o povo, nas suas expressões mais representativas da burguezia e do proletariado. Quer nos motins regenciaes; quer nos motins do segundo imperio; quer nos da republica como o formado contra a vacinação obrigatoria, todas essas reacções populares affectam um character ochlocraticeo de arruaças e correrias. Sobre nenhuma dellas vê-se sobreparar a autoridade de chefes ostensivos, que representem elementos de prestigio do escól. Os verdadeiros *leaders* desses movimentos, os seus instigadores moraes, não apparecem nunca, ficam na sombra, e deixam a ralé desenfreiar-se li-

(5) — Considerando apenas o periodo republicano na sua phase mais recente. Lembrem-se as hordas de Floro Bartholomeu e do Padre Cicero, descendo até Fortaleza, e assediando-a. E os jagunços de Currallho, muito antes, ameaçando com egual descida a capital bahtana. E ainda a esplendida marcha dos 2.000 sertanejos da "legião libertadora", precipitando-se sobre Therezina, na ultima revolução do Piauhy, e forçando á renuncia o presidente.

vrememente na sua furia subversiva contra a legalidade e o poder.

E' cousa differente o que se passa nas bellas revoluções do extremo sul — as unicas que realmente merecem em nossa historia este nome. Não existe alli populaça — como observa Saint-Hilaire; o povo não surge nunca sosinho no campo da lucta; sempre apparece sob a chefia directa de *leaders* de prestigio: grandes chefes politicos, como em 92, ou velhas e bravas espadas das campanhas platinas, como em 35. Nos movimentos urbanos do centro-sul, o povo, laborioso e pacifico, dá-lhes, ás vezes, o seu apoio moral; mas, assiste, retrahido e esquivo, o desdobrar dos acontecimentos.

Sente-se que o pequeno escól militante, ao formular pela palavra ou pelas armas o seu protesto, não se faz interprete da indignação diffusa ou latente do povo, o seu expoente, o seu reflexo, a sua exteriorisação apreciavel; reflecte tão sómente as suas proprias emoções. Dahi o campo restricto da repercussão dos seus protestos. Estes não empolgam a massa do povo, e restringem-se a um circulo pequenissimo de sympathias. Não ha entre o escól e o povo essa especie de contagação moral electrizante, commum e normal naquellas sociedades, em que os escóes dirigentes e as maiorias dirigidas afinam o seu civismo pelo mesmo diapásão emotivo. A vibração dos cimos não se diffunde nos valles; e o protesto da maioria vibra sem echo, com a repercussão brevissima de uma onda sonora abalando ares rarefeitos.

Em synthese, o que distingue as revoluções civis nas zonas meridionaes é, de um lado, o seu character puramente doutrinario, a sua origem exotica, extra-nacional; de outro, a ausencia do povo. O povo, nos seus elementos realmente representativos, não participa dessas revoluções: *primo*, é diminuta a sua capacidade combativa; *secundo*, porque não lhes sente bem as razões e os fins; *tertio*, porque o seu manifesto estatismo o faz crente da omnipotencia do Estado. De modo que a minoria intellectual, que aqui é quem protesta e organisa a reacção, não podendo appellar para o



grosso da população, é obrigada a appellar para a ralé recorrendo á populaça dos motins. Ou então, á força armada: dahi o seu appello costumeiro aos quarteis.

Em regra, porém, esses recursos á violencia material, á reacção pelas armas, não é procurado. O homem do meio-dia, dentro da logica do seu temperamento, prefere os meios intellectuaes de reacção. Transmudando a sua combatividade num fogo de intelligiancia, busca nas agitações da pena e da palavra, ao contrario do sertanejo e do gaúcho, o desafogo contra a oppressão. Eis a razão do character habitualmente platonico das agitações liberaes ao sul, do seu tom sempre oratorio e doutrinario.

— Este contentar-se, nas suas reacções politicas, apenas com as expansões da rethorica e do verbalismo, esta preferencia pelas luctas da intelligencia, este desamor pelas brutalidades da lucta material: — taes, em summa as qualidades mestras do temperamento politico do homem meridional.

— Estas qualidades exercem, em nossa historia, uma função verdadeiramente providencial. São ellas, na verdade, que nos permitem realisemos, sem abalos violentos, sem luctas fraticidas, no meio da tranquillidade e da paz, a obra urgente da organisação da nossa ordem legal e da fundação do nosso poder civil. Tarefa cyclopica, que os nossos irmãos latino-americanos só realisam atravez difficuldades infinitas, no meio das mais sangrentas e prolongadas commoções civis, entre o estrepito e o clarão das batalhas, e os horrores da anarchia e da guerra.

VIII

Realmente. — O estudo comparativo dessas novas sociedades com as velhas sociedades europeas, na sua historia, na sua estructura, nos factores que realisam a sua formação, mostra com evidencia quanto profunda é a differença organica entre esse typo social, que se forma no ecumeno americano, e o velho typo social, formado nos ecumenos de origem. Um e outro assentam-se sobre bases diver-



siíssimas, revelam cada qual uma organização específica, com uma economia absolutamente pessoal e uma psychologia, que reflecte em todas as suas manifestações o cunho dessas singularidades naturaes. Os problemas economicos, sociaes e politicos dessas novas sociedades exigem, por isso mesmo, nas formas do seu equacionamento, a ponderação de dados absolutamente novos, de que nem de longe os pensadores e estadistas occidentaes podiam, ou podem, suppor a existencia.

Entretanto, essas jovens nacionalidades costumam resolver os graves problemas, que interessam a sua propria organização, adoptando as soluções que lhes dão os velhos povos e as velhas civilizações do occidente. Erro funesto, erro colossal, que deriva da singular recalcitrancia dos seus escóes dirigentes em não quererem reconhecer a ordem de cousas inteiramente novas, que se crea com a trasladação da civilização europea para esses centros originalissimos de transmutação social, que são os novos continentes descobertos.

Dessa illusão e desse erro é expressivo exemplo a maneira por que esses escóes resolvem, na phase critica da emancipação colonial, os dous problemas centraes da organização do Estado: o problema da liberdade e o problema da autoridade.

No mundo europeu, o grande problema da organização da autoridade, que é para as nacionalidades americanas o problema supremo, antecede todos os outros, e é allí resolvido mais pela fatalidade das forças sociaes e historicas, em conjugação com os agentes ethnicos e geographicos, do que propriamente pela força racional do pensamento e da palavra. Esta se reserva para a solução do outro problema, posterior na ordem chronologica ao primeiro, mas mais seductor ao espirito das maiorias populares: o problema da organização da liberdade. Problema de origem philosophica, é somente depois de uma secular preparação dessas sociedades sob regimens da força e da autoridade, que surge e afflora no seio dellas para ser estudado e resolvido. Trata-se de pôr limites effectivos a esta força organisadora, que se fizera tyrannica, e pôr ao alcance do povo esta autoridade,



que se fizera exclusivista e aristocratica. Dahi essa serie de instituições e franquias, que amparam os cidadãos contra os abusos do poder. Dahi as garantias do povo contra a usurpação aristocratica. Dahi as regalias do regimen parlamentar. Dahi o regimen representativo. Dahi o suffragio popular. Dahi a autonomia dos grupos locais, e o principio do *self-government*.

Estas aspirações pela liberdade e estes preconceitos contra a autoridade attingem no velho mundo o seu climax febril, na epoca justa em que as novas sociedades americanas, emancipadas do poder colonial, emprehendem a tarefa da sua propria organização politica.

Ora, reflectindo, de uma maneira automatica, estas idéas, que dominam por inteiro o pensamento europeu, os escóes americanos fazem do problema da organização da liberdade a questão primeira e basilar das suas edificações constitucionaes; e das aspirações europeas as suas aspirações; e dos odios europeus os seus proprios odios. Temem, como os europeus, a "autoridade" que procuram enfraquecer e embaraçar; quando tudo, nestas sociedades anarchisadas exige que a fortaleçam, e a enrigem, e a desembaracem. Temem "o poder central"; quando, nestas novas sociedades, este poder nunca foi oppressor e sempre, ao contrario, se fez força defensiva e protectora dos cidadãos contra as violencias e as usurpações da caudilhagem provincial. Temem as "organizações aristocraticas"; quando, nestas sociedades, falhas de educação democratica, estas organizações seriam uma força preciosa de cohesão, coordenação e governo. Temem a "preponderancia do poder nacional" e querem a "soberania local"; quando tudo mostra que, nestas sociedades, ainda dispersivas, fragmentarias, desunidas, a questão principal da sua politica nacional é uma questão de integração, de unificação e de synthese!

Contra os inconvenientes deste liberalismo excessivo as velhas nações européas tem, porém o correctivo dessas altas virtudes que lhes incute o longo periodo guerreiro porque passaram, e que lhes consolida, com o senso profundo da legalidade e da autoridade o sentimento superior e domi-



nante da unidade política. De modo que essa hegemonia que dão ao principio da liberdade, não os perturba na ordem da sua vida interior, nem os desarticula na sua integridade nacional.

Despidas dessas vigorosas tradições moraes, as novas nacionalidades americanas não podiam offerecer equal resistencia a essas forças da dissolução e da desordem. Para ellas a adopção systematica e cega das instituições do liberalismo europeu importaria, como importou, seguramente, no sacrificio inevitavel desses dons principaes viciaes: o da autoridade, pela *anarchia interna*; o da unidade nacional, pelo *separatismo*.

Separatismo e anarchia: de um e de outra escapamos nós. Porque?

IX

Pela ausencia, na historia da nossa formação nacional, os agentes efficazes de integração social e de integração politica, o problema principal da nossa organização, no momento da independencia, é o mesmo das outras nacionalidades latino-americanas: de um lado — um problema de autoridade e disciplina; de outro — um problema de concentração e unidade. Dar consistencia, unidade, consciencia commum a uma vasta massa social, ainda em estado ganglionar, subdividida em quasi duas dezenas de nucleos provinciales, inteiramente isoladas entre si material e moralmente — eis o primeiro objectivo. Realisar pela acção racional do Estado o milagre de dar a essa nacionalidade em formação uma subconsciencia juridica, criando-lhe a medulla da legalidade, os instinctos visceraes da obediencia (á autoridade e á lei, aquillo, emfim, que Ihering chama o "poder moral da idea do Estado", (6) eis o segundo objectivo.

(6) — "Entendo por poder moral da idea do Estado todos os motivos psychologicos que militam em favor do Estado quando a lucta se estabelece entre elle e o povo: — a comprehensão da necessidade de manter a ordem social; consciencia do direito e da lei; o temor do perigo para as pessoas e para a propriedade que toda a perturbação da ordem inspira; o temor das penas." (Ihering — *Evolução do Direito*, pg. 220; 174 ss.)

Problema, como se vê, de estruturação e ossificação de nacionalidade. Problema, pois, de condensação, de concentração, de unificação, — de synthese. Problema portanto, cuja solução somente seria possível pela acção consciente da força organizada. Quer dizer, pela instituição de um Estado centralizado, com um governo nacional poderoso, dominador, unitario, incontrastavel, provido de capacidades bastantes para realisar, na sua plenitude, seus dous grandes objectivos capitaes — a fundação da nacionalidade e a organização da sua ordem legal.

Esta solução racional, objectiva, organica, essencialmente americana — porque nella se reflectem todas as nossas necessidades nacionaes; esta solução pratica e concreta da nossa organização politica exige, porém, para a sua effectuação, temperas feitas para as grandes abnegações do patriotismo, isto é, capazes dessa coragem infinita: a de contravir ostensivamente a essas ideas de liberdade, que clareiam com a sua alvorada o horisonte da politica europea e que aqui são como que o proprio oxygenio da atmosphera mental, que todos soffregamente respiramos.

Dessa coragem infinita, dessa infinita abnegação só são capazes entre nós alguns temperamentos de eleição, calmos, frios, calculistas, nutridos de objectividade e feitos de sensatez, prudencia e equilibrio. Formam uma minoria diminutissima — uma minoria de refractarios, altiva, orgulhosa, desassombrada, com a energia moral sufficiente para se conservar sobria no meio da embriaguez geral.

Entre esses reaccionarios audazes estão as maiores figuras da nossa historia. Chamam-se Olinda, Feijó — o maior de todos — Bernardo de Vasconcellos, Evaristo, Paraná, Itaborahy, Eusebio, Uruguay, Caxias — a nossa maior espada. Rotulam-se sob o nome de conservadores extremados, conservadores moderados, progresistas e mesmo liberaes moderados. Todos sentem uniformemente, como Vasconcellos depois da sua heroica apostasia, o perigo que para a nossa joven nacionalidade ha na adopção incondicional e immediata desses grandes institutos liberaes, que formam o substractum do direito publico europeu, sendo, no fundo, tambem liberaes, porque homens do seu tempo, o que os



distingue dos verdadeiros e puros liberaes é que nelles o entusiasmo pela liberdade e pela democracia não chega a turvar nunca a clara consciencia, que teem, das nossas realidades e dos nossos destinos americanos. Tentam por isso, dar, e dão effectivamente, ao problema politico uma solução conciliatoria; organisam um governo monarchico, constitucional, unitario e parlamentar, com o principio semi-aristocratico da vitaliciedade do Senado e do Conselho do Estado. Porque comprehendem, com a mais lucida percepção das realidades, a differença profunda entre os fins do Estado nas novas nacionalidades americanas e os fins do Estado nessas velhas nações europeas, já organisados e integrados sob a acção prolongada de um regimen multiseccular de autoridade religiosa, de autoridade aristocratica, de autoridade absolutista, de autoridade nacional.

Em torno delles e da sua serenidade, digna dos varões fortes das Escripturas, ruge, em unanimidade revolta, a opinião liberal do paiz. Esta, de accôrdo com os estadistas inglezes, teme o poder real e quer o parlamentarismo; de accordo com os convencionaes francezes, teme a aristocracia e quer a democracia e o liberalismo equalitario; de accordo com os publicistas americanos, pleiteia pela descentralisação e pela federação, isto é, pelo triumpho dos particularismos provinciaes. Contra esse pugilo de audazes, que intrepidamente a contem, a refreia, a contrabate, ella move e desencadeia rajadas de apostrophes, de apodos, de epigrammas, de anathemas fulminadores. São pampeiros vertiginosos, que sobem do sul. São tufões electrizados, que descem do norte, ardentes como o rescaldo das soalheiras. Revibram, clareiam, ozonizam a nossa atmosphera politica — porque carregam nas suas ondas, cheias de violencia e de brilho, as energias mais essenciaes e caracteristicas da intellectualidade da raça: e valem apenas por isto.

Estes pampeiros, estes tufões, estas rajadas, em cujo seio deflagram, como relampagos, as coleras do liberalismo, não atemorizam porém, nem abalam, na sua convicção da verdade, estes varões sobranceiros e fortes, que tomam aqui a missão heroica de dar, pela força rectificadora e organisadora, da autoridade, a essa nacionalidade amorpha



incohesa e dispersa: consistencia, massa, fibra, nervo, os-satura, character. No meio dessas procellas de invectivas e apodos, estão calmos. No meio desse coriscar de epigrammas, e sarcasmos, estão tranquilllos. No meio dessa fulminação de anathemas, estão seguros. De quando em quando, deixam cair, implacaveis, com a espada e a estrategia de Caxias, sobre o tumulto liberal e os seus agentes, ao norte e ao sul, o peso disciplinar da mão de ferro da legalidade. Feito o que, proseguem, impassiveis, a grande obra constructora.

X

E' aqui que se começa a comprehender a função providencial dessas populações centro-meridionaes, o valor inestimavel das suas virtudes pacificas e ordeiras, dos seus instinctos de brandura e moderação, do seu horror de sangue e lucta. Estas populações são a força ponderadora da nossa vida politica. Estas populações concorrem com a maior porção na formação do escól dirigente. Estas populações exercem uma ascendencia immensa sobre os grupos de população, que lhes ficam ao sul e ao norte. No meio dellas está a cabeça do poder, o centro do governo nacional, a séde da realza e do parlamento. Nessa lucta entre as aspirações liberaes e o principio da autoridade, tivessem o liberalismo e a democracia, aqui, para auxilial-os como tiveram no norte e no extremo-sul, a lança do guerrilheiro ou o canção do jagunço, e a grande obra de organização nacional estaria contraminada e destruida.

São conhecidos os factores que determinam a fixação do governo nacional neste ponto do littoral do sul. Outra fôra a componencia dellès, e o centro do poder nacional se teria conservado no norte, ou deslocado mais para o sul e fixado no pampa, ou dentro da area da sua influencia regional. Fixada, porém, a séde do governo geral ao norte ou no extremo sul, este facto teria inquestionavelmente exercido uma acção consideravel sobre a nossa ulterior evolução politica. Considerando a capacidade combativa dos nossos bravos campeadores do sul, em cuja formação social e politica não são estranhos os tumultos da anarchia platina, e,



por outro lado, levando em conta a inexauribilidade desse fecundo viveiro de combatentes temíveis, que são os nossos sertões do noroeste, onde vivem, segundo Euclides da Cunha, os homens mais bravos e mais inúteis da terra; claro é que, vingada uma dessas duas hypotheses extremas, os políticos da escola conservadora não teriam tido para o seu grande programma organisador as facilidades de execução, que tiveram, nem nós nos havíamos beneficiado com a evolução, com que nos beneficiamos: sabia, commedida, equilibrada, conservadora, autoritaria, centralista, reflectindo toda ella a psychologia dos *leaders* do centro-sul. Teriamos tido, de certo, os excessos do liberalismo republicano, ou os delirios do theorismo democratico, o que equivaleria para a nacionalidade a anarchia, a desintegração e a morte.

Dessa catastrophe tremenda nos salva o espirito conservador, a tempera moderada e cáuta, a brandura de sentimentos das nossas populações meridionaes. Graças á morigeração e á mansuetude dos mineiros, dos fluminenses, dos paulistas, os Feijós, os Vasconcellos, os Itaborahys, os Paranás, os Eusebios, os Uruguays, encontram em derredór de si campo perfeitamente livre para o pleno desdobramento da sua acção legalisadora e centralista.

Pela ascendencia moral que essas populações possuem sobre toda a nação, o exemplo, que porventura dessem, de desobediencia, de rebellão, de contumacia na reacção contra essas medidas salutaes de centralisação e legalidade, teria sido infinitamente mais perigoso do que o dos grupos do norte e o do extremo-sul. Dada a sua especial situação de contiguidade com a séde do governo, elles se teriam constituido, com esta attitude insurreccional, numa gravissima e permanente ameaça á estabilidade e á segurança do poder central. Mais do que isto: teriam naturalmente desencadeado, pela força contagiosa da imitação, a torrente, da revolução sobre todo o paiz. Mas, o exemplo da sua obediencia e do seu acatamento á politica desses grandes organisadores nacionaes, isola e neutralisa, ao contrario, nos seus focos regionaes de irrupção, a rebeldia do norte e a rebeldia do sul; e, quando não as isola e neutralisa, as reduz, em muito, no seu poder de contagio e expansão.

Este conjuncto de causas favoraveis á acção construtora falha inteiramente entre as nacionalidades hispano-americanas — e é este um dos traços mais distinctivos entre ellas e nós. Os Sarmientos, os Rivadavias, os Portales, os Gusmans Blancos, ao contrario de nós, encontram diante de si apenas populações, em quem os instinctos da turbulencia e da lueta estão em permanente vibração. E' ingente, por isso, o esforço que dispendem para organizar entre ellas a construcção da ordem civil e fundar sobre bases estaveis o principio da autoridade.

Para os que, como nós, nunca conheceram os horrores da anarchia americana não é facil imaginar o titanismo dessa lueta formidavel entre esses possantes constructores de nações e o poder dos grandes caudilhos (7). Medite-se, porém, um momento, na animalidade desses prelios immensos; na perda incontavel de vidas e riquezas, que elles representam; nas suas devastações, nas suas assolações, nas suas mashorcas, na caudal de sangue, que dellas borbotam e escorre — e ver-se-á então o beneficio precioso e inestimavel, que é para nós essa repugnancia natural á violencia, á carniceria e ao saque das nossas populações meridionaes. Mais do que ás circumstancias historicas e politicas, que cercam o berço da nossa independencia, e nos envolvem a existencia durante a nossa adolescencia sob o imperio, é a essas virtudes pacificas, a essa tempera doce e cordata, a esse espirito cauteloso e prudente, a esse innato desamor ás brutalidades da lueta armada, que devemos o termos podido ser, aos olhos das velhas dynastias e das grandes democracias europeas, o exemplo radioso e solitario da ordem, da estabilidade e da paz nesta parte do mundo, tão frequentemente sacudida pelo abalo das revoluções.

F. J. OLIVEIRA VIANNA.

(7) — V. Garcia Calderon — *Les democracies latines de l'Amérique*. E tambem a obra admiravel de Domingos Sarmiento — *Civilisacion y barbarie*.



NOTAS DO TEMPO

Esta guerra fez mal às intelligencias, assentadas na paz. O mundo entrou todo na acção, que é do reino da sensibilidade. A luz precaria do pensamento dança envolta e quasi apagada na onda do sentimento. Aos que não têm função no conflicto resta evitar que a luz se apague, e procurar entender os movimentos obscuros da humanidade. E é ainda um modo de cada um se buscar a si mesmo, na confusão dos valores acceitos.

Vim a compor estas notas, ao longo da calamidade grande e triste. Dellas recolho algumas, ao acaso. E' claro que a ultima já não vem do mesmo espirito que a primeira. Nem se sabe quando acabarão as mudanças. Uma coisa cuido que nos fica, e o beneficio della é bastante: a segurança de que a livre civilisação latina já não corre risco de ser escravizada por um caporalismo anachronico.

1914-1917

Nós podemos viver muitas vezes em estado de sitio, e nem saber porque, mas amamos a liberdade. Amamol-a até melhor, como um bem afastado, tanto mais precioso quanto mais remoto. Por isso a tentativa de prussianisação da Europa revoltou-nos a opinião. Não tendo ainda comsigo o thezouro excellente, ella o quer respeitado e inteiro em mão alheia, para que se não perca do mundo a imagem do seu desejo. E isto é um bom signal.



Os povos sul americanos temeram tambem por sua segurança. Ao arbitrio vigente nestes climas, periodico e desigual, muita vez excessivo, mas outras muitas divertido e pueril, e sempre entrecortado de liberdades infinitas, viriam talvez substituir-lhe uma constante e minuciosa tyrania, com aquelle supremo vicio da violencia tudisca: a gravidade pedagogica.

Houve, é certo, os que ingenuamente clamaram pela ordem teutonica, forte e irrespiravel, armadura solida mas tão pezada que suffoca o homem livre, ao mesmo passo que o protege. Esses não viam o preço da defesa.

Rivarol já ensinou que a disciplina deve pesar como um escudo, não como um jugo.

Caso extranho e raro: a opinião brasileira, que tanto depende da imprensa, desta vez se affirmou sem ella, e quasi contra ella.

A invasão da Belgica produziu uma revolta de consciencia universal. Mas foi menos uma questão de factos que de pessoas. O nosso espirito não detesta a ideia de submeter, mesmo sem consulta, regulos africanos ou ilhas das Indias Occidentaes, a uma tutela que, ao preço inevitavel da autonomia politica, lhes traga uma somma de beneficios que elles seriam ainda incapazes de obter por si. E' util e necessario impôr ás crianças a autoridade paterna ou magistral. Mas é inconcebivel querer extendê-la a homens maduros.

A Belgica tinha chegado a combinar cultura e civilização em grau que o Imperio allemão nunca vira. Tinha, como elle, ordem e prosperidade material. E, mais que elle, a liberdade individual. E Maeterlinck, Verhaeren, Constantin Meunier...

Brutalisar, destruir este modelo de nação policiada e livre é, mais que um crime, uma estupidez.



A unica superioridade da Allemanha sobre a Belgica, a do numero, é precaria. Os imponderaveis deviam arrastar consigo o numero tambem, forças extremamente ponderaveis e duras, como estamos vendo.

Esta guerra, que o caporalismo prussiano preparou longamente, com o auxilio de um povo hypnotizado, vai-lhe revelando um defeito supremo, maior talvez que a ferocidade e a fraude, — a inintelligencia.

Falta de intelligencia, a falta de gosto, eis as duas fontes profundas de todos os crimes.

Recomeça a disputa de saber se o direito prefere á força. Mas o direito é a força, em modalidade de equilibrio social. E' a força contida pela força, é o fraco apoiando-se, contra o forte, a um terceiro mais forte. Na vida civil é o Estado, tambem o poder do habito, o qual acaba por dominar as sensibilidades, e se nomeia Moral. Na vida internacional, além das alianças, ha ainda as convenções, pouco solidas, mas solidas ao cabo, pois já tinham creado para as nações verdadeiros habitos de sensibilidade. Um tratado bem feito não é cousa commoda de evitar, e os mais finos diplomatas têm de applicar nisso o seu melhor sentido. O proprio Bethmann-Holweg entregou-se laboriosamente a estes exercicios, nos quaes, não sendo subtil, se atolou pesadamente.

Tudo prova que existe no mundo occidental um estado de espirito já inimigo de fraudes cruas e de violencias.

Para reduzir um tal espirito, a Allemanha calculou mal a força do adversario, que póde ir ao infinito.

Força, na ordem biologica, é o que domina. E' o toureiro vencendo o touro, o avião destruindo o Zeppelin, as



combinações da intelligencia governando a massa.

A Allemanha confundio a força com o pezo.

Dous elementos de calculo não falharam aos Alle-
mães: o poder da mentira e a timidez dos neutros.

Entre os neutros não faltam partidarios ingenuos do grupo allemão. A força apparatusa impressiona sempre aos timidos.

E ha o gosto das phrases. Aquella nomenclatura confusa e pomposa, inseparavel de tudo quanto é genuinamente germanico, leva um profundo assombro aos espiritos simples, que vivem de discursos sonoros, e gostam de complicar. E' um encontro de mentalidades primitivas.

E neste encontro entra tambem a alliança, bem tudesca, do sentimentalismo e da ferocidade.

Ha os que sympathisam indistinctamente com qualquer malfeitor, e que os matadores de mulheres acham sempre dispostos á piedade.

E ha os que não querem ir com a maioria. Mas esses devem de andar muito pobres de originalidade para se verem reduzidos a busca-la numa tal associação.

Foi dito que esta guerra é a fallencia do pacifismo. Ella é a fallencia de muitas outras cousas, e, entre ellas, do militarismo. A Allemanha, com um grande imperio colonial, um lugar privilegiado na industria e navegação, ja ter certamente o predominio no commercio, ajudada nisso até dos seus defeitos, da sua compleição obediente e accommodaticia, que praz ao freguez. Está em artigos de perder tudo, graças ao seu militarismo.

Fallencia do militarismo, e talvez consagração da defensiva, o que fará reflectir no futuro as nações amigas de invadir. A França, mal preparada, resistio victoriosa-



mente ao assalto organizado durante longos annos. E os allemães rechassados, ha dois annos se defendem quasi na mesma linha.

E' que esta não é uma guerra de exercitos, á maneira classica, com um resultado convencional, porque acceito sem exgotamento effectivo de qualquer dos lados. E' uma guerra de nações, e a defensiva de um povo que não quer morrer é infinita. O tempo das nações é longo.

Depois, estamos no reinado das machinas, cujos movimentos não são os dos homens.

O melhor mestre do famoso Estado Maior Allemão pregava a offensiva estrategica e a defensiva tactica, a manobra para a occupação dos pontos favoraveis, e fazer se atacar ahi pelo inimigo. Foi Joffre quem o realizou. O homem de genio derrotou os pedantes.

Nesta campanha de surpresas, as previsões militares que se cumpriram, é com impressionadora exactidão, foram as de philosophos e artistas: Jean de Bloch, Wells, Conan Doyle.

Don Quichote, por ter lido demais, perdeu a noção da realidade, e acabou mal. Não foi qualquer cousa assim que succedeu aos pesados doutores de Potsdam?

Aquella admiravel Elizabeth de Baviera lembrava finalmente a differença entre a cultura e a civilisação, que é o progresso material e exterior.

Ella conhecia bem o seu povo, que possui a civilisação, e ainda não sabe o que é a cultura, de que tanto fala.

A mentalidade alleman, certamente solida, é, não menos certamente, primitiva e tarda em relação ás outras.



Basta notar-lhe a puerilidade elementar da lingua, a um tempo *analytica* e confusa.

Para exprimir a ideia de grandeza, o Italiano, o Hespanhol e o Portuguez, dizem "grande", o Francez e o Inglez "grand", palavras diferenciadas. O Allemão ainda diz a tudo "gross".

Não é mais que pronunciar estes adjectivos, e temos uma lição de *psychologia*.

O alcool é o homem. O Italiano embriaga-se de vinho, pueril e divino, o Francez de absinthe, com sua loucura subtil. O Inglez tem o aspero whisky, o Allemão a cerveja pesada.

Quando a Allemanha impoz ao mundo o regimen de paz armada, que já é ao cabo um estado de guerra, não observou que um exercito de 50 mil homens vale tanto como o de 1 milhão, desde que as forças do adversario cresçam proporcionalmente e mantenham a relação.

Os povos allemães, hypnotisados pelo seu militarismo, entregaram-lhe tudo quanto tinham de qualidades fortes e uteis, renunciando á liberdade, de que, sem a terem conhecido inteiramente, já andavam muito mais visinhos quando o individualismo vivia entre elles. E a producção intellectual soffreu logo desse regimen, irrespiravel ao espirito.

Dos quatro grandes allemães da segunda metade do seculo XIX, Heine, Schopenhauer e Nietzsche odiavam abertamente a Allemanha; e Wagner só poudo viver na Baviera num mundo inteiramente artificial.

E' curioso, e, para os amigos da cultura, consolador, vêr que são os povos mais requintados e policiados os que



mais fortemente conduzem esta manifestação primitiva de energia que é a guerra.

E o heroísmo destes combatentes é tanto mais notável quanto não se nutre de illusões. É o heroísmo total, absoluto. A patria estará salva, mas triste.

Esta guerra curará talvez os homens da illusão guerreira, e por isso é útil.

A batalha ha muito que não era mais o espectáculo romantico, luminoso e global, visto do ceu. Fabrizio del Dongo foi o primeiro que notou a realidade, porque Stendhal escreveu o que viu.

Mas hoje nem é já aquelle canto de campo onde um grupo de cavalleiros passa, agita-se, espalha-se, deixando alguns mortos. É uma armadilha da morte, que o homem espera passivamente durante mezes, mordido de frio e de horror; e quasi sempre espera em vão. É um tédio pa-voioso.

Diminuiu-se a morte, tanto pela multiplicação como pela maneira. Foi-se o golpe cavalheiresco trocado com o adversario á luz do sol. Hoje é um accidente de bombardeio, mechanico, anonymo e banal como um encontro de trens.

Os que sabem tudo isso e marcham, homens de paz desabusados e scepticos, desprendidos da eternidade, es- ses o uso da morte os tornou sobre-humanos.

O homem teme o desconhecido, não o perigo. O perigo quotidiano é uma fêra domesticada. Tantos correm a cada hora grandes riscos, de que não dão fé por costume. A vida está sempre ao pé da morte.

O desconhecido é o reino sombrio da imaginação, que é absoluto. Na realidade o homem reage.



Mas até entender e analysar a tremenda catastrophe desta guerra, que immenso prodigio de coragem, o que revelou subitamente o nosso tempo!

Eu penso que não existem palavras dignas d'estes homens. Só uma admiração calada e grande.

Pois houve quem lhes tentasse chicanar a gloria incomparavel, transferindo para Jeanne d'Arc, para milagres e aparições, este milagre de energia humana.

O espirite de sachristia tem tristes achados.

Mas nem todas as gentes da egreja andam nesse espirito. A universalidade do catholicismo está tambem em que nelle cabem modos varios, e até oppostos. Um dos curas de Cherbourg é a um tempo piedoso e precavido. Tratando do modo por que a Allemanha preparou a invasão por mar ás costas da França, e de como a esquadra ingleza a impedio de chegar lá, escreve:

"Assim parece justo dizer que a nossa região foi poupada graças á protecção divina sem duvida, mas tambem á intervenção da Inglaterra."

O bom cura me faz pensar naquelles santos marciaes do Velho Testamento, os quaes sabiam que o ceu preza as grandes esquadras, não menos que os grandes batalhões.

Os navalistas inglezes, sustentando que a esquadra bastava para a defesa do reino, não andavam talvez muito longe da verdade. Em setembro de 1914 a Allemanha teve uma occasião unica de invadir a Inglaterra. O pequeno exercito inglez estava todo em França. Um exercito entrando em Londres levava a victoria certa e prompta sobre o mundo. A Allemanha terá pensado nisso, e com que desejo! Mas nem o tentou.

Contam que o velho Moltke, homem de formação anterior ao delirio imperial, e assentado na realidade, declarava saber muitos modos de levar um exercito á Inglaterra, mas nenhum de o retirar de lá depois.



Esta esquadra ingleza nos está mantendo; a nós ribeirinhos do Atlantico, livres e commodos. Sem ella, a Allemanha passava-se para estes mares, e incorriamos todos na sorte da Belgica.

O interesse da Inglaterra no conflicto (todas as obras humanas estão ligadas a um interesse, material, sentimental ou esthetico) é a manutenção do equilibrio existente no mundo, equilibrio que o genio da sua raça ensinou, um maximo de liberdade na ordem. E' o interesse do grão-senhor elegante e moderado, contente do seu lugar. E' ao cabo o interesse de todos.

A Allemanha é o "nouveau-riche," tanto ou mais rico, porém deslumbrado da sua propria fortuna, e insatisfeito, querendo comprar titulos, como Isidore Lechat. Mas ha cousas que não se compram.

E, visto que ha de haver sempre hegemonia, é melhor termos a dos homens de gosto e a das nações discretas.

A Italia ainda não entrou propriamente na guerra. Mandou-lhe o seu exercito, mas a nação ainda continua como nos tempos em que a guerra era simplesmente um negocio de soldados, limitado ás zonas de operação. Ella terá que chegar onde chegaram a França e a Inglaterra, ao trabalho immenso, doloroso e grave, em que todos trabalham obscuramente.

Naquella terra luminosa os gestos são bellos. D'Annunzio venceu Giolitti, e que soberbo e symbolico espectáculo! Longe dos negocios e das intrigas politicas, vestidos de branco sobre as montanhas de neve pura, os soldados matam e morrem por um sonho, tendo a guial-os um grande poeta voando em pleno ceu.

Ah, *pianta latina!*

O acontecimento é tão grande que ainda não achou o seu chronista.



A literatura da guerra está trabalhando o detalhe. A dos escriptores academicos, desequilibrados pelo desastre, tem sido menos que mediocre. Com os melhores virá a ser boa, quando começarem a entender a inspiração.

Mas ha a dos que viram o inferno. Esses viram cousas novas e extraordinarias. Ha H. Barbusse, Izabelle Rimbaud...

E ha principalmente os que a batalha formou, ou assignalou: uma enfermeira, alguns soldados e sobretudo Denis Thévenin, que nos vai dando as paginas do seu grandioso diario tragico. Eu o tenho por um escriptor absolutamente admiravel.

O autor da **Grande Illusão** affirmou que não teriamos esta guerra, porque ella seria uma tal ruina para todos que todos recuariam á ultima hora. A verificação está mostrando que a prophécia era falsa, porém o raciocinio justo. A's vezes os factos não têm razão. Mas a humanidade acostumou-se a acreditar numa relação necessaria entre as previsões logicas e o acontecimento. A logica da vida é a falta de logica.

TRISTÃO DA CUNHA.



O MATA-PAU

Pincaros arriba e perambeiras abaixo, a serra do Palmital escurece de mattaria virgem, sombria e humida, tramada de taquarussu's, afestoada de pócas, com grandes arvores velhas por cujo tronco e galhaça atrepam cipós, escorre a barba de pau, e adherem musgos.

Quem sóbe da varzea, transpostas as capoeiras da raiz, ao emboscar-se de chofre no frio tunnel vegetal que é ali a estrada, inevitavelmente espirra. E se é homem das cidades, desaffeito aos aspectos bravios do sertão, depois do espirro abre a bocca, pasmado da paulama. Extasia-se ante as copas graciosas dos samambaiussu's, que na sua botanica analogica confunde com palmeiras, ante as borboletas, azues, ante as orchideas, os lichens, tudo.

Soffrea o animal sem o sentir; mas não pára. Vaé parar adiante, na Volta Fria, onde um broto d'agua gelada, fluente por entremeio de pedras limosas, o tenta a sorver um gole por folha de caheté. Bebida a agua, e commentado que nas cidades não ha d'aquillo, leva-lhe a vista o soberbo mata-pau que abalisá o grolão.

— Que raio de arvore é esta? pergunta elle ao capalaz, pasmado mais uma vez.

E tem razão de parar, admirar e perguntar, porque é duvidoso existir naquella sertania exemplar mais truculento de gamelleiro.

Eu de mim confesso que fiz as duas coisas e perguntei ao camarada o nome da estranha arvore.

— Não vê que é um mata-pau.

— E que vem a ser o mata-pau?



— Não vê que é uma arvore que mata outra. Começa, quer ver como? — disse elle, escabichando as frondes com olhar agudo, em procura d'um exemplar typico — está ali um!

— Onde? perguntei eu, tonto.

— Aquelle um, aquelle fiapinho de planta ali no gancho do jacaré, continuou o cicerone, apontando com dedo e beijo uma parasita humilde, grudada na forquilha de um galho, com dois filamentos pendurados, oscillantes ás brisas.

— Começa "assimzinho", meia duzia de folhas piquiras; bóta p'ra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra. E vae indo, sempre n'aquillo, nem p'ra mais, nem p'ra menos, até que o fio alcança o chão. E vae então o fio vira raiz, e pega de beber a sustancia da terra. A parasita cria folego, e cresce que nem embau'va. O barbanzinho engrossa todo o dia, passa a cordel, passa a corda, passa a pau de caibro e acaba virando tronco de arvore e matando a mãe, como este guampudo, — concluiu dando com o cabo do relho no meu gamelleiro.

— Que bandido! exclamei. E a arvore deixa?

— Que é que ha de fazer? Não desconfia nada a boba.

Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas imagina que é parasita, e não se precata. O fio pensa que é cipó. Quando a malvada ganha alento e garra de engrossar é que a arvore sente a dor dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso d'ahi para diante é o mata-pau. A arvore morre e deixa a lenha podre dentro delle.

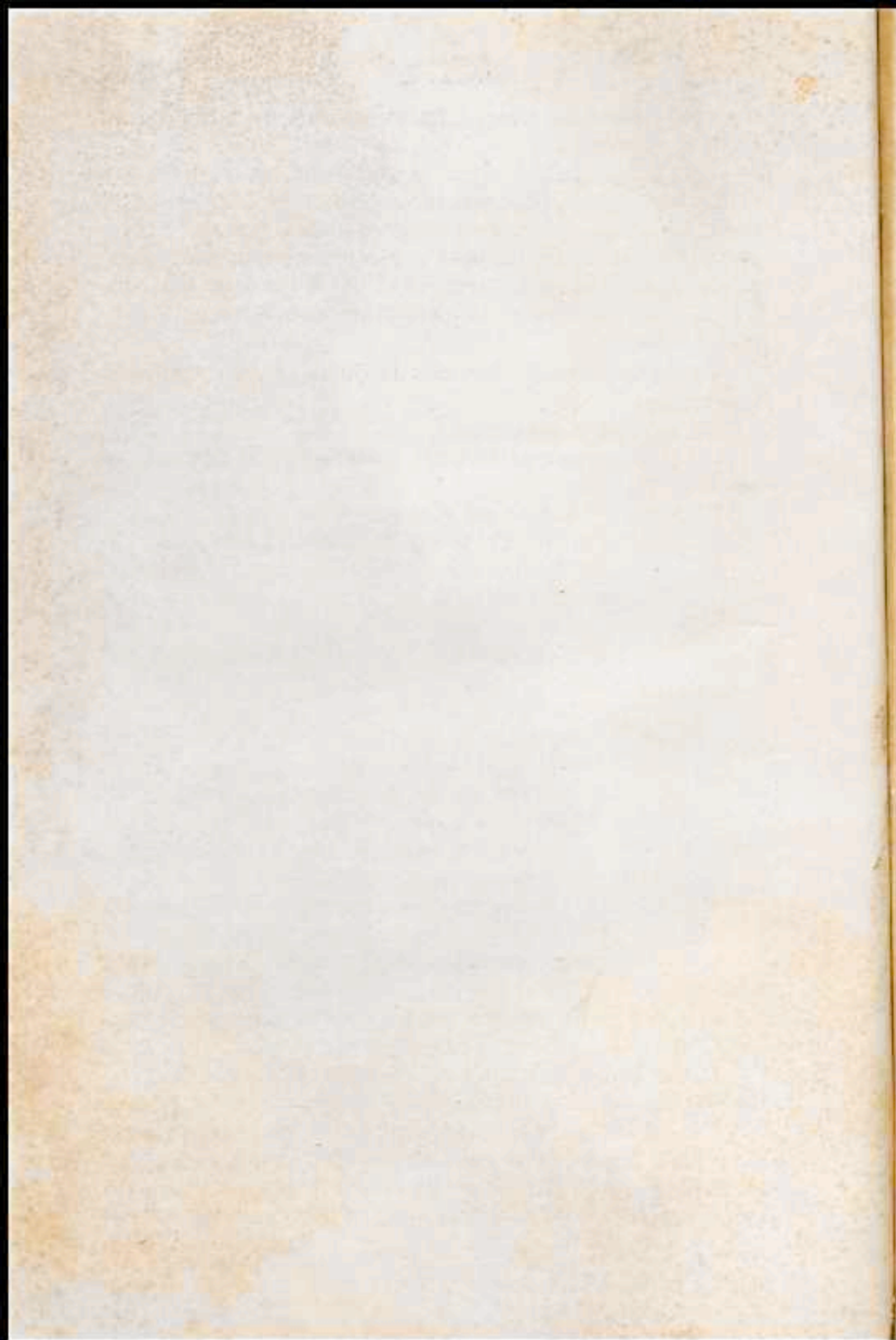
Era isso mesmo. O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um tronco morto, bichado, a desfazer-se em carcoma. Viam-se por elle acima, intervalados, os terriveis cingulos que o estrangularam; hoje, inuteis, desempenhada já a sua missão constrictora, esses anneis jaziam frouxos e atrophiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Laocoonte, na vibora aquecida no seio do homem da fabula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras classicas da ingratição. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era creatura simples, pura dos vicios men-



MATA-PAU





taes que inoculam livros. Encavalgamos de novo e prosegui a viagem.

Não longe d'ali a serra se complana em rechan, e a matta mingôa em capoeira nova. No meio della, em terreiro descoivariado, entremostrava-se uma tapera. Esverdecia o melão de S. Caetano por sobre o tapume arruinado do quintalejo, onde laranjeiras hervadas e uma ou outra planta domestica se marasmavam agoniadas pelo matto suffocante.

— Antigo sitio do Elesbão do Queixo d'Anta, explicou o camarada.

— Largado? perguntei.

— Ha que annos! Des'que mataram o homem ficou assim.

Bacorejou-me historia como as quero.

— Mataram-n'o? Conte-me lá como foi isso.

O camarada contou a historia que para aqui traslado com a possivel fidelidade. O melhor della evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu os pronomes e porisso narra melhor que quantos por ahí sorvem literaturas inteiras, e grammaticas, na ancia de adquirir o "doigté".

Grandes folhetinistas andam perdidos por esse mundo de Christo, entre a gente rude do campo, ingrammaticalissima, porém pittoresca no dizer como ninguem.

Elesbão morava com o pae no Queixo d'Anta, onde nascera. Quando a voz lhe engrossou, disse ao velho:

— Meu pae, eu quero casar.

O pae olhou para o filho pensativamente, e em seguida falou:

— Passarinho cria penna é para voar. Se você já é homem, case.

O rapaz pediu-lhe que puzesse em prova a sua virilidade.

O pae reflectiu e disse:

— Derrube o jatahy da grotinha, sem tomar folego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o pau. Em toada de compasso bateu firme a manhã inteira. A' hora do almoço o "pan-pan", continuava sem esmorecimento.



Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

— Está no chão, disse o pae, que se acercára do filho exausto mas victorioso. Póde casar. E' homem.

Elesbão trazia d'olho uma menina das cercanias, filha do balaieiro João Póca, a Rosinha, bilro sapiroquento de treze annos, feiosa como um rastolho.

— Meu pae, eu quero a Rosinha Póca.

— Case. Mas ouça o que eu digo: os Pócas não são boa gente. Os machos inda passam, o João é um coitado, o José não é má bisca; mas as saias nunca valeram nada. A mãe da Rosa é mal falada, Laranjeira azeda não dá laranja serra d'agua. Você pense.

— Meu pae, o futuro é de Deus. Eu quero casar com a Rosinha.

— Pois case .

Deliberado com tal firmeza, Elesbão tratou de sitiar-se. Arrendou a rechan da tapera, roçou, derrubou, queimou, plantou e armou choça. Barreada esta, pediu a menina, e casaram.

Rosa só era rosa no nome. No corpo simples botão inverniço, desses que melam aos frios extemporaneos de Maio. Olhos cosidos e nariz rebitado, tal qual o da mãe. Feia, mas de feiura que o tempo ás vezes concerta. Talvez se fiasse nisso o noivo.

Elesbão, rijo no trabalho, prosperou. Aos tres annos de labuta já era sitiante de monjolo, escaroçador e cevadeira, com dois aggregados no eito.

Filhos até esse tempo nenhum, e isso entristecia a casa. Resignavam-se já ao vasio da esterilidade, quando, certa noite, ouviram choro de criança no terreiro. Não se conta o terror de ambos, que aquillo era na certa alma penada de criança morta pagan. Como, entretanto, a pobre alma berrasse com pulmões muito da terra, e cada vez mais, Elesbão duvidou do bruxedo, accendeu uma braçada de palha e lançou-a para fóra, atravez da janella. O terreiro clareou até longe, e elles, pela fresta, viram, a pouca distancia, uma creaturinha de gatas a berrar com desespero de quem é deste mundo.

— E não é que é uma criança de verdade? exclamou elle saído de um assombro e entrado n'outro. E agora?

— Pois é recolhel-a, disse Rosinha, cujo instincto de mulher só via no caso um pobre enjeitadinho ao léu, reclamando conchego.

Recolheu-o Elesbão depondo o chorincas no collo da esposa, que o estreitou ao seio, acalmando-o, de passo que "assentava" o marido, propondo:

— Se não apparecer a mãe, cria-se o menino. Faz tanta falta um chorinho nesta casa...

No dia seguinte bateram as vizinhanças em indagações, sem nada colherem explicativo do extranho caso. O pae de Elesbão, consultado, ponderou:

— Não presta criar filho alheio, e como o consultante armasse cara de vacillação, remendou philosophicamente o dito:

— Tambem não é caridade enjeitar um enjeitado, e ficou-se nisso.

Rosa conservou o pequeno, e deu com elle criado á força de leite de cabra e caldinhos. O menino, porém, á medida que medrava, punha a nu' a má indole congenial. Não promettia boa cousa, não.

— Eu bem avisei, recordou o velho, como Elesbão se queixasse um dia da ruim casta do recolhido.

— Meu pae disse tambem que não era caridade enjeitar um enjeitado...

— E' verdade, confirmou o philosopho sertanejo, calando-se.

Manoel Achado era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados, e cabellos louros de milho, denunciativos de origem estrangeira, appuzeram-lhe os vizinhos a alcunha de Ruço. Ganhou fama de madraço, e o era refinado, inimigo de enxada e foice, só attento a negociatas, barganhas, expertezas. Amado pela Rosa como filho, livrava-o ella da sanha do marido escondendo suas malandragens, que Elesbão ameaçava sempre endireital-o a rabo de tatu'. Não endireitou coisa nenhuma. Com 18 annos o Ruço era a peste do bairro, atarantador dos pacificos, e traiçoeiro com os escoradores.



— E' ruim inteirado, dizia o povo.

Por esse tempo navegava Rosa na casa dos trinta. Como a não estragaram filhos, nem se estragou ella em grosseiros trabalhos de roça, valia muito mais do que em menina. O tempo curou-lhe a sapiroca, e a boa vida deralhe carnes. Concertou. Todo o mundo gabava o arranjo.

— Ninguém perca a esperança. Olhem a mulher do Elesbão, aquella Póquinha sapiroquenta, como está chibante!

A sua boniteza residia na saúde dos olhos e na gordura. Na roça gordura é synonymo de belleza; gordura e olhos azues "que nem uma conta". Além disso Rosinha cuidava de si. Virou faceira. Sempre limpa, vestida de boas chitas da sua côr, cabellos bem alisados para traz onde os torcia em pericote lustroso á força de pomada de lima. Na serra, pimpona assim, nem moça de fazenda, com pae coronel.

Suas relações com o Ruço, maternas até ali, principiaram a mudar de rumo como se fosse espigando em homem o menino. Por fim degeneraram em namoro, medroso no começo, descarado ao cabo. A má casta dos Pócas, desmentida no decurso da primavera, reaffirmava-se afinal em plena sazão calmosa. O verão das Pócas! que quadra!

Tudo transpira. Transpirou nas redondezas a feia marmomba daquelles amorios. Boas linguas e más, boquejavam o quasi incesto. Quem de nada nunca suspeitou foi o honradissimo Elesbão, e como na porta dos seus ouvidos paravam os rumores do mundo, a vida das tres creaturas corria-lhes na toada mansa a que se dá o nome de felicidade.

Foi quando cahiu de cama o pae de Elesbão, doente de velhice. Mandou chamar o filho, e disse-lhe com voz de quem já é meio do outro mundo:

— Meu filho, abra os olhos com a Póca.

— Porque fala assim, meu pae?

O velho ouvira zunzum da má vida; vacillava, entretanto, em abrir os olhos ao feliz empulhado. Correu a mão tremula pela cabeça d'elle, afagou-a, e morreu sem mais palavras. Sempre fôra amigo de reticências, o bom velho.



Elesbão regressou ao sítio com aquelle aviso a ver-rumar-lhe os miolos. Passou dias pensando nelle, e acastellando hypotheses, de cara amarrada.

Vendo o marido assim demudado, casmurro, de prazenteiro que era, Rosa cahiu em guarda. Chamou de parte o Ruço, e disse:

— Lesbão des'que o pae morreu anda a modo que hervado. Mas não é sentimento, não. Elle desconfia!... A's vezes pega de olhar para mim d'um geito exquesito que até me gêa no coração.

Manoel segurou o queixo e reflectiu. Continuar naquella vida era arriscado. Ir-se, peior; nada possuir de seu, e trabalhar para outrem não era com elle. Se Elesbão morresse...

Não se sabe se houve concerto entre os amasios. Mas Elesbão morreu. E como! Certo dia em que fôra á villa proxima, ao voltar, ali pelo escurecer, caiu de borco na Volta Fria, foicado barbaramente na nuca. Descobriram o cadaver pela manhã, bem rente ao mata-pau. A justiça, coitadinha! apalpou d'aqui e d'ali, n'uma cegueira... Desconfiou-se do Ruço, mas que é das provas? O Ruço era mais fino que o delegado, o promotor, o juiz, mais até que o vigario da villa, um padre gozador da fama de enxergar atravez das paredes.

A viuva chorou como mamoeiro lanhado, fosse de sentimento, de remorso, ou para illudir aos outros — talvez sem calculo nenhum, pelos tres motivos.

Manoel, permaneceu na casa. Viviam como filho e mãe, dizia ella; como marido e mulher, resmungava o povo.

O sítio porém entrou logo a desmerecer. Comiam do plantado, sem lembrança de metter na terra novas sementes. O moço ambicionava vender as bemfeitorias para mergulhar no Oeste, e como Rosa reluctasse deu de maltratá-la. Estes amores serodios, entretanto, são como a vide, mais judiam com elles mais revicam. A's brutalidades do Ruço respondia a viuva com redobros de carinhos. Seu peito maduro, onde o verão em declinio annunciava a proxima invernia, chammejava em fogo bravo, desses

que roncam nas retrancas dos taquarussu's, por occasião das queimas. E isso vingava Elesbão, esse amor sem geito, sem conta, sem medida, duas vezes criminoso sobre sacrilego, e, o que era peor, aborrecido pelo facinora, já farto.

— Córóca! Sapicuá de defunto! Cangalha velha!

Não havia insulto, com o peão do veneno plantado na nota da velhice, que lhe elle não desfechasse, o bruto.

Rosa depereceu a galope. Adeus, gordura! Boniteza outoniça, adeus! Saias a rufar, tesas de gomma, pericote luzidio, rescendente a lima, quando mais?

Os vizinhos commentavam:

— O Ruço dá cabo della, como deu do marido, e é bem feito.

Voz do povo... Um dia o Ruço ameaçou de largal-a se não vendesse tudo já e já, e a pobre mulher deu ao bandido essa derradeira prova de amor. Vendeu por uma bagatella o que restava accumulado pelo trabalho do defunto, a moenda, o monjolo, a casa, o cannavial em soca... E combinaram para o outro dia o ambicionado mergulho na terra roxa.

Nessa noite, altas horas, Rosa despertou suffocada por fumaceira. A casa ardia. Salta como louca da enxerxa e berra pelo Ruço. Ninguem responde. Atira-se contra a porta, e encontra-a fechada por fóra. O instincto fal-a agarrar o machado e romper o taboado fragil. Rola para o terreiro com as vestes em fogo; precipita-se no tanque, e, liberta das chammas, cae inerte para um lado, justamente onde, vinte annos atraz, vira o engeitadinho chorando ao relento...

Quando, de manhã, passantes a recolheram, estava d'olhos pasmados, e muda. Foi em maca para o hospital, onde sarou das queimaduras, mas nunca mais do juizo. Foi feliz, Rosa. Enlouqueceu no momento em que a vida ia tornar-se-lhe um puro inferno.

O Buço... O Ruço abalou com o dinheiro. Dizem que corre o Oeste como ladrão de cavallos. Outros juram que já tem negocio, e prospera. Eu pendo para esta opinião, e inda hei de vel-o coronel, vereador, ou barão do papa. Parece-me sujeito de grandes destinos!



Ahi parava a historia do Elesbão, como a sabia o meu camarada. Só estas reflexões sobre o futuro do Ruço é que não são delle. Um crime vulgar como os ha na roça por dezenas, se a lembrança do mata-pau não se antolhasse como um symbolo.

— Não é só no matto que ha mata-paus!... disse eu philosophicamente á guiza de commentario.

O capataz entreparou um momento como quem não entende. Depois abriu na cara o ar de quem entendeu e gostou.

— Não é por gabar, mas vosmecê disse ahi uma palavra que merece escripta! E' tal e qual!

E' uso rematarem-se contos com uma caudinha chamada a "nota impressionista": — E um gavião riscou silenciosamente o azul — ou — Dentro da matta soou o pio triste do urutão. Entretanto o impressionismo briga com a verdade. Brigou pelo menos no meu caso. Nem gavião, nem urutão. Como era onze horas, e havia fome, apeamos na primeira agua para merendar o virado. E o historiador o que disse foi simplesmente esta phrase prosaica:

— Que pena não haver uma "branca" para rebater isto!

Nem sequer pude duvidar se "isto" se referia á tragedia ou ao feijão, porque tudo no meu homem propendia para o tutu'. Triste cousa, o naturalismo!...

MONTEIRO LOBATO.



UM LIVRO PREJUDICIAL AO ENSINO

Em elogiosas referencias á *Geometria Pratica* do Snr. Laudelino Freire, li que este autor é apologista da simplificação de nossos programmas de ensino.

Penso, ao contrario, que os programmas de mathematica elemental já são ridiculos pela insignificancia da materia exigida. Falo evidentemente dos programmas que se consideram officiaes para o Brasil inteiro — os do Collegio Pedro II. E, por isso, desejei ler a *Geometria Pratica*, afim de vêr aquella opinião, que julgo absurda (pelo menos na parte relativa á mathematica), sustentada por um homem que se apresenta com as credenciaes de professor do Collegio Militar.

O prefacio da *Geometria Pratica* encheu-me logo de assombro! E, apoz rapida leitura, observada a futilidade do livro, pareceu-me dominado por um certo tom de injustificavel pretensão.

"Simplificar os nossos programmas de ensino, diz o Snr. Laudelino Freire, é hoje uma necessidade imprescindível. No estudo "principalmente da Geometria (!) verifica-se a inutilidade das demonstrações exhaustivas. No saber demonstrar theoremas, porém, "não está o necessario conhecimento da materia. Essa gymnastica "do espirito não traz resultados. Antes concorre para a confirmação de que os que mais sabem... demonstrar são, em via de regra, "os que menos aptos se revelam na vida pratica. São espiritos "das a extensões logicas, evidentemente incabíveis no momento em "que lhes seja necessario medir as grandezas geometricas.

"O estudo da Geometria elemental deve cingir-se á inteira "compreensão e exacta applicação dos postulados indispensaveis "ao conseguimento do seu objecto. O mais... é demais".

Quanta heresia! Será possível que um professor de mathematica ouse proclamar a inutilidade das demonstrações, **principalmente em Geometria?!..** Mas o verdadeiro característico da Geometria é o seu methodo de demonstrações logicas! Fazer demons-



trações perfeitas é utilíssimo e nobre exercício do pensamento, e não, como escreve o Sr. Laudelino Freire, *gymnastica do espirito que não traz resultados!*

"Eu quero portanto, diz Pascal, mostrar o que é demonstração "com o exemplo das que offerece a Geometria, a unica talvez das "sciencias humanas que produz infalliveis, porque só ella observa o "verdadeiro methodo, emquanto as outras estão, por necessidade "natural, em ama especie de confusão que só geometras sabem ex- "tremamente discernir."

Newton achava os gregos admiraveis pelo gosto e pela forma de suas demonstrações geometricas. Entretanto, Newton foi, com Leibnitz, um dos creadores da Analyse Infinitesimal, a rival poderosa da Geometria pura; mas toda sua obra gigantesca está impregnada do espirito geometrico dos gregos, deste methodo fecundo de demonstrações exhaustivas de que o Sr. Laudelino Freire menoscaba!

Não contente com suas proprias palavras, ainda o Sr. Laudelino Freire transcreve as seguintes linhas do professor Cabrita:

"Ha em Geometria verdades intuitivas: uma vez enunciadas, "são acceitas immediatamente, sem mais reflexão, nem esforço; "entretanto, não são, para os geometras, axiomas."

"Demonstral-as, porém, é obdecer ao espirito sophistico que "ha seculos vem empannando, com profundas subtillezas, o brilho "de taes verdades."

"Pasmaços ficam quasi sempre os estudantes deante do pro- "fessor que lhes quer demonstrar o que elles estão vendo com os "olhos da intelligencia e atravez da mais pura evidencia..."

"Com effeito, quem tiver nitida imagem do angulo recto, por "exemplo, precisará que se lhe diga e que se lhe demonstre que "todos os angulos rectos são eguaes (4.º postulado do 1.º livro de "Euclides)? Haverá quem, tendo noção clara de parallelismo, du- "vide que, por um ponto tomado fóra de uma recta, possa tirar-se "uma parallela a está recta?..."

"Não. O que se diz aos alumnos é:

"Vamos demostrar que por um ponto se póde traçar uma pa- "rallela. E, para mais pasmal-os, accrescenta-se: não se póde tra- "çar mais de uma, o que constitue em resumo o mais famoso dos "postulados de Euclides, aquelle para o qual tem havido, desde "prisca idade, innumeradas tentativas de demonstração."

Não sei onde o Dr. Cabrita, que tanto admiro e respeito, es- creveu tão deploraveis pensamentos, incompativeis com sua educa- ção mathematica.

Possuo, desde 1895, uma geometria do professor Cabrita. Neste livro (e não nas linhas que o Sr. Laudelino Freire transcre- ve), reconheço o mestre quando diz (pag. 55) que ha, em geome-



tria, "considerações dignas por si mesmas de reflexão, independentemente da utilidade que na pratica nos podem prestar", ou quando proclama "o prazer que naturalmente sente o nesso espirito por uma certa precisão rigorosa sem a qual nunca está satisfeito".

O professor Cabrita, que o Sr. Laudelino Freire cita, deve ser outro: uma especie de Schopenhauer vendo no methodo de Euclidea apenas um absurdo.

Como pôde o professor Cabrita confundir o espirito sophistico e o rigor das demonstrações geometricas? Como pôde elle falar das coisas que se veem com os olhos da intelligencia e atravez da mais pura evidencia, sem se lembrar que é justamente a educação mathematica que melhor nos faz vêr com os olhos da intelligencia, e que, ella só, augmenta e aperfelçoa esta visão? Sem o guia seguro da sciencia, ou nada se vê ou se vê falso, o que é immensamente peor.

A sciencia modifica tambem as noções que temos da evidencia. O sabio e o ignorante não consideram evidentes as mesmas coisas. E' evidente para o ignorante que, a temperatura de um corpo augmentando, sua quantidade de calor augmenta; mas, para o homem instruido, isso não é evidente, porque pôde ser falso. Para o homem illustrado, é evidente que machina alguma realiza o movimento perpetuo; mas o homem sem base scientifica procura talvez construir essa machina. A evidencia varia ainda no tempo; o que outr'ora era evidente pôde não o ser hoje, e vice-versa. Os exemplos são numerosos. Para que insiatir?

E' impossivel que o professor Cabrita ponha em duvida a necessidade de se demonstrar que todos os angulos rectos são eguaes! Contestar esta necessidade seria ignorar o objectivo do theorema. Quando duas rectas se cortam formando angulos eguaes, diz-se das rectas que ellas são perpendiculares entre si, e dos angulos, que são rectos. E' evidente que estes angulos são eguaes por definição; não é evidente, porém, que outras duas rectas perpendiculares entre si formem angulos eguaes aos primeiros: é isso que se demonstra. E' só depois dessa demonstração que se tem a imagem nitida do angulo recto, como diz o Dr. Cabrita. Demonstrando esse theorema, apparece, pela primeira vez em Geometria, um angulo de valor fixo — o angulo recto — que vae servir de unidade para a medida de outros, até a Geometria encontrar recursos para determinar novas unidades de angulo.

"Haverá quem, tendo noção clara de parallelismo, pergunta o "Dr. Cabrita, duvide que, por um ponto tomado fóra de uma recta, "possa tirar-se uma parallela a essa recta?"

Pensará o illustre mestre que a noção de parallelismo é de evidencia intuitiva? O alumno que inicia o estudo da Geometria não tem, absolutamente, noção exata de parallelismo. Mas todas es-



tas questões, a que se refere o professor Cabrita com tão inexplicavel desprezo, são os fundamentos da propria Geometria, são as fontes de importantissimos e difficeis problemas a que se dedicaram, com toda a força de seus genios, os d'Alemberts, os Lagranges os Gauss, os Laplaces, os Bolyais, os Lobatschewakys, os Riemanns, os Helmholtz, nomes gloriosos e immortaes, orgulho e honra do saber humano!

E que bellezas purissimas nesses estudos! Que maravilhas, quasi diria que mysterios, que magias nos mundos encantados de Beltrami, de Riemann, de Poincaré, ao lado dos quaes empallidecem as pobres fantasias de Pöe ou de Wells!

Sem duvida, taes assumptos não podem ser expostos a principantes; mas é ridiculo tratal-os com a irreverencia que se nota no prefacio do Sr. Laudelino Freire.

Outro erro, visivel neste prefacio, é se pensar que a utilidade da Geometria reside em suas applicções praticas immediatas. Grave erro, que devemos combater sem temer o clamor dos Beocios, como diria Gauss! Admire-se o modo insolente pelo qual tão nocivo erro se manifesta no livro do Sr. Laudelino Freire: "os que mais sabem... demonstrar são, em via de regra, os que menos aptos se revelam na vida pratica"!...

Que significam estas palavras? Que aptidão é esta, de que fala o Sr. Laudelino Freire? Será a que consiste em ganhar muito dinheiro? Mas aos que esperam da sciencia os meios de fazer fortuna, perguntemos, como Poincaré, para que serve tanto dinheiro, e se, para ter tempo de adquiril-o, vale a pena desprezar a Arte e a Sciencia, que, só ellas, fórman almas capazes de gozar as riquezas do mundo?

Só o amor desinteressado da sciencia conduz a fecundas applicções. Ella deve ser cultivada com o mesmo cuidado e perfeição com que o verdadeiro artista burila o marmore ou a phrase, combina as côres ou as harmonias. O pensamento do lucro material deturpa a obra. Para Platão, os egypcios eram indignos do nome de amigos da sciencia, porque suas descobertas e invenções tiveram um fim utilitario.

Estudemos a Geometria por seu proprio valor, pelo prazer intellectual que nos dá, pelo exercicio continuo a que submete nosso espirito, que, assim, se desenvolve e apura. Estudemol-a tambem por ser um ramo importante da Mathematica, e a Mathematica é a unica lingua capaz de traduzir as leis que regem o Universo, "lingua, diz Fourrier, que não tem signaes para exprimir noções confusas".

A sciencia não é, como esta Geometria do Sr. Laudelino Freire, um catalogo de factos; mas uma successão ininterrupta de raciocínios que nos revelam a ordem perfeita das coisas. Nesta seara ri-

quíssima, vêm o engenheiro, o physico, o químico buscar os elementos indispensáveis a suas architecturas, a suas experiencias, a suas combinações, a todas essas maravilhosas applicações que fazem a vida suave e agradável.

Cedo esgotar-se-ia a fonte da Sciencia, se apenas a alimentassem idéas de utilidade immediata. Quando os gregos estudaram as secções conicas, certamente não previram seu admirável emprego na Astronomia moderna. Os Principios de Newton são obra de pura Geometria; mas foi de lá que surgiram importantissimas applicações á navegação e á mecanica.

Quando os mathematicos crearam a theoria dos numeros imaginarios, nunca supuzeram que, mais tarde, o engenheiro electricista, sommando esses numeros, subtrahindo-os, multiplicando-os, dividindo-os, resolveria questões praticas de electricidade; porque, para elle, os numeros imaginarios são volts, ampères, watts; e examinando a corrente, ou voltagem, ou a potencia, que o imaginario representa, é, ás vezes, a parte real que interessa suas machinas e, outras vezes, a parte propriamente imaginaria: ambas são volta, ou ampères, ou watts, mas de qualidades differentes, embora de igual utilidade pratica.

Sem as theorias ainda mais abstractas dos quaternions de Hamilton ou das fórmulas geometricas de Grassmann, é impossivel chegar á solução de questões importantes de Physica, e meditar com proveito sobre as obras de Maxwell, que um verdadeiro electricista não deve desconhecer.

Da discussão theorica de integraes de uma equação de Fourier, tirou Lord Kelvin as regras utilizadas na telegraphia submarina.

Innumeros são os exemplos que poderia citar, e que nos mostram a sciencia conduzindo a pratica. Não é a pratica que illumina e guia a sciencia.

Solvay, sob cujos auspicios se reuniu o Conselho de Physica, em 1911, pensa que a ultima palavra de supremo esclarecimento deverá ser proferida pela philosophia e não pela experiencia, e o raciocinio antes da experiencia, diz elle, engana menos do que o raciocinio depois da experiencia. Nas theorias da constituição da materia, acredita Solvay "que os diversos Neptunos infimos que falta descobrir para chegar á harmonia total deverão ser calculados á maneira de Le Verrier, em vez de observados pelo ultra-microscopio".

Causa pesar, francamente, vêr o Sr. Laudelino Freire proclamar, em livro para a mocidade, "que os que mais sabem... de mostrar são os que menos aptos se revelam na vida pratica"!

Como se o profundo Poncelet, a quem a Geometria pura deve aquellas theorias de rara belleza, nascidas nas prisões de Saratoff, não tivesse revolucionado a engenharia e a mecanica applicada, no dia em que lhes dedicou seu maravilhoso saber theorico!



Não esqueçamos Curabelle, que Chasles tirou do esquecimento para mostrar um exemplo dos falsos juízos que os homens da pratica formam dos homens da sciencia: Desargues, que Descartes, Fermat, Pascal consideravam geometra de grande merito. Desargues, que Poncelet chamava o Monge de seu seculo, e que foi um dos precursores da Geometria moderna, quiz applicar as theorias geometricas ás construcções e ás artes, regidas então por falsas e empiricas regras. E Desargues, com esse fim, escreveu sobre perspectiva, gnomonica, cõrte de pedras, empregando os methodos rigorosos da Geometria. Mas, conta-nos Chasles, a rotina e ignorancia disputaram o terreno palmo a palmo, chegando-se mesmo a prohibir ao celebre gravador Bosse que ensinasse, na Academia de Pintura, as praticas da perspectiva do *sieur Desargues*! Chefiados por Curabelle, triumphavam assim os inimigos de Desargues, que era comparado a esses "demi-savants, provinciaux contemplatifs, non praticiens et peu communicables".

Hoje, as theorias de Desargues, estudadas em todas as escolas, são por todos applicadas, e de Curabelle só resta a lembrança do incompetente que ousou publicar o opusculo: "Faiblesse pitoyable de Mr. Desargues employée contre L'Examen fait de ses Oeuvres".

Sem duvida, a Geometria deve importantes theorias a questões suggeridas pela pratica. "Ella é, diz Darboux, como o gigante Anteo, que readquirira forças ao contacto da terra." Mas esse contacto é passageiro; não é seu estado normal.

Cultivemos a Sciencia pela Sciencia, e não pelos resultados materiaes que nos traz.

"Só pela Sciencia e pela Arte valem as civilisações, diz Poincaré. Admiraram-se desta divisa. A Sciencia pela Sciencia, e entretanto ella equivale perfeitamente á vida pela vida, se a vida é só miséria; e mesmo á felicidade pela felicidade, se não se acredita que todos os prazeres sejam da mesma qualidade, se não se quer admittir que o fim da civilisação seja o de fornecer alcool aos "que gostam de beber".

"Qualquer acção deve ter um objectivo. Devemos sofrer, devemos trabalhar, devemos pagar nosso logar no espectaculo, mas é para vêr, ou pelo menos para que um dia outros vejam."

"Tudo que não fôr pensamento é puro nada; pois não podemos pensar senão o pensamento, e todas as palavras de que dispomos para falar das coisas, não podem exprimir senão pensamentos; dizer que ha outra coisa além do pensamento, é portanto uma affirmacção que não pôde ter sentido."

"E entretanto — extranha contradicção para os que acreditam no tempo — a historia geologica mostra-nos que a vida é apenas um curto episodio entre duas eternidades de morte, e que, neste mesmo episodio, o pensamento consciente não durou nem durará



"senão um momento. O pensamento é apenas um relampago no meio de uma longa noite."

"Mas este relampago é tudo."

Criticando o livro do Sr. Laudelino Freire, não me anima nenhum baixo sentimento. Falo sobretudo como brasileiro, que vê um grave perigo no abastardamento da instrução, devido á incompetencia de uns, á fraqueza de outros, ao indifferentismo de muitos. A mocidade torna-se futil e conserva-se ignorante; mas a culpa não é della. Entretanto, não devemos esquecer que os povos mais fortes são tambem e mais instruidos. Até no poder diabolico da destruição, a sciencia é insubstituivel.

Por isso, a leitura do livro do Sr Laudelino Freire encheu-me de tristeza.

Pertencem ao numero consideravel daquelles que nada inventaram em Geometria, nem sequer contribuíram talvez para sua divulgação, mas reconhecem o valor incontestavel da sciencia, e querem que seus filhos estudem de verdade, com muita perseverança e attento trabalho, para que tenham solida instrução e possam bem servir a Patria.

Protestemos portanto contra os livros superficiaes e errados, livro de falsa sciencia, caricata e pretenciosa, inutil e detestavel. São livros perigosos, a cujo contacto se atrophiam as intelligencias que apenas desabrocham. No arduo caminho da sciencia, deve a mocidade ser guiada por livros perfectos, luminosos, livros que lhe inspirem o amor do estudo e o desejo insaciavel de conhecer cada vez mais o dominio infinito da Verdade. A vontade illimitada de saber é que conduz os homens e os povos ás mais gloriosas posições.

Cultivemos, na mocidade brasileira, essa nobre ambição: não lhe indiquemos a Sciencia como arido campo, onde não ha farta messe a recolher:

"Parece-me, dizia Newton, que não fui senão uma creança brincando á beira do mar e achando ora um seixo mais polido, ora uma concha mais bella do que outras, enquanto o vasto oceano da Verdade se estendia inexplorado ante mim."

O culto da sciencia deve começar pelo da Geometria, da qual não pretendo de certo fazer o elogio: philosophos e mathematicos já cantaram suas bellezas e mostraram suas vantagens. Seria ousadia minha querer dizer della algo de novo. Mal poderia talvez recordar os louvores que lhe elevaram homens-eminentes de todos os tempos.

Para Platão, que mandou escrever no portico de sua Escola a phrase tantas vezes lembrada quantas desobedecida — Não entre aqui quem não fór geometra — para Platão, diz Milhaud, só a Geometria devia alcançar as verdades eternas e as leis immutaveis de Deus, o eterno geometra.



Pascal affirma que só a Geometria conhece as verdadeiras regras do raciocínio e, entre espiritos eguaes, e em todas as outras coisas identicas, o que tem geometria vence e adquire novo vigor: *celui qui a de la Géométrie l'emporte.*

Santo Agostinho, Leonardo da Vinci, Alberto Dürer, Bacon, Voltaire, Diderot, Kant, e tantos outros que não deveram a immortalidade ás sciencias mathematicas, foram espiritos superiores qui *avaient de la Géométrie*, como lembra Chasles. A historia mesma dos chefes de Imperio, accrescenta este grande geometra, mostra que foram justamente os que animaram a cultura das Mathematicas, fonte commum de todas as sciencias exactas, aquelles que tiveram mais brilhante reinado e gloria mais duradoura.

"As doutrinas da pura Geometria, diz ainda Chasles, apresentam muitas vezes, e em multiplas questões, aquelle caminho simples e natural que, penetrando até a origem das verdades, mostra a cadeia mysteriosa que as une e as torna conhecidas individualmente pelo modo mais luminoso e completo."

E' na Geometria que se encontra a luz da razão, de que fala Descartes.

A Geometria — que Jacobi chamaria a honra do espirito humano — é a mais admiravel criação do genio grego, harmoniosa como um marmore de Phidias, vibrante como a poesia de Homero.

Modelo de simplicidade, de clareza, de perfeição, a Geometria é obra purissima, não só de sciencia, mas de fina arte, onde se alliam a belleza elegantissima da fórma e a eloquencia Impeccavel do raciocínio.

Ella desenvolve a intelligencia e apura o gosto artistico. "Os Athenienses do seculo de Péricles, diz Milhaud, que tanto sabiam gozar a grandeza e o encanto de seus tragicos, as subtilizas comicas de Aristóphanes, a belleza serena do Parthenon, tiveram o espirito formado em parte pelo estudo da Geometria."

"A Geometria, ensinava Platão, tem por objecto o conhecimento do que é sempre, e não do que nasce e parece. Ella atráe a alma para a verdade, forma em si este espirito philosophico que eleva nossos olhares para as coisas do céu, em vez de baixal-os, como se faz para as coisas da terra."

Por todas estas razões, é que ouseo trazer a publico a impressão desfavoravel que me deixou a leitura da Geometria Pratica do Sr. Laudelino Freire.

Não encontro no livro do Sr. Laudelino Freire a mais simples demonstração de qualquer theoremata. Eis algumas linhas, por onde se apreciará o rigor do raciocínio seguido em toda a obra. Estudam-se os casos de egualdade de triangulos. O autor enuncia o 1.º



caso — um lado igual, adjacente a dois angulos eguaes cada um a cada um — e, como demonstração, diz textualmente (1.º volume, pag. 48):

“Sejam os dois triangulos A B C e D E F.
Estes dois triangulos, tendo

$$\hat{A} = \hat{D}$$

$$\hat{C} = \hat{F}$$

$$\text{lado A C} = \text{lado D F.}$$

elles são eguaes, visto que coincidem em todas as suas partes.”
Será isto demonstração?!

Em seguida o autor enuncia o 2.º caso — um angulo igual formado por dois lados eguaes cada um a cada um — e, depois de pintar os dois triangulos, diz (textual, pag. 49):

“Elles tendo

$$\hat{A} = \hat{D},$$

$$\text{lado A B} = \text{lado D E,}$$

$$\text{lado A C} = \text{lado D F,}$$

são eguaes, visto que coincidem em todas as suas partes.”

Mas isto não é Geometria!

Para demonstrar o 3.º caso de egualdade, quando os triangulos têm os tres lados respectivamente eguaes, o autor diz apenas, em forma de demonstração (pag. 49):

“São eguaes, visto que coincidem em todas as suas partes.”

Eis o estribilho: visto que coincidem em todas as suas partes! Mas assim o autor poderá demonstrar até absurdos!

Outra tentativa de demonstração é a de que a somma dos angulos de um triangulo vale dois rectos (pag. 47). O raciocínio seria risível, se não fosse triste pensar que o livro é destinado a alumnos do Collegio Militar.

Ela (pag. 48) um dos corollarios tirados desse theorema: “Quando dois triangulos rectangulos têm entre si (!) dois angulos agudos eguaes, os outros dois angulos agudos tambem são eguaes.”

Mas porque não dar logo aos alumnos o enunciado mais geral: em triangulos que têm dois angulos respectivamente eguaes, os terceiros angulos tambem o são?

O Sr. Laudelino Freire desconhece os proprios termos empregados em Geometria. Elle diz por exemplo: **ponto de secção** de duas circumferencias (1.º vol. pag. 22) em vez de pontos de intersecção; **angulos verticalmente oppostos**, (1.º vol. pag. 27. 2.º vol. pag. 9) em vez de angulos oppostos pelo vertice; **angulo rectilineo de um diedro** (2.º vol. pag. 8) em vez de angulo plano de um diedro. A cada instante elle confunde **quadratura** com área, e **cubatura** com volume: quadratura e cubatura são as acções de quadrar eubar, isto é, de achar uma área ou um volume. Não se deve portanto dizer, como o Sr. Laudelino Freire faz sempre no 2.º volume a partir da pagina 42:

"a quadratura do tetraedro é quatro vezes a quadratura do triangulo (pagina 42)";

"a quadratura lateral (do prisma obliquo) é igual ao producto do perimetro de uma acção recta pela aresta lateral (?) (pag. 43). etc. Com a mesma errada significação, encontramos cubatura da esphera, da pyramide etc. em vez de volume da esphera, da pyramide, etc. E tudo exposto sem a mais rudimentar demonstração!

O Sr. Laudelino Freire fala de "pyramide irregular truncada regularmente (!) (2.º volume pag. 51). "cone truncado regularmente (pag. 53), etc. Elle refere-se ao eixo de uma pyramide (2.º vol. pag. 3), como se todas as pyramides tivessem eixo.

No estudo (?) dos polyedros (2.º vol. pag. 16), lêmos que "a geometria só trata dos polyedros convexos"...

Definição de pyramide (2.º vol. pag. 22): "Pyramide é o polyedro irregular..." Assim, o tetraedro regular não é pyramide!

A' pagina 25 do 2.º volume, encontramos o seguinte: "Cylindro de bases circulares é aquelle cuja directriz é uma circumferencia". Póde não ser!

Algumas definições admiraveis:

"As differentes posições da directriz podem ser chamadas "lados (!) do cylindro" (2.º vol. pag. 27).

"Linha curva é a que se inclina sem dobrar" (1.º vol. pag. 12).

"Espiral é a linha curva que volteia em torno de um ponto fixo, "desviando-se sempre delle" (1.º vol. pag. 13).

A figura 49 (1.º volume, pagina 43) pretende representar um polygono estrellado; mas aquillo está longe de ser polygono estrellado...

Eis uma curiosa classificação de Quadrilateros (1.º vol. pag. 51:

"Ha tres classes de quadrilateros, que são as de:

- a) quadrilateros propriamente ditos;
- b) trapezios e
- c) parallelogrammos."

O autor acrescenta: "a dos quadrilateros propriamente ditos não offerecem nenhuma divisão." Mais abaixo, encontramos a seguinte elegante definição:

"Quadrilatero propriamente dito é aquelle cujos lados não são "entre si (!) paralelos."

Ficam os alumnos do Sr. Laudelino Freire sabendo que o parallelogramo não é quadrilatero propriamente dito!

Um modelo de definição (2.º vol. pag. 17): "Hexaedro regular ou cubo é o polyedro limitado por seis faces eguaes entre si e que são quadrados."

Tratando da linha curva, diz o Sr. Laudelino Freire (1.º vol. pag. 69):

"Procurou-se então medir uma curva reduzindo-a (!) a uma "recta, o que se conseguiu fazer substituindo a curva por uma re-
"cta que representasse a somma das cordas que successivamente
"fossem ligando os seus pontos. Assim tem-se que essa linha recta,
"denominada parametro (!), dá approximadamente o comprimento
"da linha curva. Parametro é, portanto, a linha recta que determi-
na o comprimento da linha curva."

Que idéa fará o Sr. Laudelino Freire do que seja parametro de uma parabola? Como deverá ficar espantado se alguém lhe disser que ha curvas que têm muitos parametros!

Eis um trecho extraordinario, que transcrevo do 1.º vol. pagina 70:

"Conseguiu-se rectificar a circumferencia comparando-a com o
"seu diametro, isto é, procurando-se vêr (!) quantas vezes o dia-
"metro de uma circumferencia nella se continha. O diametro não se
"contendo (!) um certo numero de vezes exactamente (!!) na res-
"pectiva circumferencia, procurou-se conhecer qual a relação mais
"approximada (!!!) da circumferencia para o diametro."

Estupendo! Francamente o Sr. Laudelino Freire exaggera a liberdade de ignorar o assumpto de que se diz professor!

O autor continua (pag. 70):

"Verificou-se (!) que a relação da circumferencia para o dia-
"metro é constante, isto é, que toda circumferencia contem o res-
"pectivo diametro o mesmo numero de vezes".

Falso! Falsissimo! Não se verificou: demonstrou-se! Demonstra-se mesmo que é impossivel verificar essa constancia: a relação entre a circumferencia e o seu diametro é um numero transcendente.

A' pagina 72, em letras garrafas, diz o autor ser

"o lado do triangulo equilatero igual ao raio do circulo cir-
"cumscripto multiplicado pela raiz quadrada de 3, se fôr $R = 1$ "

Mas o theorema ainda é verdadeiro, se o raio fôr differente da unidade!.,. Coisa curiosa: o autor manda em nota consultar P. Ca-



brita — Geometria. Porque será? O professor Cabrita não escreve aquillo! Pensará o autor da Geometria Pratica que o professor Cabrita é o descobridor do theorema que fornece o lado do triangulo equilatero em função do raio?

A' pagina 72, encontramos o seguinte:

"E' o angulo recto que tem sido escolhido para unidade angular."

Mas toda esta pagina 72 é admiravel! Lá, entre outros, recomendo este trecho:

"Isto é possível pela proporcionalidade existente entre os angulos centrais e os arcos interceptados por seus lados, uma vez que sempre se verifica (!) que, quando um angulo cresce ou diminue, da mesma forma (!) crescem ou diminuem os arcos respectivos."

Algumas definições:

"Distancia polar do circulo é a distancia, sobre a superficie da esphera, que vai de qualquer dos pólos á circumferencia de um circulo maximo (?)" — (2.º volume, pag. 33).

"Calota espherica é a parte da superficie espherica limitada em parte (!) pela circumferencia de um plano secante" — (2.º volume pagina 35).

A' pagina 36 do 2.º volume, diz-nos o Sr. Laudelino Freire que a altura da calota "é a perpendicular baixada do polo ao centro (?)" do circulo da base, que é a parte do proprio raio (!)"

A' pagina 47, 2.º volume, depois de feita a correccão indicada na errata, lêmos:

"Cone obliquo — A quadratura (!) lateral é igual ao producto do semi-perimetro da base pela semi-somma das posições (!) maior e menor da geratriz."

Semi-somma das posições! Que será? Posições maior e menor! Fantastico...

Pagina 50, 2.º volume, diz o autor: "Por meio desta formula avallam-se os volumes dos cinco polyedros regulares, os unicos que existem." E' falso: ha outros.

Quer o leitor mais citações do mesmo genero? Abra ao acaso qualquer dos dois volumes da "Geometria Pratica" do Sr. Laudelino Freire e transcreva á vontade o que lhe cair sob os olhos, desde a primeira pagina, em que o autor fala de corpos compridos da esquerda para a direita, largos de frente para traz, altos de cima para baixo, até o fim do 2.º volume.

Na "Geometria Pratica" do Sr. Laudelino Freire, o alumno não encontra a mais ligeira referencia a theorias importantes e utilissimas, como a da proporcionalidade das linhas, a das figuras semelhantes, etc. Felizes theorias!



Allás, se o livro não tivesse os defeitos graves que apontei, seria, no maximo, um pequeno resumo de primeiras noções de geometria elementariesima para escolas primarias. Geometria Pratica para o Collegio Militar deve ser materia mui differente e bella, que só alumnos dos ultimos annos de mathematica podem estudar. O assumpto da Geometria pratica é o que se encontra, por exemplo, na "Practical Geometry and Graphics Technical Students" por Bates & Charlesworth ou na "Practical Geometry and Graphics" por David Allan Low, professor da Universidade de Londres.

Parece-me, por todos estes motivos, que o Sr. Laudelino Freire não deve falar com tamanho desdem daquelles que sabem... demonstrar, porque esses sempre sabem alguma coisa...

JOAQUIM LISBOA.



MARIO PEDERNEIRAS

(A SUA SINCERIDADE EM ARTE)

A obra de um Poeta, quando sincera, deve ser a expressão suprema de sua vida; pois a Arte só é verdadeira, em suas variadas interpretações, quando o artista que a crêa, é aquelle que, embalado pelo cantico mysterioso da natureza ou pela cadencia regular das horas da vida, manifesta a sinceridade das emoções na explosão luminosa do seu genio.



A sinceridade é tudo em Arte; e o artista só é sincero quando vive, humilde ou gloriosamente, o seu proprio destino.

O essencial é viver o seu destino, seguir a sua vida, sem a preocupação de querer calcar aos pés as pedras do caminho e afastar dos olhos as sombras que lhe surgirem pela frente.

A vida é caminho que nos está traçado e que devemos seguir sem vacillações.

Para uns a marcha é suave e é calma, para outros é cheia de ancias, de afflicções e a estrada chega a parecer sem fim...

E' preciso porém segui-la sempre, enfrentando a tristeza para melhor sentir a alegria; não receiar o tragico escuro das noites agoirentas, para melhor sentir as bellezas do dia claro; não fugir aos espinhos das plantas agrestes, para melhor sentir o perfume das rosas; amar sempre as horas presentes, para dellas sentir a saudade no futuro; não ter receio da morte para poder amar a vida; saber viver para saber morrer!

O Poeta, na significação sublime e real do termô, differencia-se dos outros homens que, hombro a hombro com elle seguem pela vida a fora, porque elle é o peregrino que sabe sentir e realçar nos minimos contornos, tudo que lhe emociona a alma, fazendo bater mais forte o coração.

O homem vive apenas; o poeta interpreta a vida...

Se por acaso, a meio do caminho surge uma montanha, que é preciso subir para depois continuar, o homem sobe simplesmente, mas o Poeta ao chegar ao alto da montanha, volve os olhos, cheios de ancia e ardor para os horizontes longinquos e brumados e entôa o canto heroico, eternizando com palavras e com gestos quanto de bello viu e vê, immortalizando na memoria daquelles que o ouvem, o seu amor eterno pela eterna Belleza!

Amar a vida sobre todas as cousas, é a legenda magnifica do Poeta que crêa a sua arte sinceramente.

L'Art c'est toute la vie, disse Jules Laforgue.

E é a vida até o fim, até o tumulo. E a differença final entre o Poeta e os homens, seus companheiros de jorriada, é que estes se contentam, quando a morte vier fria e fatal, com o repouso nos sete palmos de terra num recanto entristecido, mas o Poeta tem a mais a ambição sagrada, de pensar que a sua alma fica pairando nas regiões sublimes de uma gloria consoladora.

Mario Pederneiras foi um Poeta. A vida dedicou-a elle á Arte. Foi unico na sua feição e poudo salientar-se originalmente de seus pares, porque a sua emoção, o seu sentimento, a sua sensibilidade esthetica, correspondiam a um horizonte novo e claro, a um largo avanço, sobre o versejamento corrente dos poetas de seu tempo.

A impressão de sua estreia se manifestou quasi em surdina pelos criticos e nos cochichos literarios das portas de livraria e de mesas de cafés; as opiniões boas ou más eram desencontradas, a respeito do novo poeta.

Mario Pederneiras era um original que surgia com a exuberancia do temperamento, explodindo no entusiasmo de formas e ideas novas; era o cavalleiro que sahia á lucta, com suas armaduras vivamente bellas, com a lança e o capacete reluzindo ao sol e cuja belleza dos gestos vivos e diferentes do vulgar, escandalisavam a turba boquiaberta deante da ousadia com que afrontava o campo.

Entre o poeta que com esse entusiasmo entrava pela vida artistica e o Poeta, simples e quasi humilde, que produziu o livro posthumo inedito a que adeante me vou referir, ha uma distancia notavel, uma evolução digna de estudo.

Sinto que o engenho me falhe para realçar as bellezas do livro *Outomno*.

Ha nelle versos magnificos que são evocações tristissimas de quem se sente morrer.

E foi de facto poucos dias antes de morrer, que Mario Pederneiras, o suavissimo poeta, escreveu o *Trecho-final*, ultimos versos do seu ultimo livro:

Meia tinta da côr dos Ocasos do Outomno
 Sonho que uma illusão sobre a vida nos tece
 E perfume subtil de uma folha de trevo,
 São, de certo, a feição deste livro que escrevo
 Neste ambiente de silencio e de somno,
 Nesta indolencia de quem convalesce.

Meu livro é um jardim na doçura do Outomno
 E que a sombra amacia
 Do carinho e do affago
 Da luz serena do final do dia;
 E' um velho jardim dolente e triste
 Com um velho local de silencio e de somno
 Já sem luz de verão que o doire e tisne,
 Mas onde ainda existe
 O orgulho de um cysne
 E a agua triste de um lago.



São estrophes sublimes que dão bem ideia do livro — um calmo jardim na doçura do Outomno... Faz-nos evocar cousas idas e sentidas; velhas gravuras que nos mostraram em creança e cuja impressão nos ficou na memoria; fantasias de Dulac, pintadas em marfim, na luz de uma noite suave, illustradoras de velhas lendas, de velhos sonhos...

Mario Pederneiras foi um dos Poetas mais sinceros que eu conheci. Cada livro seu, representa uma phase de sua vida, uma tristeza de seu coração. *Agonia* e *Rondas Nocturnas*, seus primeiros livros, representam bem a bohemia despreocupada dos primeiros tempos em que Mario Pederneiras com Lima Campos e Gonzaga Duque, formaram incontestavelmente a companhia mais artistica da epoca.

Nestes dois livros, Mario é o Poeta que não tem receio de empregar um termo novo que a fantasia lhe dictava; é o artista que não mede os versos sinão pelo que lhe ensina a visão esthetica; é o Poeta que tem uma emoção nova e toda sua e que não repete o que já foi dito por outros. *Agonia* e *Rondas Nocturnas*, são no entanto dois livros, onde o talento poetico de Mario Pederneiras surgiu limpido como um dia claro.

O Poeta sempre falava do tempo em que os escrevera, com palavras cheias de saudade, com a emoção que sempre o dominava a se recordar do passado.

Foram livros de uma epoca feliz, em que a vida do rapaz artista, não tinha outro sentimento que não o de sua Arte e o seu espirito não tinha outro pensamento que não o de fazer vibrar em seus versos, toda a emoção que a Belleza lhe dava, ou a sua fantasia original lhe fazia crear. Hoje estes dois livros são quasi desconhecidos e o esquecimento já lançou sobre elles o seu doloroso manto... Mas isso é natural: o esquecimento é o mais commum dos sentimentos humanos...

Depois de *Agonia* e *Rondas Nocturnas*, Mario Pederneiras publicou um livro que deve ser tratado religiosamente, como um relicario; é um livro onde tudo é bom, suave e triste e que transporta nossa alma a um encanto mystico que tanto tem de divino quanto de humano.

Refiro-me ás *Historias do meu casal*. E' este o livro do contraste, da Felicidade e da Dôr. Tem duas partes: na pri-

meira, *No valle da ventura*, descreve o Poeta o tempo mais feliz de sua vida e ella nos commove meigamente. E' a linda canção de ventura, de sua vida de casal, de sua vida simples numa velha morada á sombra de arvores amigas, entre os filhos e com o mar em frente...

Abre-a, *Meu casal*, soneto bello e perfeito:

Fica distante da cidade e em frente
A' remansosa paz de uma enseada,
Esta dos meus romantica morada,
Que olha de cheio para o Sol nascente.

Arvores dão-lhe a sombra desejada
Pela calma feição de minha gente,
E ella toda se ajusta ao tom dolente
Das cantigas que o Mar lhe chora á entrada.

Lá dentro o teu olhar de calmos brilhos,
Todo o meu bem e todo o meu empenho
E a sonora alegria de meus filhos.

Outros que tenham com mais luxo o lar,
Que a mim me basta, Flôr, o que aqui tenho
Arvores, filhos, teu amor e o mar.

Escrepta esta parte, duas filhas lhe morreram, a vida lhe tinha mudado, e *No paiz da saudade* é a segunda parte deste livro, doloroso como um soluço, inconsolado como uma saudade, maravilhoso no seu desconforto:

Que esta suprema dôr que minh'alma envelhece,
Que tanto me acabrunha e tanto desalenta,
Que repelle a Ilusão, como o Sonho afugenta,
Que não cede ao Clamor, como não cede á Prece;

Que esta Suprema Dôr que me prende e accorrenta
A' magua de esperar o que nunca apparece,
Que se entranha na Vida e se alarga e que crece
E de encontro á Alegria, em lagrymas rebenta;

Seja o meu calmo abrigo, o meu sereno Asylo
Onde minh'alma vá toda branca e alquebrada,
Pedir Pouzo e Paz para um viver tranquillo.

E que exsurja da Terra em que agora ando immerso,
 Para eterna viver aqui — marmorizada —
 Na tristeza immortal da Lagryma e do Verso.

Em 1912 publicou um novo livro: *Ao léo do sonho e á mercê da vida*. Por esta ocasião parece que o Poeta deixava a vida seguir o seu rumo, ao abandono, ao acaso.

E' ainda um livro de saudade, saudade do tempo que passara, saudade dos filhos que morreram....

E' a desillusão que fala pela alma do Poeta:

Eras apenas uma Phantasia
 Meu lindo sonho de Felicidade

E' neste livro que se encontra um dos mais bellos sonetos de Mario Pederneiras, o Suave caminho:

Assim... Ambos assim, no mesmo passo,
 Iremos percorrendo a mesma estrada;
 Tu — no meu braço tremula amparada,
 Eu — amparado no teu lindo braço,

Ligados neste arrimo, embora escasso,
 Venceremos as urzes da jornada...
 E tu — te sentirás menos cansada
 E eu — menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos,
 Que para mim o teu carinho trouxe,
 Placidamente pela Vida iremos,

Calcando maguas, afastando espinhos,
 Como se a escarpa dessa Vida fosse
 O mais suave de todos os caminhos.

Mario Pederneiras na sua feição triste, foi um Poeta cuja tristeza foi sempre conformada, sem uma revolta contra o destino, sem uma palavra aspera, sem um gesto brusco, sem um grito! Foi um suave....

Tudo o que até agora se tem lido nestas ligeiras notas, é apenas para mostrar que Mario Pederneiras só escrevia o que sentia. E sua sensibilidade foi sempre muito humana



embora a emoção se traduzisse sempre numa phantasia nublada e triste.

Certa vez em Lucerne, no Outomno de 1868, Richard Wagner disse a Villiers de L'Isle-Adam: — "*Mon art c'est ma prière: et croyez-moi, nul véritable artiste ne chante que ce qu'il croit, ne parle que de ce qu'il aime, n'écrit que ce qu'il pense; car ceux-là qui mentent, se trahissent en leur oeuvre dès lors stérile et de peu de valeur, nul ne pouvant accomplir oeuvre d'Art-véritable sans désintéressement, sans sincérité.*"

A sinceridade é tudo em Arte, repito. E Mario Pederneiras, quando não fazia viver ou soffrer em versos preciosos a propria ventura ou desventura, a alegria dos filhos, a casa dos paes, a sombra do jardim, tudo enfim, que lhe era a vida, o encanto, inspirava-se no que era simples e calmo como os jardins publicos, as arvores da rua, as cigarras, o garoto, as ceáras, os campos...

Foi um Poeta simples e em toda a sua obra, não encontramos um só motivo que nos arrepie os nervos, que nos impressione mal. Foi suave a que publicou e suave é ainda o livro que deixou inedito.

Quiz o destino que eu o tivesse entre as mãos. Dizer o que elle é, não é difficil. Como os outros livros do Poeta reflecte o momento em que foi escripto.

Para quem conheceu Mario nos ultimos tempos da vida, é este seu livro mais triste. Elle sabia que era o seu ultimo livro. Era o *Canto do Cysne* como elle o chamava... *Outomno* é um mixto de saudade, soffrimento, esperança, a trindade sentimental que nos acompanha sempre...

Embora quasi todos os seus versos tenham sido compostos numa phase aguda da molestia que o matou, ha nelles uma certa despreocupação de espirito, anseios de vida e até um pouco de ambição...

Ao amor que foi um dos motivos de inspiração, que a alma de Mario Pederneiras sempre tratou muito de leve e delicadamente, é consagrada uma pagina de uma emotividade sublime.

Eis alguns versos:



Teu olhar é tão manso,
 Tão de ardências febris, desprevenido e leigo,
 Tão suave, tão bom, tão chelo de descanso;
 Tão sereno é teu beijo,
 Tão leve, tão subtil o teu próprio desejo;
 Tudo
 Em ti é tão meigo:
 Sentimentos e Carne, Olhar, Voz e Carinhos,
 Que muita vez sentindo,
 Junto de mim, o teu aspécto lindo,
 Que meu amor intenso,
 Indomito, açulado, espera e esprelta,
 Penso
 Que tu, Querida, tu és toda feita
 De arminhos
 E velludo.

.....

 Um lago,
 Sem rythmos agitados,
 De agua de brilho de aço,
 Clara, fresca, parada,
 Sob a seda de um Céu, á noite, em pleno Outomno;
 Um recanto de terra esteril, isolada,
 Chela de suggestões, de socego e de somno.
 De distancia e de espaço,
 Não tem a penugem do afago,
 Deste afago normal dos teus olhos dourados.

.....

 Quanto mais para a terra o teu amor dirijo,
 Quero-o mais humano,
 E exijo
 Que dessedentes meu desejo humano
 Em carícias mais fortes e mais francas
 E te imploro
 O sabor aromal do teu beijo sonoro,
 Não me ficam nos labios
 Acidulos resabios
 Da ancía sensual de onde a Volupia espouca...

 Só me fica na bocca
 A macia impressão de que beijo azas brancas...



São lindos na sua simplicidade, estes versos de amor sincero e suave, como todos os versos de amor que Mario escreveu.

Difícil é fazer versos de amor, sem cair na banalidade de um namorico alambicado ou na vulgaridade de um sensualismo quasi sempre brutal.

O amor como inspiração poetica, sendo fertilissimo em motivos variados, é ingrato pela sua vulgaridade, e difficil pela sua delicadeza. Os versos de amor que Mario Pederneiras escreveu, são todos bem diferentes do que communmente se tem escripto, com notada predilecção, na poesia indigena: são simples sem serem banaes, e originaes sem serem escandalosos.

No conjuncto de sentimentos que formam a alma de puro artista de Mario Pederneiras e no estylo e maneira de versejar que fizeram o seu verso tão delicado e suggestivo, conseguiu o Poeta realisar a maxima simplicidade na arte de fazer versos, tão bem proclamada por Jean Dolent: *Dire les choses sans faire peiner-les mots.*

E essa simplicidade em dizer a sua emoção, attingida nos ultimos livros de Mario Pederneiras, é mais um reflexo da sinceridade de sua arte.

Nos seus primeiros livros, a originalidade da inspiração, o rebuscado do verso, a exquesitice da emoção, eram naturaes e sinceras, pela idade do Poeta, pelo entusiasmo de quem principia, pela anciedade de quem quer crear qualquer cousa de *novo*. Mais tarde, com o andar do tempo, com o avanço da idade, o espirito aristocratisou o pensamento, seleccionou as emoções, simplificou o phrasear. D'ahi, esta simplicidade encantadora dos seus ultimos versos.

E por essa razão não me contenho no desejo de transcrever mais alguns versos ineditos de Mario. *Alegria em surdina* pertence ao livro *Outomno*:

Abro a janella,
A saudosa janella do meu quarto...
Por ella
E' que me vem a Vida lá de fóra
E, manso e farto
Entra, de Malo, o Sol que não abrasa,



Parei no meio da descida
E agora
Torno de novo á minha Casa,
Volto a viver a minha Vida.
E meu olhar distraído
Revendo tudo que eu aqui deixára;

A mesma sinto a luz serena e clara,
O mesmo azul e do mesmo velludo,
O verde vegetal e o macio da aragem,
E no Mar e no Céu e na propria paisagem,
A suave impressão que deixa em tudo
A Alma bíblica de Maio.

Maio passou na gloria plena
Do sol macio e pouco denso...
Passou... entre balladas de novena
E nuvens bíblicas de incenso

Nos olhos trago
Uns somnambulos restos de cansaço
E de exigencias physicas de somno,
Por isto, é que melhor eu sinto o affago
Que erra
No côr, no ar, na luz macia,
E abre no espaço
A aza de arminho da melancollia,
Ah! Como é bom convalescer no Outomno,
Quando parece
Que, como nós, também a Terra
Convalesce.

Revejo os meus e Tu, que és minha;
Volto de novo ao pequenino mundo
Onde da vida os bens concentro,
E outra vez sinto cá dentro,
Mais calmo, mais profundo,
Mais na minh'alma,
O longo beneficio desta calma
De que o Outomno toda a Vida arminha.

Lá fóra
Anda um Sol que mais abraza
Do que esse que encontrei no meio da descida.



E só agora
Torno de novo á minha Casa
Volto a viver a minha vida.

Para que continuar? Os que leram estas notas certamente guardarão na memoria, apenas os lindos versos de Mario Pederneiras e não os meus pallidos commentarios. E este será o meu maior prazer. Proclamar mais uma vez o talento peregrino de Mario Pederneiras foi o meu unico intento. Agradeço a mim mesmo esta intenção. E' preciso pois que os Poetas novos desta linda terra, tão cheia de azul e sol, leiam sempre os versos de Mario Pederneiras, Poeta que só foi triste porque a vida o quiz.

E' preciso ler e não esquecer, para desmentir o que foi dito, de que o esquecimento é o mais commum dos sentimentos humanos....

E para isso é preciso trazer sempre na memoria, as palavras sabias de Remy de Gourmont: *L'important est de n'avoir vides ni le coeur ni la tête....*

RODRIGO OCTAVIO FILHO.



A CONCEPÇÃO FEDERAL DE ALBERTO TORRES

Pensava com razão Balzac que numa obra de arte o essencial não era a photographia da realidade, senão que, abandonando-se embora, e até mesmo infringindo-se a perfeição do modelo, ficassem contudo na obra algumas linhas ou traços geraes com tal genialidade de extravagancia que só por ellas sentisse o observador, a emoção da realidade copiada, com mais vida e mais belleza do que no proprio modelo original. Eis um conceito de applicação rigorosa a todo o trabalho intellectual onde pretenda alguém reviver em palavras a vida em suas multiplas manifestações, desde as mais simples e vulgares até a caricatura duma grande individualidade. Quem estuda um pensador como Alberto Torres cuja acção se fez sentir no livro, na imprensa e na tribuna, como visionario do seu paiz sob o aspecto politico, administrativo e social e finalmente como evangelista da paz, não consegue traçar-lhe o perfil, senão apenas dividi-lo em varios outros menores correspondentes ás multiplas modalidades por que já se manifestára. Quizesse alguém traçar-lhe a caricatura sem perder um só dos seus aspectos e, ou sairia a obra enfadonha e desconnexa ou então um resumo em que detalhes de primeira ordem fossem sacrificados, salvando-se apenas uma synthese onde uma unica linha ideal sobresahisse — a centelha do caricaturado.

Alberto Torres, pioneiro da revisão constitucional é o melhor aspecto sob que se o pode apreciar, porque todas as suas obras, excepto as referentes ao pacifismo, tendem accentuadamente a abrir o caminho das reformas politicas. Dizia-nos elle numa das nossas ultimas palestras, e suas palavras tem incontestavelmente uma grande actualidade, que a constituição havia de ser a pelle do nosso corpo social. Ella não poderia ser uma roupagem de encomenda, nem mesmo uma bem acabada roupagem, senão uma pelle que se adaptasse com segurança e perfeição a um corpo anteriormente conhecido; dahi a sequen-





A DIRECTORIA DE MAPPIN STORES DESEJA AGRADECER AOS EXMOS. FREGUEZES A PREFERENCIA QUE POR ELLE DEMONSTRARAM DURANTE O ANNO EXPERIANTE E APROVEITA O ENSEJO PARA DESEJAR-LHES UM NOVO ANNO DE VENTURAS E FELICIDADES.

MAPPIN STORES.

A Directoria.

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO N. 21 (Novembro): — Carlos Peixoto Filho, por **Mario de Alencar**, da Academia Brasileira; Psychologia das revoluções meridionaes, por **P. J. de Oliveira Vianna**; Paixão e gloria de Castro Alves, por **Afrânio Peixoto**, da Academia Brasileira; Padre José Mauricio, por **Julia Lopes de Almeida**; Poesias, por **Gullherme de Almeida**; Sobre a jornada republicana de 1817, por **Assis Chateaubriand**; Vocabulario analogico, por **Firmino Costa**; A "Carne", de Julio Ribeiro, por **Alfredo Pujol**, da Academia Brasileira; Brasil escravizado com o, por **Assis Brasil**; A idea de Justiça, por **Pedro Lessa**, da Academia Brasileira; O Culto do passado e o centenário da Independencia, por **Adolpho Pinto**; O fundador da Republica, por **Paulo Pestana**; A Bandeira do Brasil, por **Escragnole Doria**; Alcoolismo, opiação e impudismo, por **Bellarrio Penna**; Bibliographia, Movimento Artistico, Notas de sciencia, Revistas e Jornaes, Variedades, As caricaturas do mez, e varias Illustrações fóra do texto.

SUMMARIO DO N. 22 (Outubro) — Souza Bandeira, por **Mario de Alencar**, da Academia Brasileira; A Independencia do Brasil, conferencias, por **Armando Prado** e **Amadeu Amaral**; A morte do Sacy, conto, por **Sergio Espinola**; O "Salão" de 1917, com oito Illustrações, por **Monteiro Lobato**; Livros..., por **Medeiros e Albuquerque**, da Academia Brasileira; Alguns noivos do Rio Granda do Sul, por **Homero Prates**; Vida ociosa, romance, por **Godofredo Rangel**; A defesa nacional, por **Assis Brasil**; Dois sabios holandezes no Brasil, por **Juliano Moreira**; O saneamento do interior do paiz, por **A. Amaral**; O movimento nacionalista, por **Mathews de Albuquerque**; A philosophia no Brasil, por **João Ribeiro**; O Norte Hierario, por **Xavier Marques**; Notas de sciencia; Bibliographia; Movimento artistico; Revistas e jornaes; As caricaturas do mez; etc.

A nossa collaboração

No proximo numero iniciaremos a publicação de interessantissimos documentos

DO ARCHIVO DE JOSE' DE ALENCAR

(Cartas de Lamartine, Octaviano, Bocayuva, Gonçalves Dias, Castro Alves, J. Serra, L. Guimarães Junior, etc., etc.)

OUTROS TRABALHOS DE:

Alberto de Oliveira
Oliveira Lima
Medeiros e Albuquerque
Mario de Alencar
Olavo Bilac
Magalhães de Azeredo
Rodrigo Octavio
Pedro Lessa, e outros.

ela das suas duas obras: Problema nacional e Organização nacional. No programma revisionista observa-se logo a evidente superioridade do seu espirito. Enquanto no alto meio politico do Brasil as tendencias não passam da federação e centralização, parlamentarismo e presidencialismo, Alberto Torres sahe altaneiro deste ambiente de polemicas sem brilho onde o estreito doutrinarianismo constitucional é apenas um ridiculo disfarce das divergencias politicas de logarejos, e até mesmo de chauvinismo academico, e vai estudar a nação para depois lançar as bases da futura reforma.

Dentre as grandes dificuldades em que sempre temos esbarrado no caminho do problema constitucional, a maior é a que deriva da mais absoluta carencia de dados relativos ao nosso feitiço social e do apego ainda vigoroso á concepção academico-romanesca da politica. Ainda não temos um historiador dos nossos costumes, e muito menos um philosopho que os haja observado com paciencia afim de nos traçar o perfil social. Além disso, ou talvez por isso mesmo estudamos direito publico por tal forma que os planos constitucionaes tornam-se apenas a applicação philosophica do mesmo direito a uma sociedade que o não comporta. Tudo isto aliás é aggravado pelo nosso temperamento romanesco: não apreciamos uma constituição, sem uma constituinte agitada e encandecida por discursos elaborados por imaginações adrede temperadas pela leitura das Hugoanas e pela audição da Marselhesa. Um exemplo basta para provar a verdade do que affirmamos. Reunia-se o povo do Rio de Janeiro no dia 21 de Abril de 1821 e, em assembléa deliberava mandar uma mensagem ao Príncipe Regente impondo-lhe o juramento da constituição de Hespanha e outra insinuando-lhe nomes de futuros ministros. Tendo alguém na assembléa observado que pela Carta Hespanhola não podia o povo escolher ministros, nem por isso foi attendida a observação, todavia, jurada a carta a assembléa que se havia reunido em attitude revolucionaria foi, após muita insolencia dissolvida a bayoneta. Este exemplo referido por Warnhagen na Historia da Independencia resume tudo o que acima expunhamos: irreflexão de quem quer ver jurada uma carta desconhecida, enthusiasmo academico por uma novidade em direito publico e enfim a agitação revolucionaria bém aquecida pela literatura e pela musica de 1789.

A individualidade politica de Alberto Torres marca pois uma era nova. Si por ventura não estudou, com a profundeza que seria para desejar, o nosso meio social, comtudo foi, que sabemos, o primeiro que, antes de pensar na revisão, pensou no ambiente social, começando pelo desenho do organismo e finalmente pelo traçado da sua vestimenta ou pelle. Si erros de ponto de vista são quicá encontrados no estudo do Brasil social, por seu turno a originalidade no modo de encarar o problema da revisão é o mais bello e util dos esforços feitos nesta materia e, ainda mais, é obra sua. Sob tal aspecto en-



bem-lhe as honras e homenagens de verdadeiro triumphador, pois se não poderá negar que a novidade na applicação do methodo ao Brasil foi victoria ganha com independencia, com talento e com coragem.

Elle é antes de tudo um revisionista que conhecendo perfeitamente toda a theoria do direito publico, abre mão da sua competencia juridica e pretende criar um programma que tendendo ora para a federação ora para o unitarismo não pertence rigorosamente a nenhum desses regimens mas cabe contudo ao Brasil.

O artigo 6.º, mola central do federalismo, sem cujas attribuições só é possível a confederação, merece-lhe o maior cuidado.

Desde muito tivemos noticia que era pensamento intimo do saudoso Prudente de Moraes, a regulamentação do referido artigo. Pena é que se não saiba com certeza, a bem da historia politica, até onde teria por ventura influido na cooparticipação da ideia do Presidente de então, a intimidade quicá accentuada do seu Ministro do Interior!

Os bastidores da historia politica da Republica ainda constam de **dizem e parece**, assim pois não sabemos affirmar, todavia acreditamos estar certos de que tal ideia rocebera de Campos Salles uma contradita em termos que significavam dizer que qualquer reforma no artigo 6.º seria uma punhalada no coração da Republica. Ou a phrase produzia o effeito desejado, ou a crise economica desviou a attenção do palz para além da reforma constitucional. Agora porém, é Alberto Torres que, vendo, como fundamento essencial daquelle artigo, a attribuição de patriótica tutela do governo federal sobre os estados, pretende alargal-o institulndo paragraphos referentes á manutenção da cultura patria e dos futuros principios constitucionaes. Segundo pensa, semelhantes itens devem ter um sentido tão lato que a União possa intervir não só como agora o faz, sinão ainda para derribar nos estados toda e qualquer novidade contraria ás intimas tendencias da carta constitucional futura. Em summa, a intelligencia dada ao referido artigo, longe de ser apenas a de uma attribuição do federalismo tornar-se-ha tambem patriótica e nacional, ou por outra, uma tutela e um zelo permanente sobre os estados onde os principios genes da cultura patria ameacem perigar.

Em face do federalismo, ou os Estados se ligam por um tratado, como na America do Norte, ou este se subentende, como no Brasil, mas num e noutro exemplo a attribuição de intervir é um assumpto de tal relevancia que são medidas as palavras com que se exprime o direito de intervenção.

Sem tal prerogativa não ha verdadeiramente federalismo, nem tampouco pode o mesmo em rigor existir, si a sua açada é por demais ampla. Para isso e por isso é que, no direito federal americano, o congresso ou o presidente intervem quando o julga acertado, mas, si por ventura chega á suprema cõrte um recurso sobre o caso, esta pode, querendo, exercer a sua prerogativa fiscalizadora para declara-



rar si houve ou não uma intervenção legal, sem afastamento das garantias implícitas ou explícitas da constituição referentes àquelle direito.

Alberto Torres porem, abre mão de todo o doutrinário científico e insinua-nos um projecto de reforma do artigo 6.º, mais viavel e mais patriótico.

E' principio básico do regimen federativo que o que não é conferido à União ou negado aos Estados pertence-lhes sempre; todavia opposto é o systema pseudo federal do Canadá onde o que se não cede a esses nem se nega àquella cabe-lhe a ultima indubitavelmente.

Contudo Alberto Torres rebella-se logo corajosamente contra o primeiro dos regimens que allás é o nosso, e onde ficam os Estados acima da nação, pois a seu ver a ultima é que deve apparecer em primeiro lugar. A ideia que deve sobresahir, pensa o jurista, não é que são os estados os autores da unidade como se dá em nossa lei magna, muito de accôrdo com a doutrina jurídica verdadeira, mas que a União é quem gera os estados.

Parece não ser nada esta simples ideia sem entrada nos textos constitucionaes, não obstante é tudo como regra de interpretação futura e como pensamento dominante numa assembléa constituinte. A tal respeito ha em sua obra detalhes originalíssimos: insiste em substituir a palavra — Estado — pela expressão — Provincia autonoma — e o titulo de — Republica dos Estados do Brasil — pelo de — Republica Federativa do Brasil.

Continuando, sob a influencia da mesma ideia dominante, propõe uma reforma ao artigo 4.º por onde caberá ao Congresso federal a iniciativa e autoridade para dividir ou reunir em uma só varias provincias autonomas e até mesmo para cassar-lhes a autonomia. Assim pois será visceralmente revogado o artigo vigente segundo o qual semelhantes operações politicas não vão até cassar esse direito e o congresso age apenas como ratificador ou referendario das assembléas locais.

E' preciso incontestavelmente ter coragem para propôr semelhante reforma num anelo politico em que a autonomia é o remedio aconselhado a todas as crises sociais, mas não duvida que é ainda necessario conhecer muito bem o Brasil com todos os seus contrastes para ver essa verdade, clara como a luz meridiana.

O artigo 65 da Constituição vigente estatue que é facultado aos Estados — em geral todo e qualquer poder ou direito que lhes não fór negado por clausula expressa ou implicitamente contida em clausulas expressas da constituição. Alberto Torres porém, aconselho que se acrescente á expressão — clausulas expressas — outras — ou decorrentes do regimen republicano federativo, das instituições creadas pela constituição e de seu fim, objecto e meio de acção.



Afigura-se-nos immediatamente que a expressão — decorrentes do regimen republicano federativo — cria, para as provincias autonomas projectadas, o papel do Estado federal americano, mas uma tal intelligencia não é por fórma alguma cabivel porque o enunciado — regimen republicano federativo, — longe de se referir ao regimen doutrinario, relaciona-se apenas com o que se projecta, bem diverso allás do verdadeiro. Além disto, quando não bastasse a explicação dada, seria sufficiente a leitura do final do artigo em projecto onde á phrase alludida se seguem outras locuções interpretativas quaes sejam: — instituições criadas pela Constituição, e de seu fim, objecto e meio de acção. De maneira que enquanto pelo federalismo pertence aos Estados tudo o que não lhes é negado por clausulas expressas da Constituição, e pelo pseudo-federalismo do Canadá á União cabe todo e qualquer direito que lhe não fôr prohibido por clausula da mesma natureza, segundo o federalismo projectado para o Brasil, o regimen se approxima do primeiro em relação á sua essencia e se afasta de ambos no que diz respeito á fórma. Fica de pé, segundo o plano revisionista de Alberto Torres, o principio de caber ás provincias tudo o que lhes não fôr prohibido, mas na fórmula desta prohibição é que o revisionismo é radical. Não se faz questão, como no regimen vigente, de negar um direito aos Estados apenas mediante clausulas expressas ou principio implicitamente contido nas mesmas clausulas, mas ainda de que tal prohibição venha a resultar da analyse do espirito da lei com todas as suas tendencias e principios aparentemente occultos, apesar de evidentes. Em summa, o que agora é negado aos Estados por clausulas expressas ou principios nelhas implicitamente contidos, sel-o-ha tambem por clausulas implicitas da carta constitucional; em outros termos, a interpretação dos casos em que um dado direito esteja fóra da alçada das provincias não se poderá fazer tão sómente á luz da sciencia juridica, mas acima de tudo, pela nova concepção dos fins e necessidades sociaes e politicas expressas na futura lei constitucional.

Quem lê pois a reforma proposta ao artigo 65 § 2 com a nova intelligencia que se lhe dá, mais nacional do que juridica, difficilmente contém um movimento de sincera e espontanea sympathia ante a nova maneira de apreciar o regimen federativo onde ha sobretudo muita coherencia com a idéa dominante de fazer dos Estados actuaes um accessorio politico em face do essencial, a nação.

Além da intelligencia inteiramente nova, impressa ao artigo 65 § 2, ha na obra de Alberto Torres outras reformas de menor importancia pelas quaes não podemos passar sem referencias; nestes casos está por exemplo uma innovação proposta ao actual artigo 7.

Qualquer iniciado em direito publico sabe que, em systemas verdadeiramente federativos, cedem-se á União todas as prerogativas necessarias á manutenção da unidade politica e social. Ora, se esta



unidade não tem a importância visceral dos regimens centralizados é comtudo bem notavel e significa que a federação é uma alliança assignada entre Estados de vida interna propria que não obstante, allmentam a consciencia dum mesmo destino social e politico, em face das outras nações, em face da historia e de si proprios.

Vem de longe a campanha contra o imposto de exportação que tanto ha tolhido a actividade do productor. Cada Estado lança o imposto de exportação que lhe apraz, dahi a anarchia no ramo de maior interesse do systema tributario, porquanto é pela exportação que sae que vem o ouro para o paiz. De fórma que no meio de encaminhar o ouro para a nossa casa não ha uniformidade de acção e muito menos um ponto de vista patriótico. Cada governo estadual necessitado de dinheiro para as suas despesas, lança maiores impostos, entre outros, sobre a exportação, mas disto resulta sempre o augmento do papel no thesouro publico difficultando a entrada do metal em todo o paiz. Outro inconveniente ainda provém da falta de uniformidade do mesmo imposto e este é o progresso da exportação num Estado em desharmonia com o regresso em outro, ou antes, a instabilidade do commercio do ouro que se encaminha ora para um, ora para outro ponto do territorio nacional. Pela reforma ideada por Alberto Torres todos esses inconvenientes, inclusivê o de facilitar o artigo 7 os impostos interestaduais, desaparecem ante a transferencia para a União da faculdade de lançar impostos sobre a exportação para o estrangeiro.

Haverá incontestavelmente uma grande diminuição da renda das futuras provincias, o prejuizo porém, é inteltramente compensado pela passagem ás mesmas aconselhada do imposto de consumo, mais apropriado como campo de tributação local.

A concepção federal de Alberto Torres é antes de mais nada uma idéa profundamente patriótica, como se verá allás no desenvolvimento do seu nacionalismo.

Cheio de estremeção zelo pela nação brasileira procura evitar que ella venha a ser, com a affluencia do ouro estrangeiro, uma especie de feitoria colonial de banqueiros americanos e europeus que procurem esgotar as nossas riquezas trocadas depois por um ouro que para aqui não volta. Assim aconselha a nacionalisação de todas as estradas de ferro e outras queresquer empresas relativas ao transporte maritimo ou fluytal, bem como de toda e qualquer industria exploradora de negocios de interesse vital para o paiz. E' seu pensamento não consentir a penhuma companhia ou syndicato funcionar na industria ou commercio brasileiros sem ao mesmo tempo sêde no territorio nacional, ou, no pessoal e na administração, brasileiros e estrangeiros residentes e domiciliados no Brasil. Não bastando ainda tal imposição, aconselha a seguir, que nenhum estrangeiro, sem do-



meilho ou residencia entre nós, possa ser dono de bens de raiz ou explorar negocios ou empresas no territorio nacional.

Não ha duvida que parecemos caminhar, dada a affluencia do capital estrangeiro, para uma especie de feitoria colonial em que os donos de empresas que nella não residem, possuem comtudo fabricas e minas onde é explorada uma riqueza que no paiz não fica senão em porcentagem relativamente insignificante. Esta é a dura verdade, todavia devemos refletir sobre os prós e os contras desta logica apresada. Se a hypothese acima não soffre contestação, por outro lado devemos convir em que o dono de empresas situadas no Brasil gasta em seu territorio, antes de qualquer lucro, um capital que vae circular entre brasileiros e valorisar a moeda nacional porquanto o papel com que se fizeram as primeiras despesas foi sempre trocado por ouro entrado no paiz. Além disso ha no Brasil riquezas cuja exploração dá um lucro tão certo como infallivel é o phantastico da despesa antes de qualquer fructo. O caso por exemplo do manganez e do ferro cujo transporte sóbe a um preço de desanimar, não pôde ser resolvido ligeiramente pelo barateamento dos fretes porque as estradas, á vista das distancias e accidentes topographicos, vencidos, carecem naturalmente dum juro compensador; dahi pois concluir-se que um negocio desta natureza só dará lucro certo e invejavel a um syndicato que possua ao mesmo tempo a mina e a estrada de ferro.

Posta a questão nestes termos, resta saber o que é preferivel, se continuarmos pobres no meio da abastança, ou enriquecermos sem deixar comtudo de o permittir em proporção tres ou quatro vezes maior ao capitalista estrangeiro que leva o ouro para a patria.

E' possivel que o milionario industrial se sujeite ás prescrições legais aconselhadas, mas, se o contrario se der, havemos de nos resignar a viver pobres em meio de riquezas inexploradas.

Seja porém, como fór, a proposta de Alberto Torres merece muita reflexão e deve até ser experimentada com cuidadosas adaptações.

Em seu nacionalismo ha dois aspectos brilhantes: o talento do detalhe e a coherencia philosophica. Todos nós brasileiros temos o presentimento instinctivo das nossas necessidades e dos nossos perigos, e esta qualidade que é, em ultima analyse, um dos mais significativos caracteres da raça, varia na razão inversa da capacidade de detalhar os meios de acção para conjurar o mal; e quando por acaso surgem os meios, é de improviso, por fórma tosca e defeituosa apesar do heroismo de que sempre se revestem.

As nossas guerras por exemplo são sempre esperadas pela opinião nacional com uma segurança quasi prophetica, mas nem por isso tomam-se as precauções necessarias, de maneira que quando surge o perigo, surge tambem de improviso o remedio, tosco e deficiente, mas em todo o caso heroico.



Alberto Torres destaca-se dos seus contemporâneos por isso que, antevendo como a maioria dos brasileiros, o assalto ao nosso nacionalismo, insinua logo o remédio com todos os detalhes necessários.

Ha além disso, no projecto revisionista uma admirável coherencia jurídico-philosophica com o systema federativo ideado que é de véras para apreciar num trabalho de tamanha complexidade. Caracterisando-se o federalismo de Alberto Torres pela idéa dominante de ceder ás provincias todos os meios de progredir, sem não obstante deixar de estabelecer sobre ellas a hegemonia moral e politica da União, devemos convir que as leis nacionalisadoras por elle insinuadas são consequencias immediatas desta idéa central, pois ha nellas providencias que difficultam, em nome da nossa unidade patria, a desnacionalisação de certos Estados, bem começada ante a cumplicidade lamentavel de alguns cabos electoraes.

Agora pois que havemos abandonado a analyse da sua obra no que diz respeito aos Estados ou provincias, como as denomina, somos insensivelmente levados a notar uma particularidade para nós de maior importancia: referimo-nos aos governadores das futuras circumscripções provinciaes que Alberto Torres consente sejam escolhidos como o determinarem as suas leis.

Para nós a electividade do governador de Estado é o maior flagello que já tem cahido sobre a politica brasileira pois como este, só conheciamos outro, felizmente já meio arredado — o suffragio universal.

Permittir a Estados na quasi sua maioria, sem ambiente, que aliás só existe no conjuncto da nação é o mesmo que decretar o progresso e a cultura.

Não nos importaria, se outra houvesse sido a solução revisionista, a incoherencia entre o federalismo e a não electividade do governador da futura provincia imposta pela Constituição federal, pois só deverá preoccupar o espirito dos nossos estadistas, a escolha dum regimen que nos sirva.

O federalismo no Brasil tem apenas, como lado sympathico e razoavel, a divisão do trabalho administrativo, difficil quando é enfeixado em mãos do governo central e facil quando transferido ás autoridades locais; todavia um tal principio não é absolutamente sacrificado, sendo outro o processo de escolha do governador.

Salvo em dois ou tres Estados actuaes, o governador, uma vez eleito, cuida immediatamente em organizar um partido do qual seja elle o "cacique môr", e, quando não o faz por lhe convir o que já encontra organizado, continua na obra do seu fortalecimento. A primeira victima é a magistratura, a segunda, digase á puridade, é o Thesouro. O magistrado altivo e incapaz de arranjos politicos, se não tem bons padrinhos e além disso muita sorte, deixa de ser recompensado nas promoções, quando não é perseguido; além disso criam-se



novos empregos publicos exclusivamente para cabos eleitoraes da confiança do partido. Em poucas palavras, enforca-se a justiça e sangra-se o Thesouro. Ainda não vimos o mal em toda a enormidade porque ainda não meditamos naquella grande verdade pronunciada por um juiz americano illustre que dizia: elejem-se representantes, nomeiam-se administradores.

Si um governador nomeado por autoridade federal, leva compromissos partidarios, não tem estes nunca a multiplicidade nem a intensidade dos que pesam sobre um magistrado que por acaso foi eleito; além disso, sabendo que não pôde com o eleitorado local influir directamente na escolha do successor, tem por isso mesmo menos necessidade de sacrificar a magistratura e o Thesouro. Escolhamos pois o menor dos males que em politica é a regra mais certa e a unica possível.

Um outro aspecto sob que se deve apreclar a escolha do governador, é o que diz respeito á importancia intrinseca do cargo: porque razão se ha de nomear um ministro plenipotenciario ou do Supremo Tribunal, sobre cujos hombros pesam as mais graves responsabilidades, e se ha de confiar á alma apaixonada dos cabos eleitoraes a escolha dum governador de Estado?

Ha medidas de caracter nacional que não podem ser tomadas sem um profundo golpe na influencia das fuções politicas locais, mas é ao mesmo tempo innegavel que semelhantes providencias afiguram-se impossiveis ante a electividade do governador.

O argumento da Constituição federal norte-americana não tem aqui lugar, porque nos Estados Unidos onde a federação se conheceu pela primeira vez, não era possível a União sem que os Estados até então reunidos "sub conditione", isto é, confederados, acceltassem todas as clausulas da Constituição "ad referendum".

Sabemos nós do esforço dispendido por aquelle jornalista de verdadeiro genio que se chamou Hamilton e pelos seus illustres auxillares, afim de verem accelta a Constituição federal pelo Congresso de Nova York. Compreende-se que naquellas condições, houvesse a constituinte tido o maximo cuidado em deixar em mãos dos poderes federaes apenas as prerogativas indispensaveis a perpetuar a unidade da patria, deixando aos Estados todos os outros poderes. Mas aqui no Brasil semelhantes attitudes foram méras ficções, subentenderam-se apenas, de maneira que não havia em 1889, nem ha ainda hoje, difficuldade de ordem pratica em impôr-se a nomeação do governador. Na America do Norte lar-se pedir aos Estados que acceltassem a União, o que quer dizer que nas suas clausulas estariam apenas as imposições imprescindiveis, lá pois deixou-se aos Estados a liberdade na escolha do governador; mas no Brasil deu-se exactamente o contrario, pois a União foi quem abdicou e quem cedeu, e cedendo, felo demais.

Tambem se elege o presidente da Republica, todavia não é possível uma republica em que um antecessor nomeie o successor porque neste caso teremos voltado á monarchia ou criado num mesmo regimen duas idéas que se contradizem; além disso não comprehendemos bem qual haverá sido a logica de sahirmos de monarchia hereditaria para uma Republica testamentaria: não ha, pois, duvida a respeito, se estamos na Republica, o presidente só pôde ser electivo. Facil ainda é arguir que no regimen democratico o criterio tem de ser o da electividade dos funcionarios, inclusivé governadores regionaes, mas semelhante argumento por hypothese prova em excesso, prova por exemplo, que se devem eleger Juizes e outros funcionarios civis ou militares, prova enfim que tanta democracia será Republica demais.

Se houvessemos reflectido maduramente sobre o passado, quando foi da assembléa constituinte, a electividade do governador não teria sido permittida, e, assim como em outros casos, a autonomia local haveria sido em boa hora soffreada, retirando-se nos Estados a infeliz liberdade de escolher o seu presidente.

Nenhum brasileiro ignora que se a Regencia foi uma das épocas de maior heroismo da nossa historia foi tambem por tal fórma revolvida de odios que a maioridade tornou-se a unica solução. Os odios que a agitaram eram méros furores da politica facciosa, porque todos os partidos queriam ganhar a eleição, todavia a verdade historica acha-se á frente de nós expondo as causas de tamanhas desgraças: o colligo de processo e o acto adicional. O primeiro cria a electividade da magistratura, o segundo, a confusão, entre as prerogativas do governo imperial e as das provincias, mais favoravel em certos pontos ás ultimas do que nos proprios regimens federativos.

A Republica fez quasi a mesma coisa quizé peor: deu aos Estados uma série de attribuições que ante qualquer duvida interpretativa augmenta em seu favor e autorison-os a eleger o presidente com poderes para nomear e desgraçar magistrados.

No Imperio appareceram homens da estatura dum Alves Branco e dum Uruguay sendo que o ultimo conheceu da origem do mal e fez uso do remedio heroico, da Lei Interpretativa e de 3 de Dezembro, com que salvou o paiz; e a Republica, já terá por acaso o seu novo Uruguay?

(*Continúa*)

PORFIRIO SOARES NETTO.

VIDA OCIOSA

XIX

A's nove horas senti fome. Foi quando me avizinhava da fazenda da Paineira, de sô Quim Capitão. Conhecia vagamente o velho, que vivia entrevado, com a sciatica. "Bom ponto de almoço", pensei. "E de repouso tambem, porque a cachoeira ainda dista uns tres quartos."

A fazenda era um casarão achamboado, com capacidade para aposentar um corpo de exercito. Circuitavam-na culturas em abandono, que se asselvajavam em capoeirinha. Ouvia-se o trapejar de agua a cair, e o rumor dum moinho trabalhando.

Ao ranger a porteira do curral, saiu afobado da fazenda um homem dum olho furado, que me veio ao encontro. Soube depois que se chamava Sontonho.

— Veio buscar o fubá do Totó? — gritou-me elle, a plenos pulmões, chegado a meio passo de distancia.

— Não senhor; eu...

— Você então é o camarada do Zaéca? — secundou semeliantemente, espichando o pescoço para reconhecer-me.

— Tambem não! Eu...

A esse ponto enxergou-me gravata e collarinho, e disse, descobrindo-se:

— O sr. desculpe, eu vejo pouco. Veio buscar fubá?

— Não! Desejava apenas, se não incommodo, descansar um pouco, e almoçar, sendo possivel.



— Decerto que hade ser possível! Uma quarta só?

— Como lhe dizia, não vim precisamente para isso...

Ahi Sontonho fez da mão porta-voz, e berrou-me na concha do ouvido:

— Meio alqueire?

Larguei a arreata e fugi para a mascara da fazenda.

— Trouxe sacco? gritou ainda elle, no ouvido do cavallo.

Não sei como findou o dialogo, que foi longo, pelos brados que soavam para os lados da porteira.

Bati e introduziram-me no quarto do velho. Sô Quim Capitão recostou-se na almofada para conversar. Estava escanifrado, de olhos fundos, muito nos cambitos, desenhando-se-lhe a ossatura accidentada sobre a colcha de retalhos. Um bentinho unctuoso aninhava-se entre as falripas do peito descarnado; e a cabelleira branca arrepellada dava-lhe ares de Jehovah em furia, a deitar maldicção.

Depois que me identificou e reconheceu, pediu noticias do povo do Corrego Fundo e da cidade. Quiz saber da guerra, da crise, e abysmava-se de tudo, como se a fazenda fosse uma ilha deserta, e elle, Robinson. Detinha-se ás vezes, num esgar de dor, e contorcia-se no catre, onde seus ossos secos estralejavam, como varas dum feixe mal atado. Depois, acalmado de subito, pedia desculpas da pausa, e começava a "especulação". Fazia-me repetir as cousas duas, tres vezes, e dar de tudo explicações miudas. Era um aneio de saber, de inquirir, e um regalo das noticias sabidas, que por momentos esquecia os estortegões dos nervos gritadores.

Arrancaram-me do seu quarto para o almoço.

— Fique aqui hoje! disse. Viroca, manda as meninas desarrear o animal.

As "meninas" eram tres filhas bobas, cobertas de molambos, e com farrapos de saias até os joelhos. Mau grado meus protestos, passaram as tres para o curral.

O almoço já fumegava em terrinões claros, altos como monumentos, na meza da varanda. Espantava-me de tanta iguaria numa casa aparentemente despovoada, quando começaram a concorrer, de todos os commodos, os numerosos membros da familia. Eram uns homens barbaçudos, de



olhar palerma, ainda remelados de somno, e de andar desconjunctado; e eram bojudas figuras de mulheres, mais ou menos matronas, de ar atarefado de gallinhas chocadeiras a cuidar dos pintos. Não havia braço sem cria. Os ventres boleavam-lhes, em competencia de fetos; a primeira empinava o embigo, já nos nove mezes; na segunda espinoteava o filho já viavel; e em todas as proeminencias mais ou menos accentuadas, assignalavam as phases varias da gestação. E a essa vista acudia á gente estar na matriz inicial do orbe terrestre, ponto de diffusão das raças.

Cumprimentei a todos e a todas, aturdido de tanta cara nova. Só mais tarde consegui rotular cada uma com um nome, e destrinçar o mesclado parentesco. Havia alli um Tavico, uma Zóca, Bié, Biella, Carrinho, Viroca, Bastião, Tintina, Cocota... Apareceu tambem Sontinho do olho furado, que se mostrou muito meu amigo, e que me convidou a sentar a seu lado.

— O fubá está prompto, avisou-me.

As tres bobas, de volta do curral, passaram para os fundos carregando os arreios. Essas serviam, e almoçavam depois na cozinha.

O pasto foi succulento, e o pantagruelismo generalizado dos convivas, dava-me por suggestão um appetite que raiava o esganamento. Comia-se muito e depressa. As tres bobas, atarantadas, nunca sabiam bem a quem acudir primeiro; e se não serviam presto, era uma saraivada de epithetos:

— O' saranga, a caçarola da fritada!

— Que pamonha! ha que tempo tou te pedindo o revirado!

Era incrível o que aquellas boccas, enormes como furnas, se embastiam de mantimento. Os homens não proseavam, com o tento nos terrinões, e a se vigiarem de esguelha, promptos para a offensiva, no caso de saque de algum bocado precioso. Se ia algum espostejar um frango, as queixadas paravam de mastigar, e os olhos convergiam terriveis para a travessa, a fiscalisar o operador; rateada a ave em quinhões equitativos, recomeçava em torno da mesa a mandibulação interrompida.



Cruzados os talheres após as repetições do estylo, foi cada um servido de uma pratarrada de leite com angú; ao cabo chupei os bigodes, como os demais, para acclimar-me aos novos costumes. Seguiu-se café com bolinhos. E eu já estava tão bem assimilado áquella campanha, que em seguida obliquei como todos um olhar inquisidor para os lados da cozinha, a ver se apontava ainda qualquer cousa. Após razoavel espera, convictos de que havia acabado a refeição, cada um de nós se apossou de alguns punhados dos bolinhos remanescentes, e dispersamo-nos. Os varões, refartos e bambos, retiravam-se, na maioria, para os seus aposentos.

Por desencargo de consciencia fui espiar meu animal. Vendo-o desarreado e comendo milho, invadiu-me um grande desanimo de continuar a viagem.

— Não tem nada que olhar para o cavallo — disse-me D. Viroca, que me observava; papae já disse que hoje o senhor fica aqui.

— Impossivel, minha senhora!

Demonstrei-lhe por mil razões, qual mais convincente, que instava seguir minha viagem; primeira — era juiz e não estava em férias; segunda — viera em animal alheio, que devia restituir á tarde; terceira... quarta... millesima...

Ella calou-se convencida, depois de oppor-se muito, e mui amavelmente; eu, porém, cedera apenas á mania dos considerandos, pois estava inclinado a bater pouso naquella mansão que me quadrava tão bem; por isso, foi com espanto que ella me ouviu pedir umas chinellas, quando esperava agradecimentos e despedida. Ordenei ás tres mudas que me apromptassem um banho com salmoura, requisitei um terno de brim do Totoca e uma camisa sem gomma do Sontonho, e espapei-me por fim, regaladamente, na marquezia de volutas da sala de jantar. Extranhei sómente que apenas me dessem para companhia tres canzarrões de colmilhos brilhantes, Nemrod, Piquete e Danubio, cujas boas graças conquistei com um punhado dos bolinhos encelleirados, e que eu tivera cuidado de baldear aos bolsos do terno de brim. Extranhei — mas depois comprehendí que havia alli habitos arraigados a tolerar e respeitar.



— Porque não vae para o quarto de papae, dar uma prosa? disse-me D. Biella, passando.

Respondi-lhe que estava bem e deixei-me ficar. E as horas corriam nessa doce inacção. Quando o silencio me pesava, retinha ao pé de mim o primeiro transeunte pela sala, e fazia-lhe perguntas, inquirindo do pessoal e do parentesco, pedindo pormenores, como contagiado da inextinguivel curiosidade do velho paralytico, eu que sempre procurei desinteressar-me do que passa sobre este planeta tão pouco interessante. Talvez a esfrega do cavallo tivesse me ensinado uma vez por todas a não descurar das pequeninas cousas que convem saber, e a supersaturar-me da sciencia das insignificancias importantes. E só então começou a fazer-se luz em meu espirito, sobre a intrincada geneologia e correlatividade do pessoal da fazenda. Aprendi que sô Quim Capitão era pae do Carrinho, casado com a Sanninha. Estes geraram o Tavico, casado com a Tintina de olhos sapiroquentos. Carrinho, filho de sô Quim e pae do Tavico, tivera fazenda e terras. Quando casou o Tavico, poz-lhe negocio de generos na cidade. Em dois mezes o casal comeu o sortimento e o filho levou a mulher para a roça, aonde ia "ajudar" o pae. Ahi elle e a Tintina geraram uma porção de filhos e filhas. Na fazenda paterna já estavam outros filhos "ajudando" o Carrinho. O euphemismo encobria desemprego e dava recacho para enfrentar de cabeça alta os maldizentes. Em poucos annos todos de pareeria comeram a fazenda e as terras, e foram para a Paineira "fazer companhia" ao velho entrevado. Chegando ahi o systema solar do Carrinho, composto de sol, planetas e satellites, já encontraram na fazenda outros systemas solares, que todos rodavam em torno de sô Quim, que era uma especie de ponto fixo desse novo universo. Tal união tornava-se edificante e levava os fazendeiros das cercanias a exclamar, apontando-os como exemplo:

— Familia unida como a de sô Quim, eu nunca vi!

Havia, sim, congraçamento, e o mutuo desejo de prestar serviços. Se alli estava a familia da Cocota, era para esta fazer companhia a sá Tuda, perto das dores; quando a Tuda "desoccupasse", seguraria a Cocota, que tambem es-



tava muito "pesada"; e, livres as duas, não podiam desamparar a Biella, que já tinha enjões e vágados; e nesse gangorrear de panças ia passando o tempo.

Mau grado tanta companhia, mirrava-se na soledade de seu quarto o venerando tronco daquella proliferação copiosa. D'alli mesmo, esteio solido da fazenda, administrava os pastos de aluguer, principal fonte de renda. Seu braço direito eram as tres bobas, "guerreiras" para o trabalho; trindade inseparavel, iam todo o dia, symetricas, para o eito; roçavam, plantavam; e ainda cozinhavam, lavavam, com os tres pares de pernões em perpetua exhibição, sob os farrapos dos saiotes. Braço esquerdo era Sontonho do Olho Furado, que cuidava do fubá com uma dedicação sem egual; impaciente, numa freima de mania, viera da fazenda para o moinho e do moinho para a fazenda um pouco desperdiçadamente, porém, pois seus sentidos avariados lhe faziam andar um pouco mais do que o estrictamente necessario; tanto era, que, empurrasse uma criação a porteira do curral, lá sahia elle com a chave do moinho na mão, muito apressado, perguntando:

— E' p'ra mórde o fubá? Trouxe sacco?

E sem attentar mais, nem esperar resposta, enveredava diligentemente para a engenhoca.

Com excepção do Bié de barba comprida, phrases sentenciosas e musculos dignos do guatambú, que passava os dias no terreiro, capão da pintalhada, a fazer carrinhos para as creanças, os outros varões reservavam-se para a reproducção da especie, mister de mais nobre alcance. Viviam pelos quartos, derreados da faina de procrear, a refo-cilar os orgãos trabalhados em interminaveis somnecas reparadoras. Apenas deixavam, extremunhados, os leitos profíficos, á hora das refeições.

Essa inercia geral ia-me ganhando, de sorte que eu não deixava o sofá de volutas da sala de jantar, o qual, á noite, me servia de leito. Aquella atmosphera de langue despreocupação antolhava-se-me como summo bem e unico modo de vida razoavel. Quantos dias encalhei alli, como Annibal em Capua, integrado na familia de sô Quim Capitão na qualidade de satellite avulso? Nem sei. Em certas disposições de



animo devolve-se o tempo unido, como uma sombra que passa lentamente e sem fim, sem repartições de dias e de noites. Não era, todavia, totalmente feliz; acabrunhava-me a vaga consumpção dum Adão solitário, que boceja no meio da perfeição do seu Paraíso, sentindo pesarem-lhe varias costellas sobresalentes.

No meu sofá, saboreava-me do silencio e da penumbra do vasto salão de jantar. O mulhero atropellava-se ao longe, na cozinha, inventando quitutes; dahi vinha um afastado chiar de panellas, cascalhadas, exclamações jô-vias. Em cabides de pau embutidos nas hobreiras, canos para o alto, pendiam espingardas presas pelas correias, e buzinas retortas, que sonorizavam o silencio com recordações de caçadas. O alto relógio secular contava os segundos, e de tempos a tempos batia nasaladamente horas frouxas. E naquella estagnação de sombra e mudez, produzia écos sonoros a tosse do velho, aos fundos, ou a carreira de um dos canzarrões de guarda, unicas almas vivas que a espaços a animavam, e que, em demanda da cozinha onde iam pedir os sobejos, levavam tempos a vencer o varandão, desesperando a gente de vel-os chegar ao cabo da immensa quadra. A intervallos, uma alegre alarida: são os quitutes que vêm em bandejas e travessas.

— Sr. dr., corá? Pipocas, sr. dr.?" E ás vezes milho ou batatas assadas, ou talhadas de moranga. Tomo ás mãos ambas meu quinhão, já espartado pelo appetite; e em seguida o bando esparcella-se pelos quartos, onde os machos, estrouvinhados, grangeam com os petiscos um precioso reconforto para a substancia fatigada.

E os dias eram todos assim parecidos...

XX

Emquanto reino sobre meu sofá como unico e indisputavel senhor, a vida parece-me amavel; mas o velho peorou, e o curandeiro que o trata veio arraigar-se a meu lado, refugindo do enfermo, cuja loquela interrogativa não se compadece com sua veia philosophante. Se meu visinho fosse um ser inoffensivo, eu poderia toleral-o; mas o homem fala,



fala, fala... Procuro dispersar-me; numa fuga de atenção analyse-lhe a cabecinha ruiva de formiga, e orço-lhe trigonometricamente a proeminencia do nariz pontudo; minha attenção, porém, resvala para a perlanga ininterrupta, e eis-me de novo a ouvi-lo:

— E' como lhe digo — sou carimbamba por muito fuçador e querer saber cousas que não me competem. Sou peneireiro, fazedor de pilão, de colher de pau e de gamella, e devia ficar só nisso, porque é como lá diz: "Quem é mão não faz pé; e quem nasceu p'ra cachorro hade morrer latindo". Pois eu, o senhor sabe, não tive principio nenhum; o pouquinho que aprendi foi escutando aqui e alli, e conversando com os entendidos, que eu, Deus louvado, sei pôr-me no meu lugar. A's vezes sou poeta e gosto de especular os medicos; foi assim, que, pedindo uma explicação a um d'elles, do que me disse comprehendí que a saluva é a graxa do estamo. Guspír é um vicio. Veja as criações que não gospem. A' proporção que a saluva vae merejando na bocca, a gente deve engulir, porque assim ella vae desenvolvendo p'ra dentro e não faz falta para a digestão. Creio que é por isso que meu estamo é bom. Aquillo que cahiu dentro d'elle, vará. Como de tudo. Só não gosto de caça de rabo, porque é parente de cachorro. E como, sempre que meu estamo pede. Numa comparação: um moinho, se tem milho na moega, vae moendo; se não tem, azanga. Assim tambem o estamo: é preciso ter nelle sempre alguma coisinha p'ra não trabalhar em secco.

Abundei na mesma opinião, e o meu interlocutor proseguiu:

— Sou peneireiro e lavro madeira, mas não tenho mais tempo p'ra dar ao officio; são muitos os doentes, e vivo da casa deste p'ra daquelle. Ainda agora... ainda agora...

Veio esta repetição porque comecei a abstrahir noutras cousas, e o homem o percebeu. Com o segundo "ainda agora" elle exigia que me fixasse na sua exposição. Concentrei-me a escuta-lo, e elle continuou:

— Ainda agora venho de trás da serra, onde fui ver um compadre com um berne arruinado; e dei volta pelo Engenho, por causa duma esporada de mandy na mão do Zé Vicente. Ahí estão duas doencinhas que parecem de nada, e ameaçam levar os doentes. Dou mais por só Quim Capitão,



que não é homem de ir assim entregando a palha com a rapadura. Esse é dos antigos, a vida nelle está mais agarrada. Porque hoje, sr. doutor, com a descoberta desses vapor e desses automoveis, a gente anda mais depressa, mas também vive mais depressa. Tudo vem mais cedo, até a morte. (No meu tempo creança começava a adentar depois de um anno; hoje, com cinco, seis mezes... Antigamente as creancinhas nasciam de olhos fechados, feito cachorrinho; só os abriam no fim de oito dias; hoje tudo nasce arregaladinho e esperto, como se já entendessem as cousas. Sô Quim é duro, não vae assim em dois arrancos. Se me attendesse, eu o punha bom, porque doença que entra com a friagem, cura-se pelo systema antigo, com tartaro em folha de laranja; se o estamo não acceita, a gente põe uma chave na mão, p'ra não vomitar; no dia seguinte, sangria, p'ra força da doença sair; depois, qualquer cordial cura. Emfim... emfim...

Soffreou de novo minha attenção erradia, proseguindo:

— Emfim, se faz bem ou mal não seguindo meus conselhos, só Deus sabe, porque tudo neste mundo é o destino. Eu na minha comprehensão, sr. doutor, acho que Deus creou o mundo com tudo o que é necessario para nós, e deu, a cada um, um destino. Veja, numa comparação, uma gata que acaba de parir. As mamiquinhas são umas coisas de nada, umas berruguinha que a gente custa a enxergar. Se der, cada uma, meia colher de leite por dia, é o mais. No entanto, os gatinhos, quando nascem, a mãe vae ficar deitada na posição, e elles vão fustando no pello da gata, até dar com as berruguinha. Durante dois mezes só vivem daquella miseria de leitê. E assim mesmo ficam gordos, lustrosos. Que é isso? E' o destino. Noutra comparação... noutra comparação, sr. doutor...

— Arreiem já meu cavallo! — ordenei ás tres mudas que passavam.

Arreado, despedi-me, montei e fugi.

E foi assim que um dia de sol quebrou o encanto, e pude despegar-me daquella delectosa mansão.

Toca para a cachoeira. Reccei recommençar experiencias para pôr o animal em andadura accetavel; por seu lado,



tambem receoso, offereceu-me elle o accôrdo de um galope macio. Jubiloso, accitei.

Carrascaes de candeias tortas bordejavam agora a estrada, interpoladas de asperas fructas de lobo. Não temesse eu melindrar a montada, apearia para colher gabiobinhas do campo, que rescendiam convidativamente da orla do caminho. O chão arenoso e declivado pouco empapara a agua caída nos ultimos dias, que decorreram num chuveiro pertinaz. A aragem era fresca e o sol era doce; e, contrastando a penumbra do meu prolongado encêrro, sorria-me a natureza o melhor de seus sorrisos.

Aquí e alli fugiam roscas do rio, que carregava aguas barrentas. A's suas margens multiplicara a vasante espraçados tranquillos, que scintillavam ao sol. Já audivel, o rumorejar da cachoeira encrespava-se a cada passo ávante; era uma cortina de sons que se erguia numa vesga do horizonte, e que em pouco, alastrando, ganhava todo o circuito da paizagem, estrondejando compactamente.

Metto-me por um trilho que se desgarrá da estrada, em direitura da cachoeira. Cruzo pedestres, já de volta, com saccos e jacás atestados de peixe. Conversam gritando como surdos, para fazerem-se ouvir. Avisto porfim, constringidos entre paredões de rocha, os rolos d'agua despenhando-se. São muitos os degraus em que a torrente rabeia, fustigando o leito, como serpente assanhada a encrespar a cauda nervosa. Muita gente: homens nús, ou com tanga, ou só de calças, munidos de toda a sorte de utensilios de pesca — balaies ou coadôres na ponta de bambús, guarda-chuvas, balaies sustidos nas mãos, peneiras, redes ondeantes como bandeiras na extrema de varas longas.

A torrente despeja-se nos fluxos e refluxos. Quando a ondada passa, pulam os peixes em cada poço, innumeraveis, projectando-se para o ar, a despedir chispas de prata dos corpos retorsos nervosamente enovelados e vibrateis. E aquelles aparelhados visam todos colhel-os no salto. Recresce o rôlo liquido, aquieta-se o peixe um momento, esperando que passe, para em cada socalco, entre o esfervescer dos borbohões tumultuosos, recommear o seu projectar incessante, que o caipira compara a pipocas arrebrandando. Abaixo da cachoeira, onde a caudal se rebalsa e retoma a



majestade de seu curso lento, a agua é torva, quasi negra; e ao olhar que lhe escruta a profundeza, essa negrura revela-se feita de cardumes de dorsos escuros, que esfervilham evolucionando processionalmente no bojo dos remansos, esperando o seu turno de lançar o salto. Lembram correição de formigas, faixas migratorias de gafanhotos perpassando innumeraveis. Lateralmente derivam fios escassos, delgadas fitas que traçam sinuosidades no lagedo, fazendo escala em caldeirões cavados na rocha. Esses filetes que mal humidecem a pedra, são o varadouro dos peixes infimos, dos embryões de pollegada para menos, que sobem, miniaturas de peixes, por aquellas miniaturas de rio. Nos caldeirões enxameiam aos milhares, negreando em espiraes — simulacro de nebulosas moveiças, que são, em vez de formigamento de astros, um rebolir de germens. Sobem como vermes, reptando, e aos pequeninos arrancos; e, nas intercadencias dos éstos, que estancam os exiguos manadeiros, adherem ao limo, expectantes, em fórmas glutinosas de sanguessugas.

Por toda a parte é a obsessão do peixe. O ambiente tre-sanda a peixe podre. Ao andar, patinham os pés numa lama mucilagínosa de peixes esmagados. Nas mãos, nas vazilhas, aos montes na margem, ha o contorsionar epileptico de fórmas prateadas. Só se vê e só se pensa em peixe. E' lucta sem trégoas declarada aos pobres viajeiros. Onde os esquece o homem, caçam-n'os síriemas, socós, marrecas, espécimens sem conto de parasitas do rio.

— Póde ser bello, mastiguei; mas monotono e repisado como uma descripção de Zola. Havendo satisfeito uma velha curiosidade, eis-me enfarado, com a saciedade da posse. Isto me confirma a commoda philosophia...

Está visto. Agora, rumo da cidade. Já mingúa ao longe o trapejar da cachoeira. Desobstruidos daquelle som e daquelle vista, meus sentidos se deixam impregnar da suavidade da hora. E' um dia precioso, tocado discretamente a ouro, e repassado do perfume do assapeixe branco, cujos capulhos rescendem ás margens da estrada. Meu animal chouta intelligentemente. Já diviso, espapaçada e immensa, a fazenda da Paineira, que dormita no silencio dos vastos campos, alheada da vida, num infindavel coma de gestação.



Quando fronteiro o curral, ouço berros, e a porteira rechina dando passagem a alguém, que nesse dia viu demais. E' Sontinho — do — olho — furado, com dois saccos na mão.

— Sô doutor Felix! grita estentoricamente.

Tive um arrepio de terror. Se a tentação vencida, e me ia esquecer de novo alli, outra temporada! Enrijei minha vontade com a evocação do curandeiro terrífico.

— Pois o fubá, dr. Felix! Não é que já ia sem elle?

— Ora, Sontinho! não é preciso... Até outro dia!

Piquei de esporão, ou mais propriamente de calcanhar, tentando fugir; mas, implacavel, meu amigo travou solidamente do freio.

— Neste sacco — disse e apontou — está sua encomenda: meio alqueire; neste outro, mais meio, que lhe dou como lembrança de amizade; porque, não é por estar em sua presença — fiquei gostando muito do senhor.

— Obrigado, Sontinho... Mas, co'os diabos! não hei de levar isto commigo.

— Puz em dois saccos para fazer um picoá — explicou a creatura.

E, mau grado minha reluctancia, depois de atar, uma na outra, as boccas dos saccos, atravessou-os na cabeçada dos arreios.

— Agora, boa viagem, se não quer portar — disse elle.

— Adeus, Sontinho.

E, dando dos calcanhares, afastei-me precipitadamente.

Agora já me não corria a viagem tão bem. Sentindo o acrescimo de peso, o animal resingava, soccando-me com um trote duro e ameaçando-me com várias acrobacias. Eu deixava-o ir, confrangendo-me na sella para evitar movimentos que irritassem o bucephalo. O que não parava, eram os saccos. Sacudidos d'aquí p'r'alli, batiam-me em compasso os joelhos, polvilhando-me de branco as calças. Tive a idéa de largal-os á beira da estrada; mas receei consequencias imprevistas, dado o genio incerto e esfogueteado da montaria, achei melhor deitar fatalismo. A viagem com aquelles saccos, já estava, por sem duvida, prevista na minha pagina

do Livro do Destino. Todavia, se assim me vissem a reco-
var fubá, eu, alta autoridade judiciaria do termo! — re-
ceei.

Se viram! Comecei a cruzar gente da cidade. O medico,
acudindo a um chamado. Os irmãos Faria. A familia Gon-
çalves. A familia Guimarães. Diabo! Todo o povoado se bal-
deava nesse dia para outra parte. Cruzou-me o meirinho,
um advogado. Santo Deus! Mais duas familias... Agora o
interminavel cortejo de um casamento: um cavalleiro, dois,
tres, vinte, trinta... Santa Barbara!

Uns cumprimentavam-me, todos observavam-me obli-
quamente, a maior parte ria-se sob capa, cochichando entre
si o quer que fosse. A face, esbrazeando, ardia-me. Suava.
E com o suor o corpo penicava-me, dando-me uma coceira
infernál, principalmente no fio da espinha, no ponto exacto
onde as mãos não alcançam.

Um estirão deserto — graças a Deus! e a fazenda do
Corrego Fundo.

Apeio, tiro os saccos, e entro pisando duro, para de-
semperrar as pernas...

— O' de casa!

— O dr. Felix! O homem sumido! exclamam os velhos.

— Sim, meus amigos! Mas que reaparece com uma
lembrança para siá Marciana!

Entrego-lhe a saccaria. E assim liberto-me, radiante,
do picoá de má morte.

(*Continúa*).

GODOFREDO RANGEL.



RESENHA DO MEZ

BRASIL-ALLEMANHA

Ha muita gente que ainda se não convenceu, uns por defeito de raciocinio, outros de má fé, da necessidade vital em que estava o Brasil de entrar na guerra que a Allemanha armou contra o mundo inteiro.

O sr. Tobias Monteiro, em uma serie de artigos que publicou ha pouco no *Estado de S. Paulo* mostrou o erro dessa gente.

Recemiam uns que, triumphante a Allemanha, se volta ella um dia contra nós e tire uma desforra do nosso atrevimento.

Tristes recemios! Já se não voltou ella contra nós afundando navios nossos em pleno periodo de uma neutralidade tão rigorosa que a muitos parecia germanophila?

E que o fizesse! Seria honroso, para uma nação, affrontada em seus direitos e em seus bríos, abaixar a cabeça resignada para não irritar ainda mais e ainda mais enfiar o seu deshumano aggressor? Traria sequer algumas vantagens de ordem material a suffocação cobarde de todos os sentimentos de revolta e indignação ante a offensa brutal?

Seria uma cegueira hereditario.

*Se as nações fracas, escreveo muito bem o sr. Tobias Monteiro, se sujeitassem a padecer quantas humilhações as fortes lhe quizessem infligir, todas ellas acabariam por desaparecer. Justamente o seu heróismo, a sua coragem de arcar com a prepotencia podem ás vezes despertar a nobreza de alguns fortes, impellido-os a um

movimento elevado de solidariedade humana e defesa do direito. E' erro imperdoavel recusar auxilio para derrubar a iniquidade, na esperanza de que ella tenha contemplos com todas quantas a toleraram. Os fracos de toda a especie, sobretudo os fracos de animo, quando muito lhe serão instrumentos. O dever de quem condemna a brutalidade e a ella prefere o direito e a justiça, é pôr-se do lado destes, por menor que seja o concurso que possa trazer-lhes. No dia em que todas as grandes nações do mundo fossem vencidas pela Allemanha, ninguém se lhe poderia oppôr aos designios, onde ella se apresentasse".

Não é só. Ha outras razões, estas de ordem politica e social, que aconselhavam a nossa entrada na guerra ao lado dos alliados.

"O mais simples exame da índole e das instituições dos países em luta deixa bem clara a differença entre os dois grupos de belligerantes: de que lado está a liberdade ou o despotismo, de que lado está o direito ou a força. Todo o grupo, encabezado pela Allemanha e sobre o qual ella exerce uma autoridade decisiva, é composto de nações onde o povo vale muito pouco e o poder do soberano e da casta militar vale quasi tudo. Na Turquia o povo é um rebanho e o sultão o seu senhor. Nenhuma dessas nações trouxe ao mundo a menor influencia, a menor lição de liberdade politica. Os seus exemplos são de tyrannia, de despotismo, de oppressão do pensamento, do crime de lesa-majestade, arrejado em pretexto de castigo contra todas as criticas feitas á acção dos soberanos, responsaveis reaes de toda a vida do Estado, vontade unica que escolhe a paz ou a guerra.

Tudo quanto temos cultivado em materia de liberdade politica aprendemos nas lições da França e da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Belgica. Foram a independencia americana

e a revolução francesa nos fins do século XVIII, que inspiraram os nossos primeiros movimentos de emancipação. A Inglaterra, a Bélgica e a França foram as mestras do regimen parlamentar, que nos garantiu sob o Imperio o exercicio de uma verdadeira democracia. Os annaes do nosso Parlamento estão cheios dos grandes nomes Ingleses e francezes, cujos exemplos guiarão os nossos estadistas na pratica dessa instituição liberal. Os dois Pitt e Robert Peel, Disraeli e Gladstone, Guizot e Thiers, foram os oráculos das nossas discussões na velha Camara e no velho Senado, como os grandes publicistas americanos são hoje os nossos guias na applicação do systema presidencial.

Da França e da Inglaterra, bem como da Italia, não somente para nós mas para o mundo inteiro, partiam os mensageiros da idealisimo, afim de lutar pela independência dos povos. Lafayette foi combater ao lado dos americanos do Norte, lord Byron foi morrer pela criação da nova Grecia, da mesma forma que mais tarde Garibaldi serviu a liberdade no Brasil, no Uruguay e em França. Não ha em nenhum canto do mundo um só allemão que lá tenha levado esse exemplo admiravel de sacrificio.

Foram as duas grandes nações do Occidente que ensinaram a todas as monarchias o jogo do governo representativo, a collaboração decisiva dos povos nos negocios do Estado. Portugal, a Italia, a Grecia, o Japão, todos quantos hoje se batem ao seu lado, como outros que ainda se conservam neutros, colheram-lhes na historia os ensinamentos da transformação liberal. A nenhum delles, nem a Alemanha, nem a Austria, indicaram, por deficiência propria, o caminho dessa evolução politica. As suas lições em colinas do Estado limitaram-se ao culto da força, ao desenvolvimento das instituições militares, ao predomínio do poder do imperador, à conservação das classes aristocraticas, interessadas na industria da guerra".

E' irresponsivel tudo isto. São factos: não são habilidades de dia-dectico.

A victoria da Alemanha seria a destruição de todo patrimonio liberal das nações modernas; o mundo, em consequência della, cairia mandado aos pés do prussianismo duro, exigente, intolerante. Não haveria, na noite da escuridão que o envolveria, uma abertura por onde entrasse um ralo de esperança e de alívio. A humanidade ver-se-ia arrastada á abjeção de um carcere moral sob a vigilância do prussianismo em armas. A terra civilizada

passaria a ser uma vasta penitenciaría onde trabalharíamos todos, tristes e humilhados, para o gozo e triumpho dos senhores feudaes da Alemanha.

A victoria dos alliados entretanto nenhum perigo trará para o mundo. Os primeiros a quem beneficiará serão os proprios allemães. São elles, neste momento, as maiores victimas do prussianismo que o opprime, que o degrada e que o explora.

"Os filhos da America, que imaginam admirar a Alemanha, nota com justeza o sr. Tobias Monteiro, não supportariam um só dia, o regimen ao qual vivem sujeitos os allemães. Essa admiração só pode ser considerada como uma enganadora preferéncia sportiva e staptemente da parte dos que vêm nesta guerra apenas o aspecto militar, a brutalidade dos encontros, o primor dos engenhos de destruição e de morte, sem enxergar o que ella encerra de profundo, os seus insuítos, as causas inspiradoras de tanto sacrificio.

Maior que a admiração pela paciência premeditadora de todos esses horrores, criados num mysterio infernal de quasi meio século, é o reconhecimento de todos os povos livres de nações pacificas, colhidas de sobressalto pelo golpe da Alemanha, e que tiveram de improvisar em tres annos os meios dessa resistencia épica, dando tempo a quantas chegaram, e ainda cheguem mais tarde, para cooperar na victoria final, livrando a humanidade dos flagellos da guerra. Admiravel é o sacrificio da Belgica, a nobreza da Inglaterra, o desprendimento da Italia, de Portugal e da Rumania, a abnegação dos Estados Unidos, que se lançaram na luta afim de socorrer os agredidos, proclamando ao mesmo tempo virem combater, no intuito de criar para as nações um regimen permanente de paz, por meio do desarmamento e do juizo arbitral".

Além de todas essas razões de ordem moral e politica que nos levaram naturalmente, para as fileiras dos alliados, outras ha, de ordem economica, que nos aconselhariam este movimento se acaso as fibras do nosso idealisimo, gastas e frouxas já estivessem impossibilitadas de actuar sobre as oscillações da nossa vontade...

São estas, resumidas optimamente pelo sr. Tobias Monteiro:

"Os Estados Unidos são o nosso laço mais forte de política internacional. A Inglaterra e a França não foram somente as formadoras da nossa cultura intellectual e politica. Desde a Independencia, a cujas lutas se associou pela cooperação de lord Cochrane, no commando da nossa esquadra, a Inglaterra foi tambem a collaboradora fiel do nosso progresso material. A ella, nos ultimos annos, juntaram-se a França e a Belgica, dando largamente do nosso credito. Todas as emprestimos do Estado, das provincias e municipalidades, quasi todos os portos, estradas de ferro, navegação, carria, telegrapho submarino e subfluvial, obras de saneamento, tudo enfim que representa o apparellamento do nosso trabalho, tem sido criado com recursos vindos daquelles povos. A Italia e Portugal deram-nos os braços, que suppriram as deficiencias da nossa população escassa e arduiram-nos quando mais delles careciamos, depois de abolida a escravidão. Na lista enorme destas operações que se contam por centenas de milhões esterlinos, encontramos a Alemanha, emprestando apenas tres milhões a R. Paulo, com garantia hypothecaria da Serocabana, e empregando duzentos contos de réis, como caução do contrato de arrendamento da estrada de ferro de Blumenau á colonia Hunza, instrumento de propaganda e dominação allemã.

No mais, o concurso allemão entre nós, é o trabalho agricola, por culpa nossa em nucleos isolados, de populações estranhas, até na descendencia, á nossa vida, á nossa historia, á nossa lingua, e é a expansão commercial, em proveito da sua industria, da sua marinha mercante, da sua organização bancaria, espalhando no país inteiro agentes que enriquecem depressa e canalham para a mãe patria, não só todos os seus ganhos, mas tambem ainda os filhos, nascidos por acaso aqui, criados e educados no culto da Alemanha".

E' possivel, depois disto, que ainda haja algum brasileiro a quem pareça um erro ou uma loucura o passo dado pelo Brasil em 24 de outubro ultimo. A mãe fé não se rende a argumentos; resiste até aos proprios factos...

Resignemo-nos. O Brasil não é mais privilegiado que os outros países; na massa do seu povo ha de haver, como na massa de todos os outros povos, ha espiritos que se deleitam com a escravidão e corpos que aspiram á delicia do chicote.

O sadismo é uma aberração humana e tanto póde manifestar-se na ordem sexual como na ordem moral...

BIBLIOGRAPHIA

NESTOR VICTOR
— *Farias Brito*

Não temos, os brasileiros, o espirito muito inclinado á philosophia. Povo imaginativo, impressionista e vibratil, faltam-nos as aptidões naturaes para a especulação philosophica. Nem sequer gostamos de pensar. As reflexões longas apavoram-nos. Somos um povo de impulsivos. A nossa cultura, mais extensa que intensa, mais variada que profunda, retrata bem essa incapacidade nativa para as cogitações demoradas.

E' natural, portanto, que o sr. Farias Brito, philosopho authentico, ou o sr. Alberto Torres, pensador real, brasileiros ambos, marcessem ou ignorados ou zombados. Nenhum era do seu tempo e do seu meio.

Vê-se isto bem do livro, curto mas excellente, que ao primeiro consagrou o sr. Nestor Victor.

Não haverá, provavelmente, muitos curiosos que se proponham a ler a obra philosophica de Farias Brito. Aos que não sobrar coragem para tanto aconselhamos, ao menos, a leitura do trabalho do sr. Nestor Victor. Terão assim uma idéa do valor daquella obra. E' quasi certo mesmo que ficarão com o desejo de a conhecer inteiramente...

ALBERTO SEABRA
Os Versos aureos de Pythagoras.

O sr. Alberto Seabra reuniu em volume as interessantissimas conferencias que realizou nesta capital sobre os *Versos aureos de Pythagoras* e que a *Revista do Brasil* teve a satisfação de publicar.

O elogio desse trabalho está feito pela acceitação e applausos que mereceu a todos os letrados. Sabe-se, além disso, que o sr. Alberto Seabra, espirito muito lucido e muito culto, não ignora o segredo de fugir á trivialidade.

Os *Versos aureos*, obra de moralista e de erudito traçada com elegância e clareza, lêem-se com agrado e proveito, coisas que raro andam juntas...

ALBERTO SOUZA
Estudos demographicos — A população de S. Paulo no ultimo decennio.

Das cousas certas, a estatística é das mais incertas. Como a historia, nunca passará talvez, na phrase de Renan, de uma simples sciencia conjectural. E' uma das herdeiras modernas da theologia no que toca á produção das disputas... Não ha, dentro dos seus limites, no terreo dos seus principios, chão sobre o qual não se possa armar litigio. E' uma fantasia architectada com algarismos.

Dahi talvez, da sua incerteza real disfarçada em apparencias scientificas, a sedneção que exerce.

Peia nossa parte, confessamos humildemente que deveramos todas as estatisticas com o mesmo impeto que deveramos certos romances...

Dito isto está comprehendido que lemos com muito gosto o ensaio em que o sr. Alberto Souza procurou determinar a população de S. Paulo no ultimo decennio.

O gosto, porém, não nos veio apenas do assumpto em si; veio tambem de maneira por que foi tratado...

ILDEFONSO ALBANO — *O secular problema do Nordeste.*

E' uma dolorosa pagina de patriotismo e humanidade a que o sr. Ildefonso Albano, deputado pelo Ceará, traçou neste discurso pronunciado em outubro ultimo na Camara a que pertence.

Se ainda existe algum brasileiro que ignore o que seja o horror de uma sécca no Ceará ou que, sabendo-o, não tenha noção exacta do seu dever para com os infelizes habitantes daquelle Estado, leia as palavras do sr. Ildefonso Albano.

Não são declamações; não são litteratura: são factos.

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS, numero especial com as conferencias civicas alli realisadas. Dezembro de 1917. S. Carlos, Estado de S. Paulo.

O corpo docente da Escola Normal de S. Carlos teve a feliz idéa de realizar naquele estabelecimento uma serie de palestras civicas, em que se tratasse do Brasil sob varios aspectos. A idéa teve logo accitação geral, e foi plenamente realisada, o que ainda é melhor. Aqui está para attestalo, o numero especial da *Revista da Escola Normal de S. Carlos* que temos á vista, comprehendendo nove conferencias da serie civica, e ainda outras, que, sobre o Brasil, foram pronunciadas no mesmo estabelecimento. Não diremos agora do valor de todas essas palestras, nem do valor de algumas dellas: o espaço é exiguo, e teriamos, certamente, de commetter omissões injustas. Mas, não se pode deixar de salientar o esforço louvabilissimo dos professores da Escola Normal de S. Carlos, realisando com tanto exito essas conferencias civicas. Conferencia civica aqui, não quer dizer allocução sobre qualquer data nacional brasileira, com mais ou menos eloquencia, mas sem idéas praticas, porque, desgraçadamente, são raros os discursos civicos de brasileiros que não nos façam lembrar a ironia de Hamlet: *Words... words... words*... As conferencias civicas da Escola Normal de São Carlos estão longe disso: são palestras excellentemente documentadas sobre coisas do nosso paiz, revelando pontos de vista praticos, que, sem duvida, despertaram nos ouvintes, as mais nobres intenções de trabalhar pelo futuro do Brasil.

E' esta a relação das conferencias feitas: O sr. Ezequiel Leme occupou-se com as *bellezas naturaes do*

Brasil; o sr. Francisco Pentead, com os *desertos e climas, e devastação das mattas*; o sr. Waldomiro Caleiro, com os *typos brasileiros e a alma nacional*; o sr. Theodorico de Camargo, com o *problema do urbanismo no Brasil e a volta aos campos*; o sr. Astor de Andrade, com a *medicina escolar e o futuro da nossa nacionalidade*; o sr. Dagoberto Salles, com a *vida de um brasileiro que é uma lição de civismo (Campos Salles)*; o sr. Carlos da Silveira, com a *língua patria e a unidade nacional*; o sr. João de Toledo, com a *escola brasileira*; o sr. Atugasmim Medici, com os *mestres e soldados*.

Além dessas palestras, encontram-se neste volume da Revista as dos srs. Elisarío de Araujo, Sebastião Pontes, Mario Natividade, Mariano de Oliveira, e Manuel de Toledo Silva, todos versando assumptos brasileiros.

MOVIMENTO ARTISTICO EXPOSIÇÃO CHAMBELLAND

O mez de dezembro ficou assinalado no movimento artistico de S. Paulo, pela exposição do pintor brasileiro Carlos Chambelland. Foi a primeira vez que o joven artista se poz em contacto com o publico de nossa capital. Desse encontro houve reciproca vantagem: o artista confirmou facilmente a reputação que o precedia e o publico teve a oportunidade de contemplar uma das mais formosas colleções de telas que um pintor aqui tenha apresentado.

Os quadros do sr. Chambelland interessam logo pela sinceridade que domina toda a sua obra e a tornam extremamente sympathica. Chambelland, cujo appellido de familia parece denunciar origem franceza, é tambem um pintor francez pela escola sobria e discreta, rica de nuances e plena de harmonia. Não quer isto dizer que elle não saiba interpretar a natureza do Brasil e não a sinta como o melhor dos brasileiros.

Ha na sua exposição trechos de nossa paisagem reproduzidos com rara felicidade; percebe-se, porém, que o artista como que procura attenuar através de uma factura delicada e fina e de um estylo polido e aristocratico, os aspectos selvagens e, ás vezes, aggressivos da nossa natureza. Alias, na propria escolha dos assumptos já o vemos buscar de preferencia os pontos em que a paisagem é mais suave e até mais pobre, os sitios tranquillos e desolados. Repugnann a este artista todas as violencias, quer na vida, quer na natureza, ou na interpretação de ambas. Nada dos arrojos coloristas dos hespanhoes, nem das scenas dramaticas tão ao sabor dos italianos, nem os fortes contrastes de luz e os vigorosos toques de certos impressionistas. A pintura de Chambelland desenvolve-se tão calmamente no desdobraimento da sua extensa gamma chromatica, que seria puramente academica se a não marcasse a nota pessoal do seu temperamento e a não envolvesse uma doce e melancolica poesia, a cuja emoção não pode fugir o observador dotado de algum senso esthetico.

Nas suas numerosas paisagens (algumas das quaes vão reproduzidas nesta revista) ha trabalhos dignos de todo o elogio pelo seu impecavel desenho, pela belleza de côr e pela factura que revela perfeita segurança technica. Uma dellas — *Dia indeciso* — de um côrte admiravel, está manchada com raro vigor e, embora de pequenas dimensões, offerece, graças á excellente disposição dos planos, a ampla perspectiva de uma vista panoramica.

A exposição Chambelland não é rica em figura. Das poucas existentes, apenas duas interessam particularmente: um pequenino estado de ar livre (cabeça de menina num fundo de folhagens) pequenino mas precioso pela largueza e segurança de execução e pela exacta distribuição de luz, e o seu grande quadro "*Anchieta*". Neste encontramos todas as qualidades que tanto recomendam o talentoso artista patriô;

mas, parece-nos, falta-lhe alguma coisa para que possamos comprehender integralmente a intenção do autor.

Segundo a descripção impressa que corria na exposição, o pintor quiz reproduzir na tela o apóstolo do Brasil quando escrevia na areia das nossas praias o seu famoso poema a Virgem.

O sr. Chambelland na composição do seu quadro apresenta-nos o fundador de S. Paulo na attitude de quem procura reter na memoria a estrophe escripta na areia. De pé, na praia, Anchieta tem os braços cruzados; numa das mãos segura a vara com que desenhou os caracteres na areia e na outra ampara o rosto, cuja expressão se concentra na leitura dos versos.

Estaria o trabalho completo como illustração da obra que nos narra esse episodio. Mas, para que o quadro fallasse por si só, seriam necessarios mais espirito synthetico e poder de emoção mais intenso, que nos transportassem á época de mysticismo e de fé em que viveram os catechistas do estofo de Anchieta e nos fizesse penetrar um pouco na psychologia dessa extraordinaria figura de nossa historia. Não se lhe levaria a mal até, ao pintor, se elle fizesse participar um pouco dessa preocupação, o proprio ambiente em que collocou a personagem. E' claro que não lhe pediríamos desse ás nossas luminosas praias a tristeza das praias da Bretanha. Mas seria essa uma liberdade perfeitamente aceitavel, que tiraria á composição o seu character simplesmente anecdótico, dando-lhe a feição synthetica de uma evocação da esplendida figura do fundador de Piratininga e da sua obra incomparavel.

Devemos acceptal-o, porém, como um bello estudo para esse grandioso quadro que o lento artista certamente ainda fará.

O exito artistico da exposição Chambelland foi grande e merecido. Ella é a obra distincta e encantadora de um pintor de irreprehensivel probidade artistica. — N.

EDGARD DEGAS

Falleceu ha pouco em Paris, Edgard Degas — "o pintor das bailarinas". Degas foi o mais profundo pintor dos costumes francezes do seu tempo. Já em 1876 dizia Huysmans, referindo-se a elle:

"Nascera um pintor da vida moderna, um pintor que não derivava de ninguém, que trazia um sabor de arte completamente novo e processos de execução inteiramente novos também. Engommadoiras a trabalhar, bailarinas durante o ensaio, cantoras de café-concerto, salas de theatro, cavallos de corridas, retratos de negociantes de algodão na America, mulheres sahindo do banho, aspectos do toucador ou do palco... todos esses assumptos tão diversos, têm sido tratados por este artista, a quem não se concede, entretanto, outra fama senão a de haver pintado unicamente bailarinas."

O que os naturalistas realisavam em suas novellas, Degas reflectia nos seus quadros e desenhos. Como Flaubert, os Goncourt e Zola se documentavam literariamente acerca dos costumes da França do fim do segundo imperio e começo da Republica, assim Degas ia também realisando, plasticamente, a documentação que hoje nos revelam as suas telas.

Quando chegou a Paris, ainda bem joven, Degas (que nascera em Nova-Orleans, de paes francezes), tornou-se discípulo de Lamothe, isto é, indirectamente discípulo de Ingres. E' viva a sua admiração pelo mestre, e não descança enquanto, certo dia, não o vai vêr. Depois de lhe haver mostrado alguns dos seus trabalhos, Ingres lhe diz: "Trace linhas, muitas linhas: é assim que se tornará um bom artista". E nada mais lhe disse Ingres. Os grandes mestres antigos, entretanto, observa o sr. Arsène Alexandre num estudo recente, lhe disseram muito mais. Degas os copiou e estudou assiduamente. Era também muito erudito sobre a arte antiga italiana. Foi muitas vezes á Italia, onde conhecia a fundo a lingua e a literatura italiana.

RESENHA DO MEZ



Chambelland : ANCHIETA



Chambelland: SOL DA TARDE

544



Chambelland: DIA TRISTE



Chambelland: PAU D'ALHO

A primeira obra que expôz, com 22 annos, foi, em 1857, um quadro — "Raparigas spartanas lutando com rapazes", que offerece um mixto curioso do realismo e estylo. Por volta de 1865, entretanto, elle renunciou inteiramente á pintura historica, e em 1886 expôz o seu primeiro quadro de corridas. Desde então se succederam essas admiraveis scenas sobre os themas do sport, da dança e de certos typos populares, taes como as engommadeiras, as modistas, etc. Isso, além de numerosos retratos magistralmente pintados. As scenas dos bastidores, de dançarinas, de ballados, de ensaios, são, innegavelmente, os seus trabalhos mais celebres. Nelles se admiram não só o prodigioso "desenho do movimento", como o modelado esculptural e outras maravilhas do colorido. Nada se conhecia igual a isso, do ponto de vista das qualidades plasticas e graphicas.

A celebridade lhe veiu sem que elle a cortejasse. Altivo e independente, nunca affectou, comtudo, ares de revoltado. Expunha sempre na sua mocidade, mas as distincções lhe vieram só mais tarde, quando o seu talento já era geralmente reconhecido e admirado. Afinal, Degas já era indifferente á gloria. E quando, em 1913, o seu quadro *Danaeuses á lá barre* attingiu á bella somma de... 478.500 francos, foi quasi com amargura que elle recebeu a noticia. Um jornalista lhe perguntou:-

— Sois feliz, mestre, vendo vosso quadro attingir a um preço tão alto?

— Sim, sou muito feliz — como o cavallo que ganhou o Grande Premio...

NOTAS DE SCIENCIA

O MUNDO DA LUA

O sr. Scriven Bolton, em artigo publicado no *Popular Science* nos convida a contemplarmos a Lua. Sobre ella, diz o sr. Bolton, dada a

força dos nossos telescopios, se podem vêr todos os objectos do tamanho de um elephante, porque, além do mais, não ha nada que obscureça a vista por não existir na Lua atmosphera. E porque não ha atmosphera na Lua? Porque a força de gravidade é lá pequenissima. Com effeito, em qualquer planeta, o peso de um objecto está em relação com a massa do proprio planeta. Em Jupiter, por exemplo, que é o maior de todos os planetas, se teria difficuldade em levantar um braço, e no Sol, para mover-se, seria preciso um guindaste a vapor. Em Marte, entretanto, poder-se-ia saltar uma casinha. Os planetas pequenos, entre os quaes se conta a Terra, vão pouco a pouco perdendo a sua atmosphera, com tanta maior rapidez quanto menor fór o seu volume. Ora, a Lua, que é muito pequena, ha muito tempo não tem atmosphera. Dada essa falta de ar, crêm os astrónomos ser improvavel a presença da vida na Lua. Com o habito de examinar a lua por meio dos seus oculos de consideravel alcance, o astrocnomo pôde afinal considerar-se um habitante do planeta. Ora, vejamos que é que lá se observa.

O dia lunar é treze vezes mais longo do que o nosso. A aurora, com o sentido que nós damos a este vocabulo, é lá desconhecida, porque não existe atmosphera para reflectir os raios solares quando o sol se acha ainda sob o horizonte. Não ha, pois, nenhuma attenuação da luz solar, fulgurante contra a obscuridade do céu, sempre tenebroso, ainda mesmo em pleno sol, como nas mais negras das nossas noites, e illuminado pelas estrellas e pelos planetas, muito mais luminosos lá do que aqui.

A Terra é, para o espectador lunar, um magnifico ponto no firmamento, pois, além de ser immovel, é treze vezes maior do que para nós é a Lua.

Observemos agora, do alto de uma montanha lunar, a paisagem de em torno, sobre a qual se espalha a maior desolção. As sombras negrissimas são impenetraveis ao



nosso olhar, por não haver a diffusão da luz produzida pela atmosfera. Os cones vulcanicos, com diametros de poucas centenas de pés ou de muitas milhas, cobrem toda a ampla extensão contemplada por nós, enquanto a umas quarenta milhas distantes podemos notar sobre o horizonte, com a mesma nitidez com que vemos as coisas vizinhas, as cristas de uma immensa cadeia de montes. E' difficil, para não dizer impossivel, avallar as distancias; deado que não ha perspectiva aerea. A paisagem se compõe de collinas de lavas, de rochedos, precipicios sem fundo, abysmos profundos que apresentam traços de terriveis convulsões occorridas seculos antes da existencia do homem. Tudo isso jaz no mais absoluto silencio, e revela, não um estado de morte, mas um estado onde nunca appareceu a vida.

Nenhum elemento atmosferico alterou o aspecto primitivo de certos sitios, evidentemente mareados pelo fogo, e abundam os contrastes horriveis, produzidos pela luz violentamente dardejante, pelas sombras negrissimas, e pelo sol que respande no céu escuro.

E' pois, um espectáculo de triste e horrivel desolação, e no mesmo tempo de sublime magestade.

Embora o sol espalhe o seu calor sobre a superficie lunar durante um dia que comprehende trezentos dos nossos dias, as rochas são frigidissimas. Por toda a parte reina um silencio de morte. Poder-se-iam disparar dez mil tiros, fazer tremer o solo — sem que nem assim se interrompesse o silencio!

Que impressão se tem, pois, desse mundo de mysterio e destruição? Segundo Carpenter, "depois que vemos o que é a Lua, mais estimamos o nosso globo, porque acreditamos que nem todos os planetas são dignos de ser habitados por seres intelligentes". E é por isso que voltamos á Terra, inteiramente satisfeitos por ter conhecido o Mundo da Lua sómente através do telescópio...

O MOVIMENTO DA TERRA

Em junho do corrente anno foi recebido pela Academia Franccesa o sr. Alfredo Capus, que pronunciou um discurso tratando de Henri Poincaré, sabio a quem o dramaturgo vinha substituir *sous la coupole*. Nesse discurso, o sr. Capus disse, entre outras coisas interessantes, isto: "Eis que, quatro seculos depois de Copernico, um sabio observa que no espaço não existe um logar, de onde se possa observar se realmente a Terra gira; e que, por consequencia, esta affirmação: "a Terra gira", não tem sentido, visto como nenhuma experiencia poderá verificála. Mas a descoberta de Copernico pode resumir-se nestas palavras: é mais commodo suppôr que a Terra gira, porque assim se exprimem as leis da Astronomia em linguagem mais simples".

Estas palavras, pronunccadas no Instituto de França, provocaram uma replica de Camillo Flammarion, que no jornal *L'Astronomie*, põe as coisas nos seus devidos termos.

Lendo o bello discurso de Capus, diz Flammarion, poder-se-ia suppôr que Poincaré tivesse duvida sobre a realidade do movimento da terra. Mas não é assim.

Admittir, mesmo a titulo de simples hypothese, a possibilidade de que o nosso planeta permaneça fixo, e que o Sol e todos os astros é que lhe giram em torno, equivale a admittir que o Sol, um milhão e trezentas mil vezes maior do que a Terra, e trezentas e trinta e duas mil vezes mais pesado, gire em torno della, ponto minusculo, com a velocidade de nove mil kilometros por segundo.

A estrella mais proxima de nós deveria, para fazer o mesmo giro em 24 horas, correr com a velocidade de tres bilhões de kilometros por segundo.

Cada estrella é um sol. Do mesmo modo que a Terra gira, nós vemos girarem outros planetas: Marte, em 24 horas, 37 minutos e 23 segundos; Jupiter, em 9 horas, 50

minutos e 30 segundos; Saturno, em 10 horas, 14 minutos e 24 segundos. A rotação já se achava muito demonstrada, e negal-a seria negar toda a astronomia e toda a mathematica celeste. Poincaré limitara-se a enunciar uma dissertação metaphisica sobre a "relatividade dos movimentos", e sobre a definição technica da palavra "facto", e pessoalmente se aborreceu quando viu que uma parte da imprensa fizera commentarios extravagantes ás suas idéas. Ninguém deve ter mais duvidas sobre o movimento da Terra. Seria um delicto, conclue Flammarion, um delicto de lesa majestade contra a soberania da sciencia, que libertou o homem do erro antigo.

A CURA DO DIABETES

Foi publicado ha pouco, na Italia, um livro muito interessante sobre a cura do diabetes. E' seu autor o dr. Antonio Rodella.

Essa molestia, diz o dr. Rodella, pode ficar ás vezes occulta por muito tempo. Produz complicações que logo se curam, mas se no doente não se encontram os seus symptomas mais conhecidos, taes como: sede, appetite doentio, emagrecimento, fraqueza — só as complicações são medicadas e curadas, ao passo que o diabetes vai ficando por muito tempo occulto. Os doentes sentem-se nervosos e extenuados pelas fadigas corporaes e intellectuaes. Concedem-se, por isso, de quando em quando um pequeno repouso, fazem curas de aguas ou outras, mas não se sentem melhorar. Em geral, o medico faz a diagnose de neurasthenia, dispepsia nervosa e semelhantes molestias. E' rarissimo que um diabetes possa ser descoberto desde o inicio. Sômente em pessoas habitudas a fazerem analysar a urina systematicamente, varias vezes por anno — é que essa doença pode ser logo notada. O autor conta o caso de um rapaz que se tinha na conta de muito sadio, e no entanto teve o desprazer de ouvir do medico de uma companhia de se-

guros que elle era diabetico. Foi então que me procurou, escreve o dr. Rodella, trazendo a sua urina da noite precedente. Examinei-a, e não encontrei traços de assucar. Convidei-o então a urinar durante o tempo da consulta, e a urina continha glicose em traços bem abundantes. Não tinha assucar na urina da noite, e tinha-o em grande quantidade na do dia". As creanças abaixo de dez annos, quando nellas se descobre o diabetes, raramente vivem mais dois annos. Entretanto, as pessoas que já tenham passado dos quarenta, ou mesmo dos quarenta e cinco, adoeccendo de diabetes, podem viver ainda vinte, trinta ou mais annos, desde que não commettam extravaganeias e não se descuidelem dos conselhos medicos.

A unica cura verdadeira e efficaç do diabetes consiste no methodo dietetico. Eis uma lista dos varios grupos alimentares, com a indicação dos alimentos que são permittidos e dos que são prejudiciaes ao diabetico:

Carne e seus derivados — Permittidos: a sopa com queijo, com verdura, com miolos de ossos; a carne de qualquer especie. São prohibidos os rocheios de carne feitos com pão ou farinha de trigo, assim como as fritadas de carne quando para frigr se adopta a farinha de trigo. Todos os orgãos dos animaes são permittidos, excepto o figado, por causa do glicogeno que contem.

Peixes de toda especie são permittidos, sendo prohibidos as ostras e os molluscos porque ás vezes contem muito glicogeno.

Ovos e alimentos gordos — Estes alimentos são muito recommendaveis pelo seu elevado poder nutritivo. Salsichas, salames, em geral, carnes suinas preparadas, são permittidas comtanto que na sua composição não entre saccharina. São tambem permittidos o presunto, crú ou cozido, as sardinhas e outros peixes que se vendem já preparados em oleo.

Leite e seus derivados — A nata ou creme de leite tem um forte poder nutritivo. Contem 3,8 por cen-

to de assucar, ao passo que o leite contém 4,8 por cento, e dá 244 calorias, ao passo que o leite dá 67 apenas.

Assim, 100 grammas de nata por dia podem ser permittidas. São tambem recommendaveis os queijos gordos.

Legumes — São permittidas quasi todos. Prohibidos: as batatas, as lentilhas, os nabos, os feijões e as ervilhas. Em geral, convém ao diabetico não comer mais de 400 grammas de legumes por dia. E' preferivel que os cosinhe todos, lançando fóra a agua, em que os cosinhou.

Farinha e pão — Em geral, são prohibidos, mas o medico pode estabelecer a quantidade exacta que não faz mal ao doente comer.

Fructas — São prohibidas as fructas por causa do assucar que contém; mas permittese uma quantidade de 100 grammas por dia, contando que o seu conteúdo de assucar seja computado na quantidade diaria de hydratos de carbono concedida pelo medico. Mais aconselhavel do que as outras fructas são as laranjas, os morangos, os melões.

Bebidas — São permittidas: o café e o chá (sem assucar; para adoçar-os pode-se empregar a saccharina, em quantidade de 20 centigrammas ao dia); o vinho de mesa, as aguas mineraes, o cognac, o rum, a aguardente. São prohibidos: os vinhos doces, os vinhos espumantes, os licores, a cerveja, o cacao, o chocolate.

ALBERT DASTRE

Morreu ha pouco tempo, em Paris, o conhecido scientista francez, Albert Dastre, successor de Paul Bert na cadeira de physiologia da Sorbonna.

Dastre ia á Academia de Medicina, quando passou um caminhão-automovel militar, em grande carreira. O vehiculo apanhou-o, quebrando-lhe uma perna e maltratando-o muito. Os euidados medicos de que se viu logo cercado não puderam livral-o da morte.

Morreu com 73 annos, deixando

uma obra das mais consideraveis da sciencia franceza.

Os trabalhos de physiologia de Dastre foram os mais variados. Estudou as substancias contidas nos ovos das aves, e que servem a alimentar o embrião; as gorduras, a sua digestão, origem e utilização no organismo; o papel dos amidos e das diversas especies de assucar na nutrição, esclarecendo diversos pontos obscuros dos phenomenos de nutrição e precisando o papel representado pelas glandulas digestivas nestas transformações e na produção das gorduras.

Fez numerosas investigações tambem sobre o systema nervoso, as circulações locais, os nervos vaso-motores, o cerebro-espinhal.

Os seus estudos sobre a physiologia do coração completaram o que já se sabia sobre a causa do rythmo de suas palpações, e suas investigações sobre o fígado esclareceram a multiplicitade de funções que desempenha este orgão, notadamente na fabricação das gorduras e na reserva de ferro necessario á formação dos globulos do sangue.

Era, além disso, um grande vulgarizador, sendo muito conhecidas, entre as suas obras — *A Vida e a Morte e os Anesthetics*.

M. P.

NA ACADEMIA BRASILEIRA

A 30 de Novembro ultimo realisou-se na Academia Brasileira de Letras uma sessão solenne extraordinaria, em que foi lido pelo secretario-geral, sr. Medeiros e Albuquerque, nosso illustrado collaborador, o relatório do anno academico que findou.

Eis um largo trecho desse interessante trabalho:

"O anno academico que hoje termina foi um dos mais agitados da nossa corporação, de ordinario tão placida. Por um lado, tivemos que lamentar a perda de vidas preciosas de tres dos nossos mais illustres consocios. Por outro, uma fortuna inesperada deu-nos a possibilidade de alargar extraordinariamente o nosso circulo de acção. E

como a Academia, embora não seja uma corporação política, é antes de tudo uma corporação patriótica, não foi sem uma mistura de tristeza e de alegria que ella viu o Brasil lançado na mais formidável das guerras, que jámais houve no mundo. Tristeza, porque toda guerra é sempre triste. Alegria, porque tomámos o logar que nos competia, ao lado dos que se batem pelo Direito e pela Justiça.

Dos tres confrades que perdemos, o primeiro foi Lafayette Rodrigues Pereira. Quando a Republica se proclamou, elle já era uma figura consagrada quer como homem politico, quer como jurista.

Foi Rio Branco que o fez apresentar sua candidatura á vaga de Machado de Assis. E entre outros titulos para essa substituição allegou muito o livro que elle escreveu, respondendo a Sylvio Romero, sobre o primeiro presidente da Academia. Esse livro não é, porém, o seu melhor titulo de gloria. Obra de polemica, elle visava talvez mais combater Sylvio do que defender Machado. Sylvio, de facto, atacára muito Lafayette na analyse dos oradores parlamentares do Imperio. Lafayette, parecendo agir desinteressadamente, tomava assim uma desforra facil, porque o livro de Sylvio foi talvez o menos feliz dos seus trabalhos.

Quando Lafayette foi eleito, houve um voto em branco. Isso em nada alterou o resultado, que foi muito honroso para elle. Rio Branco chegou no fim da sessão e perguntou a um de nós o que se passára. Alguem lho disse. Elle franziu o sobrolho, quando soube do voto em branco. Eu, que estava perto d'elle, accusel-me. O voto era meu. Expliquei-lha porque o dêra. Tratava-se de uma questão de forma, a que eu ligo certa importância. Rio Branco me replicou:

— Uma Academia, como a nossa, precisa de um certo numero de medalhões. Pelo menos tres. Ella já tem o Ruy. Já me tem a mim. Falta um terceiro: deve ser o Lafayette.

A forma humoristica dessa phrase não encobre a apreciação de alto elogio, que nella havia. Um "medalhão", que podia ficar collocado entre o de Ruy Barbosa e o de Rio Branco estava no mais alto nível da mentalidade brasileira. E era esse o caso de Lafayette.

— O segundo morto do anno foi Oswaldo Cruz. Morreu em pleno vigor. Morreu justamente cercado das bênçãos do nosso povo, a quem elle livrou de um dos mais horribes flagellos, que nos assolavam. No entanto, eu creio que ha um erro de apreciação, quando o elogiam como um extraordinario homem de

sciencia. A historia da sciencia pôde escrever-se sem o seu nome, que nella figura. Não existe d'elle nenhuma grande descoberta scientifica. Nada que o faça assemelhar-se a um "Pasteur", a um "Claude Bernard". O seu grande merito foi o de homem politico, de administrador. Não ha nesta affirmacão nenhuma tentativa de amesquinhamento da sua obra immortal. O homem de sciencia que procura meios idoneos para descobrir as causas de uma molestia epidemica vale tanto como o administrador que acha tambem os meios idoneos para extinguir essa molestia. Em regra, a politica ou o que se chama com esse nome — nos parece uma miseria, porque se trata de pessoas mesquinhas, que visam mesquinhos fins por meios mesquinhos. Oswaldo Cruz não fez nenhuma descoberta a proposito nem da peste nem da febre amarella, nem do impudismo. Soube porém, achar os processos administrativos necessarios para pôr em pratica os meios scientificos e chegar ás victorias que alcançou. A politica que elle fez foi a mais nobre. Foi, para os casos de que elle se occupou, a que devia ser para todos os outros.

Poucos dias antes da sua morte elle escrevia a Agenor de Roure, lembrando que Agenor e eu tinhamos sido, quando elle começou a sua campanha contra a febre amarella, os unicos a ousar defende-lo. Era o tempo, em que os jornaes o atacavam diariamente, chamando o Codigo Sanitario o Codigo de Torturas...

Houve, para a opposição popular as medidas que Oswaldo Cruz tomou, um phenomeno interessante de psychologia collectiva. A luta essencial, no caso da febre amarella era contra o mosquito, que então se chamava o "Stegomya fasciata" e hoje — até os mosquitos mudam de nome — hoje se chama "Stegomya calopus". Para extinguir os mosquitos formou-se todo um exercito de desinfectores. Obras bem caras foram exigidas. Ora, o mosquito é um adversario ridiculo. O povo admittie que se combata o microbio. O microbio graças á sua invisibilidade tem alguma coisa de mysterioso. Mysterioso e divino. E' temível e ubiqüo. Está em toda parte. O mosquito não tem esse prestigio. E' bastante grande para ser visto; mas bastante pequeno para ser grotesco. Era um adversario que o povo não podia admittir que se tomasse ao serio, mobilizando contra elle o exercito que se mobilizou e exigindo as medidas de hygiene que Oswaldo Cruz fez applicar. E Oswaldo Cruz era admiravel na administração. Fino, gentilassi-

mo, de uma cortezia inexcedível, ouvia os pedidos mais absurdos dos homens influentes na politica; mas, acabando de ouvi-los, fazia o que queria, o que devia, sem se desviar da linha exacta do bem publico. De tudo, porém, que elle fez, o que mais lhe dava satisfação era o Instituto de Manguinhos, que depois tomou o seu nome. Ainda ahí, elle se revelou o grande administrador, o grande organisador. Criou no Brasil o primeiro estabelecimento de medicina experimental. Formou discipulos, guiou-os, fez com que apparecessem; velou carinhosamente pela gloria d'elles. Os politicos medocros têm um ciúme extremo dos triumphos alheios. Os grandes politicos, os homens de merito superior, como Oswaldo Cruz, esforçam-se, ao contrario, para pôr em realce o que os outros fazem. Pessoalmente, elle não realçou no seu Instituto nenhuma grande descoberta; mas os seus discipulos já fizeram algumas. Fizeram e farão. E tudo o que sabir desse grande estabelecimento scientifico augmentará a gloria do homem que soube criar e organisar esse admiravel instrumento de trabalho.

— O terceiro dos nossos mortos foi Souza Bandeira. Era na nossa companhia um dos mais eruditos conhecedores de linguas e litteraturas estrangeiras. Sabia bem a fundo, não só a nossa lingua como a franceza, a inglesa, a hespanhola, a italiana e a allemã. Falava todas ellas com perfeição. Conhecia-lhes as litteraturas. Juntava á paixão pelos conhecimentos litterarios a paixão pelos estudos historicos. Eram as suas duas principaes predilecções.

Quem o procurar apenas nos seus livros, saberá d'elle muito pouco. Era mais para ser tratado que para ser lido. Bom, simples, amavel, alegre, ninguém tinha mais do que elle a arte da conversa, arte fina e difficil, que todos praticam mas em que rarissimos excellam. Um dia, o governo se lembrou de nomeal-o para representar o Brasil em um congresso internacional contra a pornographia. Deu-se então um caso que provou como a sua erudição tinha falhas. Dissertava o senador Beranger sobre os jornaes pornographicos. O senador Beranger tinha uma vida singular. Tendo-se votado a combater a immoralidade sob todas as suas formas, precisava estudal-a. E elle a estudava a fundo. Possuia a mais vasta collecção de publicações e objectos obscenos. Quando elle falou no jornalismo pornographico, Souza Bandeira disse que tal jornalismo não existia no Brasil. O senador Beranger teve um sobresalto. E

com uma erudição muito segura, sem nenhuma consulta a qualquer nota, citou logo a existencia de uma revista que se editava no Rio de Janeiro: o "Rio-Nu". Pediu então a um secretario que fosse buscar a publicação e mostrou-a a Souza Bandeira, que a via pela primeira vez. Felizmente a falha da sua erudição nesse caso não foi de molde a envergonhal-o...

Souza Bandeira era, sobretudo, um tradicionalista. Esse espirito sempre tão moço, tão vivo, tão alegre — era irresistivelmente atraído pela admiração do passado. Isso lhe vinha talvez do seu grande amor pelos estudos historicos. Quando se percorrem as suas narrações de viagem, sente-se como era grande o seu culto por todas as obras da arte classica. Isso, entretanto, não ia ao ponto de lhe obscurecer a necessidade de certas modificações na ordem actual de coisas. Precisamente um dos seus livros se intitula "Reformas". E esse titulo é, por si só, bastante significativo. Essas tendencias, de apparencia um tanto contradictoria, provam apenas o admiravel equilibrio desse espirito admiravel. Ninguém realisa a perfeição de estar justamente no ponto médio, em que se equilibram as forças que nos arrastam para o passado e as forças que nos atraem para o futuro. Em regra nossas tendencias se mostram excessivas ou em uma ou em outra direcção. Souza Bandeira, se tendia mais para o tradicionalismo, nem por isso deixava de olhar para o futuro. Era um nobre, era um grande, era um bello espirito.

Depois de enumerar os nossos mortos, cabe-me alludir ao inesperado acontecimento que fez da Academia a herdeira universal de Francisco Alves. Francisco Alves foi um typo de trabalho. De trabalho e de honestidade. Infelizmente as praticas commerciaes em materia de livraria, não entre nós, até agora deploraveis. Não só o que cabe aos autores é minimo, como ainda esse minimo soffre frequentemente denfiques dashonestos.

Falta-nos uma legislação protectora dos autores, que lhes permita examinar a escripturação dos editores sem que isso se considere um verdadeiro insulto. Enquanto durar esse estado de coisas, as edições de mil exemplares terão um numero indefinido de milheiros, multiplicar-se-ão miraculosamente. Francisco Alves foi um editor com quem isso nunca aconteceu. O que elle tratava era honestamente cumprido. Tendo, porém, enriquecido graças em grande parte ao trabalho dos autores que elle editava, pensou em fazer que esses ou outros

autores em iguaes circumstancias aproveitassem a fortuna que, pelo esforço delles, accumulára.

A Academia ainda não entrou na posse dessa herança e ainda por isso mesmo, não deliberou o destino que lhe dará. No entanto, desde já é certo que ella instituirá numerosas premios para produções litterarias de todas as especies."

NUNES MACHADO E A "PRAIEIRA"

Julgamos interessante reproduzir aqui a seguinte carta do desembargador Joaquim Nunes Machado, pela qual se vê bem claramente qual foi a sua attitude na chamada revolução "Praieira", de Pernambuco. A carta era endereçada ao seu amigo Joaquim Claudio Monteiro:

"Meu Claudio — Rio, 5 de Junho de 1842 — Recebi a sua de 29 de Maio em a qual me communicou o estado de nossas coisas ahi, e a cujo respeito tenho a dizer-lhe que concordo instramente com a attitude decidida e forte que tem tomado o nosso partido, augmentando suas publicações periodicas, cuja sustentação prova que a Provincia abraça nossa causa; entretanto não posso deixar de reprovar algumas idéas excessivas e perigosas que de envolta com muita coisa boa apparecem nos nossos periodicos, como sejam o appello para a resistencia armada, a qualificação de Presidente intruso, dada ao Baronez sem a precisa explicação, e a desobediencia ás leis, que estão em execução, que a Nação recebeu, e toda obedece; isso he querer comprometter o nosso partido tão bem montado, e apoiado pelas sympathias da melhor gente. Meu amigo, quando um governo de proposito feza os ouvidos aos clamores do povo, despreza e zomba de seus padecimentos, conservando caprichosamente a causa que os produz, esse povo tem todo o direito de gritar fortemente, e combater o governo que assim falta ás condições politicas de sua existencia; mas as armas para o combate são sómente as da intelligencia e do raciocínio, unicas proficuas, e que só lhe podem dar resultado feliz, em um systema como o nosso; e lato que assim he verdadeiro em geral, mais sobressahe em nossas circumstancias. O nosso fim não he nunca revolucionar a Provincia, examar sobre ella todas as terriveis consequencias da guerra

civil, ponda em risco a liberdade, as nossas instituições, e a Monarchia, que se antepõem ao systema de desordem, não; nós visamos um fim nobre e generoso, combater o poder que se desvaltra, fazendo-o arrepiar a carreira de seus despropósitos, e para o conseguirmos são sufficientes os muitos meios constitucionaes, de cuja effinacia não podemos duvidar sem negar fé ás nossas instituições mesmas. E não acabamos de ter agora uma prova disto? Não acabão os Tribunaes do Paiz de nos dar o mais assignalado triumpho, a despeito da formidable presença do Despota de Pernambuco? Que mister pois he recorrer a meios violentos e materiaes? Um rompimento agora, meu Claudio, de nosso lado seria uma loucura, seria um verdadeiro suicidio. Esse passo nos desacreditaria, arredaria de nós muitas sympathias, e dará ao Barão pretextos para perseguir-nos, e cair sobre nosso partido e esmagar-nos completamente. Longe de nós tão perigoso pensamento de ruínas e desordens; isso he o que o Barão e o Governo he uma e a mesma coisa. Attente meu amigo para o que succedeu em São Paulo e Minas; de que serviu que essas provincias pergassem em armas? De comprometter, e inutilizar um partido, que tantos bens poderia fazer á Patria, se prudencia elle tivera; foi um sacrificio inutil que só deu o triste resultado de mais augmentar a força do circulo dominante, e perpetuado no poder; quando se combatido fosse pelas armas da razão e da intelligencia, de á muito que teria cahido, coberto das maldições do paiz.

Nada, nada, meu Amigo, por nenhuma maneira de desordem, que sacrifica inutilmente o nosso partido, que deve esforçar-se para conservar a sua existencia, da qual depende a defesa dos legitimos interesses de nossa Patria. Temos muito aonde combater o governo, e de modo a esmagal-o, as Eleições, ellas que nos batem á porta; as provincias são este anno, e para 44 ahi vêem as garras. Corramos pois a este campo constitucional e evidemos todas as forças da constancia, da união e da lealdade para vencermos. V. pois a quem os nossos amigos ouvem, e que he prudente, advirta-os, e com elles trate de preparar a opinião, de convencer ao povo que deve tomar effectiva parte nas eleições, a nomear Deputados livres e corajosos que não trepidem na defesa dos seus direitos com as carrancas do Poder. Si tivermos prudencia e tino, creio o triumpho será nosso; porém si ao contrario nos desmandarmos, e imprudentes sahirmos das trincheiras em que temos estado da justi-

ça e da moderação, então receio por nossa parte. Muita saúde a V. e a família lhe deseja o seu velho amigo e obrigado. — **J. Nunes Machado.**"

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

BRASIL-ARGENTINA

Uma das maiores nações do mundo na extensão territorial, o Brasil possui 8.524.777 kilometros quadrados, dos quaes a metade constitue os Estados do Amazonas, Matto Grosso e Goyaz, cujos habitantes, reunidos, não chegam a um milhão. Quasi tres vezes menor, a Argentina tem 2.987.356 kilometros quadrados, mais regularmente povoados, embora no litoral se adense mais a população. Nesses territorios as populações das duas republicas têm crescido assim nos ultimos vinte annos:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . . .	4.071.438	16.082.123
1906 . . .	5.524.017	19.523.220
1916 . . .	8.388.387	23.257.276

Augmentando de 4 milhões de almas, a população argentina dobrou no vintennio. A brasileira, accrescida de 7 milhões, apenas foi reforçada com mais um terço dos algarismos assignalados para 1896. A causa principal desse importante phenomeno demographico encontra-se no immigration européa, mais volumosa no paiz platino do que entre nós. E' o que se vê pelas entradas annuaes de immigrants nos annos citados:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . . .	135.205	158.132
1906 . . .	302.249	73.672
1916 . . .	80.756	34.003

De 1896 a 1896, quando uma crise tremenda flagellou a Argentina, a corrente migratoria deu preferéncia ao Brasil, sobretudo ao Estado de

S. Paulo. Mas depois canalizou-se novamente para a Argentina, por identico motivo: a crise brasileira a afugentou. Para perceber-se a influencia do elemento estrangeiro nas duas republicas, basta dizer que, de 1857 a 1916, entraram na Argentina 4.709.105 immigrants; enquanto que no Brasil, num periodo mais largo — de 1820 a 1916 — entraram somente 3.481.950, cabendo a metade deste numero ao Estado de São Paulo.

Depois da immigration, é a viação ferrea que mais concorre para o progresso economico dos dois povos sul-americanos. Eis a extensão em trafego das respectivas ródés, a começar de 1896:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . . .	14.116 kil.	12.907 kil.
1906 . . .	20.560 "	17.242 "
1916 . . .	34.794 "	27.090 "

De tal arte, em 1896 a superioridade dos argentinos era unicamente de 1.149 kilometros de linhas ferreas e agora vae a 7.704. No ultimo decennio elles punham em trafego 14.234 kilometros, no passo que nós conseguíamos apromptar só 9.848.

Incrementada pela verdadeira colonização e dotada de meios de transportes baratos, a agricultura argentina se expandiu de modo maravilhoso: a área cultivada quadruplicou no vintennio. Desviados de igual criterio, não tivemos nós a mesma fortuna: só a nossa lavoura cafeeira se ampliou com rapidez no primeiro decennio, mas no segundo paralysoou por falta de mercado. Reflectindo esse augmento da riqueza agrícola, o commercio internacional das duas seguiu a marcha abaixo indilenda, com os valores da importação reunidos aos da exportação, em libras esterlinas:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . .	lb. 45.793.121	47.606.800
1906 . .	lb. 112.444.870	86.263.521
1916 . .	lb. 152.151.031	95.379.715

Observe-se bem que em 1896 nosso commercio externo (importação e exportação reunidas) excedia ao argentino em quasi dois milhões esterlinos. Mas, não lograva duplicar em vinte annos, quando o dos nossos vizinhos triplicava. E, conseqüentemente em 1916 ficou inferior ao argentino em 56 milhões esterlinos! Desde 1900 perdemos a supremacia commercial na America do Sul. Um país menor, com os seus cereaes, batucos commercialmente, porque nossa produção exportavel é sobretudo de generos colonias. A elle não faltam mercados, que para nós se restringem. Proporcionalmente á população, o commercio da Argentina correspondia a 18 libras e 2 "shillings" "per capita", em 1916. No Brasil não foi além de 4 libras e 2 "shillings" — tres vezes menos. A circulação fiduciaria tambem revela o desigual desenvolvimento economico das duas nações. Em 1896 os argentinos tinham em circulação 295 milhões de pesos, papel, quasi sem garantia em ouro; decorridos dez annos, em 1906, já funcionando a Caixa de Conversão, possuíam 518 milhões; e em 1916 alcançavam a 1.013 milhões de pesos, com um "stock" ouro de 75 por cento desse valor. Os brasileiros, empapelados em 1896 com 789 mil contos em curso, reduziamos a 702 mil contos o meio circulante em 1906, para atingirmos a 1.217 mil contos em 1916, com a quasi totalidade do papel-móda sem garantia e sujeito de novo ás oscillações do cambio. — (Paulo Pestana — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

RECORDAÇÕES DE SILVA JARDIM

Antonio da Silva Jardim, "o Jardim", como nós o chamavamos, syntheticamente... Tem se escripto muito a respeito delle e incontestavelmente é impossivel supprimir-lhe o nome quando se fállar da propaganda e da implantação da Republica. Encontramo-nos pela primeira vez nas areadas do Mosteiro de São Bento, onde os frades mantinham um externato gratuito. Professores excellentes, eram incentivos para as

aulas se encherem. Isto foi em 1876 ou em principios de 1877. Depois passamos para o Externato Jasper, onde comeci a conhecer mais o Jardim. Naquella época — fins de 1876 ou principio de 1877 — tinha já a ferver-lhe no sangue o microbio do revolucionarismo. Nos fundos do Externato Jasper elle descobriu uma sala, que a certa hora da tarde não tinha aulas funcionando e arrebanhou uns companheiros, a quem lia longas perleugas mais ou menos incandescentes. Eu nunca fiz parte desse grupo: meu temperamento nunca se afinou pelo do Jardim — Eu o achava sempre "barulhento e implacante". Devo dizer com franqueza o que então sentia. Não me agradava aquelle geito e portanto conservava-me afastado, mas observando sempre com cautela e com desconfiança. Dava-me com Jardim, mas não lhe pertencia ao grupo. Vivemos mais ou menos afastados um do outro e durante esse resto do anno de 1877, mas em 1878 encontramos-nos de novo em S. Paulo cursando o primeiro anno juridico. Em 1879 Jardim publicou o incandescente folheto "A gente do Mosteiro", que incendiou a Academia. Carioeca, elle vivia na roda dos rio-grandenses, que em São Paulo eram muito retrahidos, muito exclusivistas, não se ligando com os academicos das outras provincias. Em regra talentosos e bons rapazes, mas gostavam de se conservar riograndenses, evitando se immiscuirem com os filhos das outras provincias. O Jardim, talvez por afinidades politicas ou intellectuaes, vivia com os rio-grandenses: eram então academicos Julio de Castilhos, Barros Cassal, Aldeias Lima, Assis Brasil e outros e outros, depois proceres da Republica. Compreende-se a tendencia approximatora...

Em 1882 bacharelamo-nos e nos separamos, indifferentes como sempre.

Durante todo esse curso nunca fomos amigos e nem mesmo camaradas. Não eramos inimigos, porém entre nós havia a mais accentuada indifferença e talvez até antipathia. Nem elle durante os cinco annos em

que convivemos em São Paulo, procurou angariar minha amizade. Logo depois da proclamação da Republica Saldanha Marinho fez annos. Meu pae era amigo de véras de Saldanha e me ensinou a querer-lhe. Nunca vi homem tão carinhoso e tão meigo. Saldanha era presidente do Instituto dos Advogados. Elle e eu eramos assíduos ás sessões, o que dava occasião de confabular com elle todas as semanas. Era o Patriarcha da Republica e eu não era republicano. Amigo mais officioso que de criterio, sabendo dessa "minha devoção", aconselhou-me não ir nesse anno á festa de Saldanha. "Você estará mal collocado naquelle ambiente", ponderou-me. Não lhe segui o conselho e fui. Saldanha morava na Estrada da Tijoca. O Jardim estava lá, como era de prever. Por occasião dos brindes falou dando á festa um caracter essencialmente republicano.

— "E' a republica que está em teu lar, velho republicano. O coração da Republica está pulsando junto ao teu. Todos nos agrupamos em volta de ti e damos vivas á Republica."

Jardim, enquanto discursava não deixava de olhar-me com aquelle tom implacante, que me irritava desde o tempo de São Bento e do Jasper. A allusão era incisivamente clara e naquelle tempo eu ainda não sabia haver ás vezes necessidade de não comprehender e de não responder. Tomei o pião á unha e talvez até levinamente falei.

— "Em volta de Saldanha Marinho estão os amigos do seu coração, sem cogitações de natureza politica. Eu, por exemplo, quero que fique muito claro não ter significação politica minha presença nesta casa amiga e neste dia, porque se li'a darem eu me retirarei immediatamente."

Jardim irritou-se e disse-me alguns desaforos asperos. Saldanha interveiu conciliador:

— "Meu coração alegre-se vendo em meu lar todos os meus amigos. Aqui não ha inimigos politicos e nem ha politicos; ha corações." — (João Marques — *A Razão*, Rio de Janeiro).

O PRIMEIRO VOADOR

Foi o padre Bartholomeu quem, primeiro, em corpo e alma, voou. Perseverando, dia e noite, na fé ardente de voar, levantava o jesuita todos os seus abelhos ao páramo azul... Queria que o Homem voasse... Um dia, finalmente, assistido da Graça Divina, estremeceu o padre de inexprimivel jubilo. Havia acertado com a verdade. O sonho adquiria corpo, desbastado dos obstaculos de todos os sonhos. Eram desvanecidos os tropeços de se abelhar das agulhas das serras franjadas de fogo e do rutilante labyrintho que os astrologos semearam de chimeras... Não iria, até elles, na fragil barquinha da Fantasia, mas na concha de uma solida machina, *optimo instrumento para se andar pelo ar*, — assim rezava a Petição dirigida ao rei João V pelo padre Bartholomeu — "*da mesma sorte que pela terra e pelo mar, com muita mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia, no qual instrumento se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos e terras mais remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolvem: no que interessa a Vossa Magestade muito mais que todos os outros Principes pela maior distancia dos seus Dominios: evitando-se d'esta sorte os desgovernos das Conquistas, que provém em grande parte de chegar tarde a noticia d'ellas: além de que, poderá Vossa Magestade mandar vir todo o preciso d'ellas muito mais brevemente e mais seguro: poderão os homems de negocio passar letras e cabodas: as Praças aliadas poderão ser soccorridas tanto de gente como de vivas e munições a todo o tempo: e tirarem-se d'ellas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o possa impedir.*"

Mas tão conspicioo engenho havia de alvoroçar a supersticiosa gente daquela época: passou, por isso, a ser cumplice do diabo quem taes façanhas annunciava por meio de uma machina voadora! Foi accusado de bruxaria, de pernicioso com-

mercio com os magicos. Não obstante algumas mercedes concedidas pela real munificencia, cahiu o padre Bartholomeu no desagrado da Inquição, padecendo com isso os concomitantes tormentos. De todos os lados pullularam ataques ao Voador. Despenhou-se, sobre o seu engenho, a avalanche das zombarias. Não estava Sua Reverencia já satisfeito com as estradas, os sertões, os campos, os lagos e até os oceanos! Ainda porflava em arrebatár aos passaros os caminhos aereos! Os inimigos de Bartholomeu, que tantos eram quantos lhe invejavam as excellencias da descoberta, entraram de dar largas á jovialidade da Satyra:

Se ha barbaques que creão de
 (contado
 Da volátil patranha o fundamento,
 Eu tão leve não sou que do teu vento
 Nem sequer fie o fumo dum telhado.

Mette esse invento aonde tens o sizo.
 Vê-se no vento que está nelle vãos,
 Que outro voar, meu Lourencinho,
 [é riso.

Que invento vras fazer, baixo idiota,
 Com que engenho te atrevas,
 (Brasileiro,
 A voares no ar sendo pateiro,
 Desejando agulã ser sem ar galvota,

Esta morano escondida,
 Que abala toda a cidade,
 Esta mentira verdade
 Oá esta duvida crida,
 Esta exalação nascida
 No portuguez firmamento,
 Este nunca visto invento
 Do padre Bartholomeu,
 Assim fóra santo eu
 Como elle é coisa de vento!

Na officina de Simão Thadeu Petrolira, e com licença da Real Mesa Censoria, appareceu por volta de 1774 uma nota impressa, na qual se reconhecia os talentos e capacidades do inventor da navegação aerea, com a declaração de que a machina voadora havia sido experimentada segundo o testemunho de alguns velhos de probidade, e apenas uma contradição ás explicações dadas por Bartholomeu a respeito da virtude ascensional da sua *Passarola*, que elle attribuía ao iman escondido nos globos, sem falar no gaz que os mesmos levavam no bojo,

talvez por boas razões que para isso tivessem.

Effectivamente, o testemunho dos velhos era verdadeiro: o padre Bartholomeu subiu na sua machina a 8 de Janeiro de 1709, em presença do rei D. João V e de toda a sua luxida Corte, voando desde a torre da Casa da India até ao Terreiro do Paço, onde se apeou. A Inquição perseguiu o descobridor, mettendo-o numa das cadeias de Lisboa e condemnando-o a extremados e longos jejuns, até que o zelo de alguns jesuitas, compadecidos da sua sorte, de lá o soltaram despachando-o para terras de Hespanha, onde veio a fallecer de tristezas e desesperações, achando-se ainda os seus restos na cathedra de Toledo. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o primeiro homem que realmente viajou pelos ares, morreu quasi desappareado: mas não morreu a sua idéa sinão continuou a voar através dos annos e dos seculos, com o impeto vigoroso das aguias, mantendo nas azuladas alturas a gloria do Brasil, — o qual foi o seu berço e ha de ser, com certeza, um dia o seu tumulo perpetuo — (Luiz Guimarães Filho — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

AS CAIXAS ECONOMICAS

O systema das nossas Caixas Economicas, estabelecido pela lei reacionaria n. 1.083, de 22 de Agosto de 1860, tornou-as estabelecimentos publicos dependentes do Thesouro, que garante a restituição dos seus depositos e pôde empregal-os nas despesas ordinarias do Estado, na amortização da divida publica ou em empréstimos do Monte de Soccorro. Esse systema está processado, julgado e condemnado. "Em primeiro lugar, dista com muita razão o saudoso sr. dr. Alfredo Rocha, na sua magnifica obra "As Caixas Economicas e o Credito Agrícola", em primeiro lugar é enorme e indefinida a responsabilidade do Estado garantindo a restituição dos depositos e o pagamento dos respectivos juros; cresce sempre na proporção do

augmento do número e do valor desses depósitos. Anti-econômica, esta responsabilidade sem limites, expõe as finanças públicas a perigos constantes. Póde vir um momento em que tenha de se tornar effectiva ou em que o Thesouro, por qualquer circumstancia imprevista, se veja na possibilidade de acudir de prompto á restituição dos depósitos e então difficil será prever até onde chegarão os embaraços da governação e a ruína da fortuna pública. São, portanto, as Caixas Economicas do Estado uma causa permanente de perturbação no nosso organismo economico, um perigo imminente, uma ameaça continua ás nossas finanças que urge desaparecer, antes que mais se agravem as suas consequências".

Para se ter idéa do valor dessas palavras, basta considerar que o depósito das Caixas Economicas, parcela da nossa divida fluctuante, importava a 31 de Dezembro de 1915 em 134.697:150\$228 e em 31 de Dezembro de 1916, apresentava o saldo de 146.432:489\$779. Esta somma foi toda consumida nas despesas ordinarias da administração: esterilizou assim a economia, determinando para o Estado uma situação, cuja gravidade não preciso encarecer. Aliás, o assumpto tem sido largamente e competentemente examinado. Para levar o Senado neste momento, que deve ser de realisação, a autorizar a reforma das Caixas Economicas não preciso mais do que invocar a autoridade do nosso eminente collega, o sr. Leopoldo de Bulhões, que sempre propugnou estas idéas como deputado, como senador e como ministro. No seu relatório de 1903, encontra-se um estudo completo dos vicios de organização das nossas Caixas Economicas e é a elle que peço estas palavras que me eximem de maior justificação e que expõem nos melhores termos o problema e sua conveniente solução:

"De quanto acabo de expôr evidencia-se não só a importância das caixas economicas como a necessidade de uma reforma, mas reforma capital, que, em uma lei especial, á

semelhança do que existe em outros paizes, sane os vicios, defeitos e perigos do regimen actual e reintegras no seu verdadeiro papel.

Não são menores do que os economicos e dos que affectam as finanças e o equilibrio orçamentario, os males de outra natureza que esse regimen acarreta.

Dois são os fins capitaes destas instituições; matar o vicio funesto do jogo e da dissipação, creando, estimulando e garantindo a virtude da economia e da capitalisação na massa popular, e com estes pequenos capitaes accumulados, desenvolver e auxiliar o aproveitamento das forças productoras da lavoura e da industria das localidades, em que elles se formaram. Assim em vez de canalizar para o centro, de drenar para o Thesouro Nacional, as economias de todas as procedencias recolhidas ás caixas economicas dos Estados e empregal-as, como recurso orçamentario, nas despesas ordinarias da União, a sua applicação deve ser encaminhada ás necessidades das diversas zonas do paiz em que ellas se crearam, dando a cada Estado o beneficio correspondente á quota de depósitos realiaados em numerario.

Tres são os typos principaes de caixas economicas: o italiano, o allemão e o francez; o primeiro, em que a garantia dos depósitos não está no governo ou no Thesouro, mas no fundo de reserva, na propria fortuna das caixas que têm ampla liberdade para collocação ou emprego de seus capitaes, para regular os embolsos e entradas, fixar as taxas de juro, em summa, que gozam de ampla autonomia administrativa, subordinadas apenas á existencia de um fundo de reserva ou patrimonio de 3.000 liras, pelo menos. Sob este regimen tem as caixas italianas adquirido notavel incremento, multiplicando-se, creando succursaes e auxiliando não só por meio de emprestimos, hypothecas, empréstimos ás provincias e ás communas, adiantamento sob caução, obrigações industriais, o desenvolvimento economico, agricola e industrial de todo o paiz, na proporção das forças, dos recur-

nos e das necessidades locais, como auxiliando instituições de caridade, de beneficência e empresas de utilidade pública.

O segundo, adoptado de preferencia na Allemanha e na Austria, dá tambem ás caixas economicas grande liberdade, menos ampla, porém, que a Italia. O Estado não intervem na sua gerencia interna; mas determina, embora com largueza, o emprego dos fundos, e limita-se, quanto á sua constituição, a verificar as condições de solvabilidade dos seus fundadores e as outras garantias que taes instituições devem offerecer, especialmente o fundo de reserva. Isto quanto ás privadas. As communas tem a liberdade de fundar e garantir caixas economicas, sob a condição, porém, de que sejam boas as suas finanças e os respectivos estatutos approvados pelo governo. Este typo é, com modificações que lhe não alteram a essencia, o adoptado em Portugal, Rumania e outros paizes, e tem como traço característico a decentralização, isto é, o estarem, em geral, sob a fiscalização e responsabilidade das administrações locais, e não do centro.

O terceiro é o typo francez e belga, isto é, das caixas officiaes, dependencias do Thesouro, creadas, mantidas, fiscalizadas e administradas pelo governo que, por seu intermedio suga e monopolisa as economias do povo. São assim méros cannes por onde se drenam para o cofre geral os pequenos capitais formados em todos os angulos do paiz.

O Thesouro Nacional garante os depositos e delles dispõe á vontade, tendo-os como verba de receita, a que se soccorre em momentos de difficuldades ou que emprega em despesas ordinarias como um recurso normal e commum.

Semelhante regimen, negação completa dos anteriores, fraudeção absoluta dos fins a que se destinam as caixas economicas, o mais atrasado, perigoso e prejudicial, foi entretanto, o que adoptamos. Um dos meus antecessores no relatório de 1899, reconhecendo a necessidade de interferencia do Estado no funcio-

namento das caixas economicas, condemnou, todavia este regimen, apontando-o como um dos factores das nossas perturbações financeiras.

As idéas que ahí ficam não são de hoje, já as sustentel em 1885, como deputado, e em 1899, como senador.

A pratica, a experiencia e o estudo, as têm cada vez mais fortalecido, pelo que as julgo dignas da attenção do Congresso. O problema, sob a apparencia modesta, é de summa importancia e reclama urgente e imperiosamente uma solução radical." — (Alcindo Guanabara — *Diário do Congresso Nacional*, Rio de Janeiro).

O BRASIL ESQUECIDO

Dizem os grandes luminares da sciencia medica: o Brasil interior é um hospital. E' bem que o digam, para que se apreste a medicina e a cura.

Realmente, as gentes do interior vivem enfraquecidas ou morrem, dizi-madas por doenças curaveis: a malária, a doença de Chagas e outras miserias. Estou que a principal de todas é a miseria economica, ou resulta do escaerneo e o desprezo da ladroagem politica pelas suas victimas. Esta é a grande doença nacional. Nos mesmos paizes cultos, o combate á malária é uma conquista recente; e a doença de Chagas só se tornou evitavel graças a uma grande descoberta nossa, recentissima. E assim, a cura da *leishmaniose*, da *ankilostomiose*...

São victorias dos nossos dias, e não é licito exaggerar um desamparo que em verdade foi sempre criminoso, e agora ainda mais se os nossos governos, preoccupados da pilhagem dos seus partidos, não derem ouvidos áquella reparação hoje possivel e indispensavel.

Não ha muito tempo, um dos nossos grandes homens de acção, lembrou a necessidade de realizar a grande estrada de ferro através do planalto de Pirapora a Belém. As estradas levam tudo, mesmo a me-

rença, a praça da Magdalena vale todas as bellezas dormantes de Veneza... "Para renovar a minha curta faculdade de admirar e gozar da obra d'arte, preciso de longos intervallos de repouso, para dizer a verdade, de obtusão. Londres era essa penumbra que quadrava admiravelmente á minha fraca pupilla esthetica..."

E' sempre o gosto do mundo, a "impressão aristocratica" da vida que o dominam. Em nenhum paiz, esta impressão pode ser mais forte do que na Inglaterra. A flor e o orgulho da especie humana serão sempre a "élite" ingleza. Ninguém comprehenderá melhor a gloria, a nobreza, a dignidade de viver.

Francez, latino, pelo lado da intelligencia e da sensibilidade, Nabuco foi, pelo temperamento do homem de acção, pelas tendencias politicas, pelo liberalismo, pelo respeito das tradições e culto do passado, um estadista inglez. O campo de ideal que imagino para Nabuco é o da politica do Reino Unido, uma cadeira, por exemplo, na Camara dos Lords, defendendo com Gladstone o "home rule", combatendo o imperialismo de Chamberlain, o esmagamento do Transvaal, ou uma embaixada ingleza numa côrte do Continente.

A paixão pela Inglaterra ficou-lhe toda a vida. Terá sempre como exemplo de organização politica a sociedade ingleza. Mais tarde quando conheceu a poderosa e ruidosa democracia norte-americana, o seu culto britannico não soffreu restricções. Antes aprumou-se mais pelo contraste que se lhe impunha entre uma sociedade disciplinada, polida e culta e uma sociedade no tumulto da formação, grosseira e aspera, e uma politica corrupta, entregue aos "lobbyistas" e "rings" de todos os matizes. O genio inglez descobriu a forma perfeita de governo. O que importa sentir é a vantagem de sua applicação a povos e paizes diversos. O Brasil, pensava Nabuco, teria continuado a sua obra serena de engrandecimento pacifico e honesto, dentro do regimen extinto. O

levante de 15 de Novembro foi um erro, mais do que um erro — um crime. Quebramos violentamente a continuidade historica da nossa vida. Demos um salto nas trevas.

Para nós outros, que não conhecemos o Imperio, esta questão de formas de governo não tem sentido no Brasil. Não se nos apresenta, não existe. Não ha um dilemma. A restauração monarchica é uma utopia, a republica parlamentar, uma illusão perigosa. Ninguém crê que uma ou outra pudesse constituir a panacéa dos nossos males. Mas, no intimo, quem conhece a historia politica do Brasil, fugirá de um paralelo entre o antigo regimen e a actual ordem das cousas. Nenhum progresso material, nem todas as avenidas do mundo compensarão a ordem, a perda honestidade, a perda dignidade dos costumes politicos de outros tempos. — (José Maria Bello. — *Diario de Pernambuco*, Recife).

OS BRASILEIROS E A LINGUA ALLEMAN

Comte jamais occultou as suas francas preferencias pela civilização latina. A seu ver, a França, a Italia, a Hespanha e Portugal apresentavam um typo de civilização imensamente superior ao da Alemanha. — Nós, seus discipulos, na impossibilidade de comprehender os motivos da sua opinião irreductivel a respeito, mais de uma vez commettimos a leviandade de attribuir-lhe tão sómente... a uma rabugice propria da velhice!... Recordo-me que um dia (vae disto quasi 60 annos) interpelei em Paris o eminente jurisconsulto F. Foucart, junto do qual tive a honra de sentar-me em um festim commemorativo da Escola. Eis mais ou menos a explicação que me deu o illustre jurista, autor da famosa "Ode au positivisme: Citoyens de tous les pays, contemporains de tous les ages!" — Por frequentes vezes tenho discutido com Mr. Comte a proposito da sua opinião implacavel para com a Alemanha. Jamais conseguí fazel-o modi-

ficar as suas convicções. Depois de muito reflectir, quer parecer-me que no seu modo de encarar as coisas entra um "tant soit peu" de despeito. Mr. Comte conhece bem os grandes poetas e prosadores da Italia e da Hespanha por tel-os lido na lingua vernacula; os proprios "Lusitadas" de Camões, elle os leu em portuguez; jamais, entretanto, conseguiu elle ler Goethe ou Schiller em allemão. Mr. Comte nunca pôde assechorear-se da grammatica allemã. E' invencivel a incompatibilidade entre o genio de Mr. Comte e o genio da lingua allemã".

Mesmo os discipulos mais chegados ao seio da escola positivista vacillavam em aceitar sem discussão as opiniões de Comte sobre a Allemã. De nada valia o facto da quasi completa indifferença dos escriptores allemães para com as obras monumentaes do grande philosopho francez. Foi preciso que chegassemos ao anno de 1914, foi preciso que se amontoassem ás nossas vistas as mais horrendas e criminosas hecatombes, para comprehendermos que nós todos estavamos enganados e que só Comte, exclusivamente Comte estava com a inteira razão.

E' só hoje que nos estão entrando pelos olhos as irrecusaveis provas da tradicional barbarie teutonica. Os Hunos de outrora subsistem ainda hoje absolutamente os mesmos, apenas tendo de novo sobre a pelle uma mul leve camada de verniz latino.

A nossa mocidade estudiosa custou a perceber, mas, afinal, felizmente percebeu o immenso perigo, que ameaça toda a civilisação latina, se por desgraça a Allemã sair triumphante da luta. Está, hoje, bem claro que os allemães não experimentam o minimo escrúpulo em estrangalar brutalmente todas as nacionalidades, todas as literaturas e todas as linguas de origem neolatina. E' seu firme proposito terminar em primeiro logar a França. E' é com immenso gaudio que o prussianismo verá extinguir-se a lingua franceza! Os allemães moder-

nos não podem ainda conceber que a lingua franceza seja uma obra d'arte e que essa obra d'arte seja um primor, diante do qual toda a humanidade latina se inclina genuflexa. Está no programma pan-germanico que mais dias menos dias chegará a vez da Italia. E já está nos mappas da meninada das escolas allemãs que uma boa naca do Brasil constitue a Allemã austral. A lingua portugueza não está segura! O assobro da nossa independencia marcará a hora da sua mortalha.

Diante do immisericordioso prospecto a nossa mocidade estudiosa não pôde por mais tempo hesitar. E' preciso responder aos barbaros intellectoaes que Comte e Herbert Spencer, que Shakespeare e Molière, que Newton e Pasteur não conheceram a grammatica allemã e que, portanto, para o bem da Humanidade é absolutamente indifferente que exista ou não a "Kultura" germanica. Como precaução elemental de defesa e para a boa futura politica internacional, é de rigor que toda a nossa mocidade estudiosa se recuse de hoje em diante a estudar a lingua allemã. E' de simples bom senso, é de san razão que o espirito da nossa mocidade se emancipe de todas os prejuizos literarios até aqui inculcados e comprehenda a necessidade irrevogavel de uma completa exclusão da Allemã do concerto das nações civilizadas de hoje em diante. A lingua allemã falada pelos nossos moços constitue uma das mais possantes armas na esphera do commercio. E' nessa esphera que a Allemã encontra a sua mais enriquecedora fonte. E' por essa mesma esphera que deve começar a punição dos seus crimes.

Ha 70 annos, morava em Paris um medico allemão bastante conceituado, que dizia ao professor Ricord, seu amigo: "Todas as manhãs, ao levantar-me da cama, é meu primeiro cuidado erguer as mãos para o céu e agradecer a minha sorte por ter-me feito nascer na Allemã". — Porquê razão? perguntava Ricord. "Tendo nascido

na Alemanha aprendi com o leite e no collo de minha mãe a conhecer inconscientemente a lingua allemann sem perceber-lhe as difficuldades. Se eu fosse de outra nacionalidade e tivesse de aprendel-a depois de moço ou de homem feito, jamais teria conseguido desvencilhar-me das inextricaveis complicações da sua grammatica. Não obstante ter-me formado na Alemanha e ter sempre estudado nos livros allemaes, não consigo ainda hoje ter uma idéa clara sobre qualquer assumpto medico sem recorrer a um outro dos expositores usuaes da medicina franceza".

Não é facil estabelecer uma classificação das linguas neo-latinas para determinar qual dellas merece a precedencia. Nas nossas circumstancias, entretanto, criadas já pela pressão de todo o nosso passado historico, já pela magnitude dos interesses economicos e sociais do presente e do futuro, não pode haver duvida quanto á necessidade organica de darmos o mais vigoroso impulso ao estado da lingua portugueza.

A nossa lingua não só pode e deve ser patrioticamente conservada como tambem pode e deve ser estheticamente aperfeicoada. E o que nos resta a fazer para o aperfeicoamento do portuguez é muito menos difficil de realisar-se do que a operação profunda, que transformou fundamentalmente as outras linguas da mesma origem. Por estas mesmas columnas já tive a occasião, ha tres annos, de recordar que as primeiras obras de Corneille foram editadas no francez antigo, ao passo que as suas ultimas publicações já appareceram scintillantes e trajadas de fresco no elegante francez moderno. Foi durante a vida de um homem que se operou a mais radical transformação. E devo igualmente lembrar que ainda hoje muitos membros notaveis da Academia Franceza trabalham esforçadamente para levar mais longe essa transformação corrigindo locuções e supprimindo idiotismos, vestigios da época da pedra não polida.

A lingua franceza, tal qual é falada no "Theatre Français", de Paris, é coisa muito differente do francez falado nas ruas e sobretudo nos departamentos meridionaes da França. O "Theatre Français" é a alta escola destinada ao ensino da pronuncia elegante; cada um dos seus membros é um exímio professor de declamação. O francez ali falado é incontestavelmente a mais bella lingua do mundo. Com um pouco de insistencia, com alguma arte a pronuncia da lingua portugueza pode sem duvida approximar-se consideravelmente da belleza classica da pronuncia da lingua franceza.

As nossas Academias de Letras até aqui só se têm occupado activamente da questão orthographica. E' um dever de honra para ellas a questão da pronuncia. Não nos faltam homens competentes nesta materia. A geração actual dos nossos homens de letras não se lembra mais de Nise Floresta Brasileira Augusta, a insigne poetisa que encantou os salões dos primeiros tempos da Corte de Pedro II. Eu era bem criança, interno do collegio do seu illustre irmão, Joaquim Pinto Brasil, em Rezende, e ali tive a occasião de ouvi-la recitar alguns trechos dos mais mimosos dos "Lusidas". Até hoje perdura nos meus ouvidos o eco da angelica doçura da sua pronuncia. Alguns annos mais tarde, tive a occasião de ouvir em Paris Odorico Mendes recitar alguns trechos da sua estupenda traducção da "Eneida" de Virgilio. Que contraste com a suavidade da lingua da nossa poetisa!... mas, no mesmo tempo, que extraordinaria belleza na energia masculina da lingua!...

Eu era estudante de preparatorios aqui em S. Paulo, interno do João Carlos, quando tive a occasião de ouvir, no antigo Theatro S. José, Ferreira Vianna, estudante do 5.º anno, recitar a seguinte poesia, naturalmente da sua lavra:

Nessa Roma tribunicia
Já não existe um Scipião.
Enterrou-se a liberdade
No sepulchro de um Catão.

Liberdade! virgem pura, virgem linda,
Que nenhum mortal alda gosou:
Eu te adoro, ó liberdade,
Como Deus ama a verdade,
Como Christo a Deus amou!

Essas palavras, gravadas de improviso em meus ouvidos, jámais se apagaram e até hoje perduram por causa da encantadora evidência musical, que as acompanhava.

A intonação de voz na pronuncia do Ferreira Vianna era intermedia entre a de Nise Floresta e a de Odorico Mendes. Dahi tiro a irrefragavel conclusão: que a lingua portugueza presta-se a todos os estylos, a todos os modos imaginaveis de expressão da alma humana. Portanto, nenhuma hesitação mais, mocidade estadiosa! A completa exclusão da Allemanha é uma necessidade mundial. E' o unico meio de a fazermos expiar a sua longa série de crimes. Ela, pois, avante! Cerrar fileiras sob a bandeira de Bilac! — (Dr. L. P. Barretto. — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

O NACIONALISMO DE RAMALHO ORTIGÃO

Amar e incitar-nos a amar as nossas cousas não podia consistir para Ramalho Ortigão na dissertação documentada sobre as vicissitudes historicas das officinas e mestéras, ou sobre a trama dos tecidos, ou sobre a graça das nossas olarias e dos nossos trajes, ou sobre a qualidade e linha dos nossos moveis, ou sobre a architectura e harmonia dos nossos paços e choupanas; era usar e applicar esses tecidos, essas olarias, esses moveis, essas habitações, era restaurar essas mestéras, honral-o pelo contacto dos nossos sentidos e pelo prazer com que os entreteciámos em a nossa existencia, era trazer-os para a affeição e entendimento do nosso animo pelo afago, pela penetração da realidade concreta sobre o espirito antes de lhes

querermos pela acção do espirito sobre a realidade concreta. Não era uma thesa de doutorando; era a construção e a decoração de uma casa, expressão inicial das nossas affeições e de toda a nossa alma. O homem seria o que a sua pousada dissesse; ella traduziria, muito mais claramente do que longos discursos e palavras vãs, o caracter do seu coração e a natureza da sua intelligencia, toda a sua concepção da vida, daquillo para que ella nos serve e pode servir-nos, daquillo a que ella nos obriga e daquillo em que ella nos prende e encanta.

Foi assim que Ramalho Ortigão procurou penetrar-nos do amor da nossa terra e da nossa gente. A belleza simples dum cobrejão do Alentejo ou dum chapéu braguez, o colorido e o desenho dum liteiro, o conterno dum cantaro beirão, as ramagens dum lenço salado, encastrado dum poteiro vindimo, esses e infinitos outros estímulos congeneres iniciaram Ramalho Ortigão no amor da patria e no culto da sua formosura. Dessas innumeraveis riquezas artisticas, nascidas do sangue das raças como as arvores nascem da terra, sem a intervenção da nossa vontade consciente, desses bens accumulados no correr dos seculos e, não obstante a sua uncção de antiguidade, ignorados, proscriptos e desprezados pela sentença de barbarie que lhes fôra lavrada por uma sociedade moral e intellectualmente anemica, guardando os restos de sua apagada energia para a obediencia a doutrinarismos safaros, dessas reliquias fez o missionario e gladiador um evangelho. Por ellas quiz prender-nos ao passado, por ellas pensou renovar-nos os costumes, inspirar-nos a robustez da continuidade, avigotar-nos o espirito e facultar-nos alegrias abundantes, com essa subtil e magica insinuação da essencia maravilhosa a que se dá o nome de *tradição*.

Um anno antes de morrer, conversando com um filho meu, dizia Ramalho Ortigão que "pelos custos se podia fazer uma chorographia de Portugal". Assim definia uma com-

preensão do país e desvendava o fundo mais remoto e firme do seu espírito. Os homens distinguiam-se pela feição externa dos seus labores. Os povos e as províncias estreavam-se, não pelas estradas e divisões políticas, ou pelas fortalezas e fronteiras traçadas a fio de espada, ou mesmo pelos rios e mares que o nosso engenho e audácia converteu de separações, que outrora foram, em laços de união, que hoje nos ligam; os povos e as províncias conheciam-se e classificavam-se pelas formas que concebiam e inventaram ou imitaram, pelas estruturas das cousas em que afeccionaram às suas criações as criações da natureza, em que sujeitaram ao seu conceito de ordem e beleza a ordem cosmica. Ramalho Ortigão encontrava a sua terra desmoralizada e errada, abandonada ao capricho de imitações estranhas, sem caracter seu nem desejo que o determinasse, rolando ao vento dos devaneios importados ao acaso das suas relações espirituas, verdadeiramente devastada das raízes que lhe firmavam o chão, e a adornavam com a sua verdura e a enriqueciam com os seus fructos.

Este "amor das novas cousas", que foi o que subjogou Ramalho Ortigão e o que sem discrepância se lhe attribue e que elle servio e disseminou com muito efficaz diligencia e esforço, será o mais perduravel dos tropheus do seu combate. Perante elle esmorecem todos os demais; até mesmo não raro se tornarão ephemeros os que na primeira hora mais deslumbraram e mais opulentos se mostraram. O amor na tradição e a fé no seu poder de regeneração — este é o grande legado e o mais fértil da sua dilatada jornada, esta a melhor semente da sua sementeira, a mais prometteadora esperança que nos trouxe e o mais firme amparo que nos apontou em meio duma tormenta de instituições, de creanças e de costumes. — (Jayme de Magalhães Lima. — *Atlântida*, Lisboa).

NIETZSCHE E A ALLEMANHA

Nietzsche não escrevia para a Alemanha, que não comprehendia as suas concepções philosophicas. Nietzsche escrevia para a humanidade. Sua influencia sobre o mundo só começou quando o seu pensamento, traduzido em francez, se tornou accessivel aos que participam da civilização franceza. O philosopho sabia-o bem. O pensamento allemão não tem irradiação fóra da Alemanha, não tem influencia senão sobre cerebros allemães. Como elle queria, apesar disso, falar aos outros homens, mais de uma vez tentara fazer-se traduzir em francez. Não tinham outro fim as suas tentativas junto a Taine. Nietzsche só se tornou universal depois que as suas obras foram traduzidas em francez. O philosopho não teve participação alguma na grande loucura germanica. Elle souhava acima do bem e do mal, e seus sonhos não eram sonhos allemães, mas sonhos de semi-deus.

Para medir a distancia que separa o seu pensamento do de Ostwald, chimico e philosopho, como Nietzsche era philologo e philosopho, é preciso comprehender que Nietzsche, theorista do super-homem, quer elevar o individuo acima das leis christãs, ao passo que Ostwald, theorista da energia, quer desenvolver a energia da massa allemã, da dominação allemã. A idéa de Ostwald se oppõe á de Nietzsche como uma these politica se oppõe a uma concepção do espirito. Não se póde, pois situar Nietzsche na nova Alemanha. Por sua educação, pela feição do seu espirito, inteiramente especulativo, elle pertence francamente a um periodo allemão em que não havia ainda nascido o verdadeiro espirito allemão, de dominação e de egoismo nacional.

Podia-se ler Nietzsche sem mesmo perceber, a não ser pela maneira nebulosa de suas phrases; que era um allemão. Nietzsche era um europeu, e elle mesmo se gabava disso. Uma das suas phrases favoritas era esta: "Nós outros, europeus...". O philosopho está acima

da idéa nacional. E'-lhe precisa uma patria mais larga e sobretudo mais livre. Zarathustra precisa de uma patria romantica: opprimil-o-ia a que foi creada pelas novas idéas allemans, depois da victoria de 1870. Mas Nietzsche já tinha a sua razão morta quando essas idéas começaram a ter um desenvolvimento inesperado, quando, abandonando a civilização européa os allemães entraram na prisão da sua cultura nacional. Elle já não escrevia mais, e nada do que escrevera anteriormente tem o estigma do egoismo allemão. E' tambem elle o ultimo allemão que pertence francamente á civilização européa.

Tem-se dito, um pouco inconsideradamente, que Nietzsche tinha sido um dos educadores de Guilherme II. Guilherme, nesse caso, aproveitou muito mal as lições, porque Nietzsche prega aos homens, não a dominação sobre os seus semelhantes, mas a dominação sobre si mesmos. E' de lembrar-se o perfil que elle fez do verdadeiro philosopho, do philosopho dos novos tempos, de quem elle exige tamanta força d'alma e mesmo abnegação. E' isto que elle exige tambem dos que querem dominar seus irmãos, e nunca, mesmo em suas paginas mais brutaes, se encontra o elogio puro e simples da força. Do facto delle distinguir a moral dos senhores da moral dos escravos, não se deve concluir que elle reconheça o direito de ser senhor a quem não possui senão a força nua.

Esse admirador da Renascença sabia bem quaes são os elementos imponderaveis de um "condottiere", e que, para dominar os homens ó preciso mais alguma coisa além da fé na sua espada. Mas os directores da idéa allemã tomaram o habito de attrair a si todos os escriptores allemães antigos e modernos e de fazel-os dizer o que convém á sua these. E' bem possível que Guilherme II tenha lido Nietzsche ás avessas, e que o conselho mystico: "Sede duros!" Guilherme o tenha tomado ao pé da letra, como uma incitação á crueldade.

Para mim, entretanto, Nietzsche, longe de encarnar o imperialismo ou a cultura allemã, se lhe oppõe nitidamente. Elle representa outra forma da civilização, a que parte dos gregos e vem ter aos francezes, ou melhor, aos europeus do seculo XIX. Pois, não se viu Nietzsche censurar essa mesma "Kultur", da qual se pretende que elle seja um dos mestres? Elle, que chorou com a noticia do bombardeamento de Paris, como ter-se a audacia de supôr que approvaria a destruição de Louvain? — (Remy de Gourmont. — *Mercur de France*, Paris).

KERENSKY

Na revolução russa, nenhuma figura talvez excite mais a curiosidade do que a deste tribuno que durante mezes sustentou uma lucta formidavel contra o desajalmar das mesmas paixões que o levaram ao poder. Alexandre Kerensky, que não tem mais de 36 annos, foi educado em Tschkent, o centro commercial do Turkestan, onde seu pae, que tinha o titulo de general, era director do ensino. O pae do tribuno era um typo de fiel servidor do czar, ferozmente reaccionario de opiniões e autoritario no seu lar. Em compensação, a mãe de Kerensky era de espirito liberal e de caracter amavel.

Detalhe interessante: ella possuia sangue allemão nas veias, o que não impede que seu filho seja irreductivelmente hostile ao germanismo. A infancia de Kerensky decorreu num meio religioso muito estreito e muito rigido. Aos domingos, esse que devia ser o chefe da Russia revolucionaria, prestava serviços na igreja do lugar, despertando a admiração de todos os presentes. Já se mostrava com um raro dom de eloquencia, declamando poesias patrioticas e representando com successo, o principal papel de peças de Gogol. Quem sabe se não foi a obra de Gogol que orientou o seu espirito para as idéas revolucionarias?

Nesse tempo, Kerensky era um adolescente magro, alto, elegante, de physionomia regular e bella, muito requestado pela boa sociedade de Tachkent, graças ás suas qualidades mundanas. Mas, desde que começou a viver em Petrogrado, onde foi estudar direito, transformou-se radicalmente. Começando a frequentar os centros intellectuaes, Kerensky filiou-se logo ao partido revolucionario, em que a sua intelligencia e a sua eloquencia lhe deram consideravel influencia pessoal.

E' extraordinario o poder de trabalho de Kerensky. Era-lhe muito frequente trabalhar sem interrupção durante varios dias e noites, e ir depois a uma grande assemblea popular pronunciar um vibrante discurso — e tudo isso sem fadiga apparente.

Foi em Moscou que se fez a sua reputação de advogado: tomando parte em todos os grandes processos revolucionarios. Foi lá que elle se tornou o homem da revolução. Os que o conhecem definem assim a sua eloquencia: "Um vulcão que faz a sua erupção, e que irregularmente sem rythmo e sem logica na apparencia, jorra cascatas de um fogo devorador. Seu rosto, geralmente amarello e fatigado, se torna bello e conquista os ouvintes. O que encanta nelle, é, no meio das mais graves e asperas palavras, ter um sorriso quasi infantil e um brilho muito suave nos seus olhos vivos."

Subindo ao poder, a sua capacidade de trabalho ainda augmentou, e isso apesar da enfermidade que o rói aos poucos. Como certa pessoa lhe pedisse uma audiencia, para tratar de assumpto urgente, Kerensky marcou-lhe, como a coisa mais natural deste mundo — as tres horas da madrugada. Alguem lhe perguntou certa vez se não se estabeleceria o dia das oito horas na Russia: "Não sei ainda, respondeu elle; mas uma coisa eu sei: é que não se trata de trabalhar seis ou oito horas, mas vinte e quatro. E o que eu exijo de mim mesmo, exigirei de vós tambem".

Incontestavelmente, Kerensky é um caracter e uma força, um verdadeiro

chefe do povo. Mas a Russia de hoje será um povo ou apenas uma multidão? — (Jacques de Coussanges — *Le Correspondant*, Paris).

KORNILOF

Filho de um camponez cosaco e descendente do almirante Kornilof, o general Kornilof é um russo puro, apesar do caracter mongol que demonstram o traço dos seus olhos e a magreza do rosto, de maçãs salientes. Quando cursava a escola de artilharia, uma cigana lhe predisse que morreria com 63 annos. Fatalista como todos os homens da sua raça, essa predição lhe inspirou uma grande confiança no seu destino e lhe permittiu ser intrepido até á temeridade. E' assim que todo o soldado russo acredita na invulnerabilidade do general Kornilof. Citam-se varios casos, em que elle foi miraculosamente poupado pela morte. Durante o outomno de 1915, sendo já general, um shrapnell, rebatendo a alguns passos d'elle, matou um official que o precedia e outro que vinha atrás. E elle não soffreu nada. Sua grande popularidade data do momento da sua evasão de um campo de concentração austriaco.

Quando commandava a famosa divisão Souverof, Kornilof feriu-se, cahindo prisioneiro dos austriacos. Foi encerrado no castello de Esterhazy, primeiro, depois no hospital de Kersck, até que, conseguindo obter um uniforme de simples soldado, ponde fazer-se transportar para um campo de concentração de prisioneiros. Dahl elle se avadiu, com um soldado checo. Durante os primeiros dias viajaram em estrada de ferro, chegando a Budapesth, onde passaram uma noite num pateo cheio de soldados. Kornilof deitou-se ao lado de um soldado allemão, com quem conversou durante muito tempo. No dia seguinte arranjou vestes de paizano, e pôz-se de novo em marcha, sempre acompanhado do soldado checo. Despertaram então suspeitas, fizeram fogo sobre elles, morrendo o soldado... Kornilof, porém,

escapou á perseguição. Andou assim durante vinte dias, através das matas, sem viveres e sem dinheiro para compral-os, chegando enfim á Transilvânia, onde os camponezes rumanos, reconhecendo nelle um soldado russo, lhe franquearam as choupanas. E no dia 15 de Agosto de 1916, vestido de camponez, Kornilof transpuz a fronteira da Rumania. Estava salvo. A "aguia libertada", como o chamaram então na Russia, recebeu da Nicolau II o commando da "divisão selvagem", o mais famoso corpo do exercito russo. Foi desse posto que a revolução o tirou, para confiar-lhe o governo militar de Petrogrado, onde prestou muitos serviços preciosos, que por um momento fizeram suppôr que a Russia revolucionaria vencera a anarchia. Preferindo sempre a offensiva, Kornilof costuma dizer, para justificar a iniciativa do ataque: "Nós somos muito fracos para nos defendermos!"

O general Kornilof tem 47 annos. Se a cigana que lhe marcou a morte para os 63 annos falou certo, restam-lhe ainda a viver dezesseis annos, tempo bastante a um soldado como elle. — (Marylie Marekovitch — *Revue des Deux Mondes*, Paris).

O POETA DAS MULHERES

Assim se pode chamar dom Ramon de Campoamor y Campoosorio, cujo centenário do nascimento a Hespanha festejou a 24 de Setembro do corrente anno.

Toda a obra de Campoamor parece destinada a curar as febres romanticas e os seus "anjos do lar", e as borracheiras naturalistas e os seus "demonios de perversão". Dir-se-ia que o poeta, magnificamente dotado para delirar e com sufficiente espiritualismo para permanecer terra a terra — inscreveu no seu escudo litterario, á guisa de mote, a divisa de Fontenelle, — "Nem céu, nem terra". Dahi provém as restricções que lhe fazem tanto os apaixonados como os frios. Para os romanticos, Campoamor é talvez demasiado naturalis-

ta; para os partidarios do naturalismo, ha de ser com certeza, demasiado romantico. Os versificadores não perdoam aos poetas essa rara qualidade humana, que se chama ponderação.—Depois, Campoamor, com vasto testemunho humano, nega que as mulheres sejam "anjos do lar". Nem anjos, nem demonios; serão apenas mulheres. E' esta, provavelmente, toda a sua philosophia, e mesmo toda a sua esthetica litteraria. A sagacidade feminina percebe logo que um poeta tão sagaz, seria o seu melhor interprete. E as mulheres — que, ao contempular-se nas cornucopias romanticas de Victor Hugo e de Alfredo de Musset, não podiam conter um mochocho ironico, e, ao fitar-se mais tarde nas laas zolensas de Ná-ná, não podiam, tambem, reprimir um gesto de indignação — se viram copiadas no fidelissimo espelho campoamorino, nem como "anjos", nem como "demonios"; mas singela e humanamente como mulheres.

Nessa naturalidade poetica, que é o dom mais excelso de Campoamor, ha como um equilibrio do real e do ideal. Campoamor é o poeta das mulheres não só por conhecê-las, mas tambem por comprehendê-las. Uma das primeiras qualidades comprehensivas do poeta tão burguez, é precisamente a sua condição burgueza, o seu afastamento do aristocratismo como do plebeismo, e a sua equidistancia entre a affectação romantica e a affectação naturalista. Campoamor não inspira proselytismo beato nem proselytismo demagogico. Elle não canta, mas conversa. Não doutrina mas expõe. E quando canta, como no *Drama universal*, o povo, desde que o não comprehende, não o escuta. E quando proenra doutrinar, como no *Personalismo* e no *Absoluto*, a burguezia, que o não comprehende, dá de hombros. Ao publico, que não é poeta profissional nem philosopho de livros porque sente a poesia dos homens e a philosophia da vida, Campoamor dá, com o seu instincto immortel, a poesia das *Doloras* e a philosophia das *Humoradas*. — (Cristóbal de Castro — *La Esfera*, Madrid).

UMA CRUZADA DE CRIANÇAS

Em 1212, no tempo das Cruzadas, as crianças sentiram-se tomadas de entusiasmo guerreiro, suggestionadas pelo rumor de armas que em torno dellas se fazia. E uma massa enorme de crianças seguiu para a Terra Santa afim de libertar o túmulo de Christo.

A formação de semelhante exercito, composto de crianças, dos dois sexos, pareceria incrível se não ajudasse a explical-o o auxilio que a empreza recebeu de grande parte do povo, o qual esperava grandes coisas da singular Cruzada. Era tal a convicção de que os meninos cruzados tinham sido inspirados pelo Espirito Santo afim de que recuperassem só com a sua innocencia, o Santo Sepulcro, perdido pelos peccados dos antepassados, — que os progenitores que a isso se oppunham ou os sacerdotes que desaconselhavam a Cruzada das crianças, eram asperamente censurados pelos fanaticos.

A phalange infantil começou a formar-se em Vendôme, no Franco Condado, em seguida á propagação de alguns jovens exaltados, e foi engrossando pouco a pouco, especialmente ao atravessar a Alsacia e a Borgonha. Só o contingente de Strasburgo renniu áquelle exercito 1.800 pequenos guerreiros, fugidos das suas casas apesar das precauções paternas. A turba infantil atravessou os Alpes, e, embora já immensamente reduzida pelas mortes occasionadas pelo cansaço, e mais ainda pelo desaparecimento de muitos que, pelas terras atravessadas, iam sendo tomados pelos camponeses, que os transformavam em servos, — assim mesmo chegaram a Genova nada menos de sete mil... cruzados! Destes, uns mil chegaram até Roma. Mas desta cidade nenhum passou. Tinha-se feito crer ás pobres crianças que, atravessada a Italia, ellas poderiam transpôr o mar com os pés enxutos!

As mil crianças que chegaram até

Roma, lá tiveram a benção do Santo Padre, e muito provavelmente foram por elle ajudadas a repatriar, chegando todas a Marselha, sem outros incidentes. Em Marselha, porém, encontraram dois sujeitos que lhes deram a entender ser-lhes facil attingir a Palestina, sob a sua direcção. Os dois malandros fizeram embarcar as crianças em sete navios, que logo se fizeram ao largo. Sobrevindo uma tempestade, tres desses navios foram bater nalguns rochedos da Sardenha, não se salvando nenhum dos naufragos. Alguns annos depois, no lugar onde foram encontrados e inhumados os cadaveres dos pobres naufragos, Gregorio IX fez erigir uma capella sob o titulo de *Novos Innocentes*. Os outros quatro navios foram ter á Africa, onde os meninos cruzados foram vendidos como escravos pelos dois sujeitos que os haviam conduzido. Muitos morreram na escravidão ou se fizeram musulmanos, e os pouquissimos que foram á sua terra, só o conseguiram graças á grande caridade de um chefe arabe que na sua mocidade, e trajando de padre, havia viajado muito pelos paizes christãos.

Se essa cruzada de crianças fôsse exclusivamente legendaria, de certo a literatura já se teria aproveitado della, florindo-a e engrandecendo-a, para maior diffusão pelo povo. Mas não é apenas legendaria, pois encontram-se tambem referencias a ella em livros rarissimos, que só os ratos de bibliothecas podem descobrir, taes como a *Historia das Cruzadas* de Michaud, a *Historia Ecclesiastica* de Fleury, os *Annaes da Italia* de Muratori (anno 1212) e os *Grandes Annaes* de Strasburgo (de 1238). Michaud chega a dizer que pereceram nessa Cruzada nada menos de cincoenta mil crianças! Entre os pouquissimos cruzados que tornaram a vêr os seus paes havia algumas meninas, hecrea das quaes diz a chronica: *florem pudicitae suae amiserunt!* (America Searlatti — *Mineira*, Roma).

AS CARICATURAS DO MEZ



OS CRUZADOS GERMANICOS

— A minha missão é pedir a Deus que o Brasil seja, um dia, a Terra de Santa Cruz... de Ferro!

(Julião Machado — "D. Quixote", Rio)



É O MELHOR PRESENTE DE NATAL

*Um verdadeiro regalo
para os paladares delicados!*



LIVROS NOVOS

A Dívida do Brasil (estudo retrospectivo), pelo sr. E. T. de Souza Reis (4\$000 — edição da "Revista do Commercio e Industria", S. Paulo) — É um elegante volume, nitidamente impresso, com que se inicia a publicação de uma pequena bibliotheca sobre assumptos economicos e financeiros. Eis os titulos dos capitulos: Colonia e reino (1500-1822); Primeiro imperio; A convenção adicional e o emprestimo de 1823; A fundação da divida publica; A divida publica e o governo de d. Pedro I; Decunio regencial (1831-1840); O segundo imperio (1840-1850); O segundo imperio (1850-1871); A divida interna — A divida fluctuante; O segundo imperio (1871-1889). — É um livro muito interessante, que devem adquirir todos quantos se interessam por estudos economicos.

Os Amores de Camões, por Theophilo Braga, edição da "Renasçença Portuguesa" (2\$500 broch. na "Livraria Lealdade", S. Paulo, Rua S. Bento, 51). — O autor delta abaixo a lenda segundo a qual Camões amou apenas d. Catherina de Athayde; Camões amou d. Catherina, mas tambem amou sua prima Isabel Tavares e d. Francisca de Aragoão. O illustre dr. Theophilo Braga cita os mais bellos sonetos amorosos de Camões e conta factos interessantissimos das relações amorosas do poeta. Livro que todos devem ler, não só porque é agradabilissimo, como porque revela um aspecto novo da personalidade do poeta portuguez, tão grande e tão desgraçado.

O Enforcado, novellas pelo sr. Costa Macedo, edição da "Renasçença Portuguesa" (br. 3\$000, na Livraria Lealdade, S. Paulo, R. S. Bento, 51). — São oito bellos contos do conhecido escriptor portuguez, sr. Costa Macedo, illustrados por Corrêa Dias. Escriptas em portuguez de let, essas novellas, de fantasia e realidade, são encantadoras, sobretudo a primeira, que dá o nome ao volume.

Theoria Geral do Processo ou Theoria das Acções, segundo o Código Civil de 1916, pelo dr. Almachio Diniz; edição da Livraria Francisco Alves, S. Paulo e Rio (preço 3\$000). — O sr. A. Diniz, cuja competencia é notoria, faz um estudo muito interessante da materia. Todos os advogados encontrarão neste livro noções excellentes sobre as acções, com a sua classificação, mechanismo, etc. O processo das acções é um dos capitulos mais interessantes, assim como o das provas e o dos recursos.

Theoria e Practica dos Contractos por instrumento particular no Direito brasileiro, pelo dr. Afonso Dionysio Gama (580 paginas, preço 2\$3000, edição da Livraria Leite Ribeiro & Maurillo, Rio de Janeiro, R. S. Antonio, 3). — É um bello volume em que o autor estuda minuciosamente o assumpto na Parte Theorica, e, na Parte Practica dá um formulario magnifico aos advogados. Eis os titulos dos principaes capitulos: Dos contractos em geral — Dos contractos que podem ser feitos por instrumento particular — Dos contractos em particular — Formula de contractos por instrumento particular, etc.

A APPARECER:

O Sacy-Perêrê, por um Demologista amator. Livro de 300 paginas formato grande, abundantemente illustrado, onde se enfeixa o inquerito aberto ha tempos sobre esta interessante figura do nosso "folk-lore". A venda em todas as livrarias, em principio de Janeiro. — Preço, 4\$000.

Dez mortes tragicas, contos por Montello Lobato, edição da "Revista do Brasil", a apparecer em Fevereiro ou Março.

A "REVISTA DO BRASIL" encorrega-se de adquirir, por encomenda, em S. Paulo ou no Rio, quaesquer livros nacionaes ou estrangeiros, comtanto que os pedidos venham acompanhados da respectiva importancia.

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes das molestias nervosas e mentaes

Medico consultor - Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno - Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director - Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calva do Corrello, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

Grande Loteria de São Paulo

FIM DE ANNO
EM 28 DE DEZEMBRO

200 Contos em dois grandes
premios de

100:000\$ = 100:000\$

INTEIRO	9\$000
MEIO	4\$500
FRACÇÃO	\$900

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPECABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

- Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
- J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
- Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
- Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
- Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
- Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
- William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
- Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
- J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
- P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
- Holzpfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceptam pedidos para importação directa mediante
modica commissão



AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:~: nenhum outro :~:

ooo

Industrias Reunidas

F. MATARAZZO
SÃO PAULO

ooo

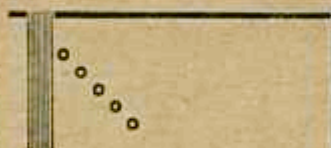
N. B. — As engommadeiras, quando não quizerem dar brilho aos engommados, não devem empregar o "AMIDON ESPLENDOR", porque este amido é muito brilhante, e, por isso, proprio para os engommados que requerem brilho. Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diversas fabricas do paiz, que se encontram no mercado com a denominação de AMIDO BRILHANTE, — porque estes amidos são brilhantes só no nome, e, aos engommados não communicam o menor brilho.

ETABLISSEMENTS BLOCH

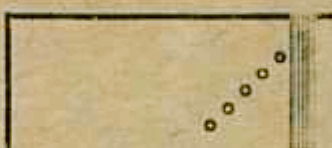
Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francs



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFE MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEDS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirijir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO

